

Ana Maria da Costa

Calçadão dos Mascates



Promessas e desilusões de uma intervenção urbana,
o olhar dos comerciantes informais

MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO URBANO/ UFPE

Recife, 2004.

Costa, Ana Maria da

**Calçadão dos Mascates: promessas e
desilusões de uma intervenção urbana: o
olhar dos comerciantes informais / Ana
Maria da Costa. – Recife : O Autor, 2004.
143 folhas: il., fig., tab., fotos.**

**Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano, 2004.**

Inclui bibliografia e apêndices.

**1. Desenvolvimento urbano – Planejamento
urbano. 2. Desenho urbano – Intervenção urbana. 3.
Teoria da representação social (Planejamento
urbano) – Utilização. I. Título.**

**711.4 CDU (2.ed.)
711.4 CDD (21.ed.)**

**UFPE
BC2004-398**



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Ata de Defesa de Dissertação em Desenvolvimento Urbano da Mestranda ANA MARIA DA COSTA .

Às 9.00 horas do dia 14 do mês de Junho de 2004 reuniu-se na Sala dos Professores do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco a Comissão Examinadora de Dissertação composta pelos professores: Norma Lacerda Gonçalves (orientadora) Maria de Fátima Ribeiro de Gusmão Furtado (examinadora interna) e Maria de Fátima de Souza Santos (examinadora externa), aprovada pelo Colegiado do Curso em 12.5.04 para julgar, em exame final, o trabalho intitulado "CALÇADÃO DOS MASCATES - Promessas e Desilusões de Uma Intervenção Urbana - O Olhar dos Comerciantes Informais", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Urbano. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Norma Lacerda Gonçalves, após dar conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA. O resultado final foi comunicado publicamente a candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar eu Rebeca Júlia Melo Tavares lavrei a presente ata, que será assinada por mim e por todos os membros participantes da Comissão Examinadora, Recife, 14 de junho de 2004.

Profa. Norma Lacerda Gonçalves
Orientadora

Profa. M^{te} de Fátima Ribeiro de Gusmão Furtado
(examinador interno)

Profa. Maria de Fátima de Souza Santos
(Examinadora Externa/Dept^o de Psicologia/UFPE)

Caixa Postal 7809 - Cidade Universitária - CEP 50732-970 - Recife-PE/Brasil
Tel: XX (81) 2126-8311 - Fax: XX(81) 2126-8772 - E-mail: mdu@ufpe.br

A BANCA CONSIDEROU O TRABALHO EXCELENTE,
INDICANDO PARA PUBLICAÇÃO.

[Handwritten signature]

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu.

Calçadão dos Mascates

Promessas e desilusões de uma intervenção urbana,
o olhar dos comerciantes informais

Ana Maria da Costa

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Norma Lacerda (Orientadora)

Prof^a Dra. M^a de Fátima Furtado (Examinador Interno)

Prof Dra. M^a de Fátima Santos (Examinador Externo)

UFPE, junho de 2004.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela brilhante idéia de me conceber, de proporcionar-me educação e lazer nas horas certas, de sonhar e planejar junto comigo. Pelo respeito dado à trajetória que eu escolhi para a minha vida.

Ao meu marido e companheiro de lutas e conquistas, que soube conduzir nossos filhos, Luísa e Daniel, sem sofrimento nos períodos de minha ausência.

À professora Norma Lacerda, orientadora *incontestemente*, pela sua presteza e respeito às minhas idéias, pela condução exemplar que possibilitou o desenvolvimento e enriquecimento deste trabalho.

Aos professores Drs. Ana Rita Sá Carneiro, Eliete Santiago, Fátima Santos, Luiz De La Mora e a Virgínia Pontual, pela atenção e observações em tempo hábil para a construção do conteúdo deste trabalho.

Aos professores do Mestrado em Desenvolvimento Urbano da UFPE, pela dedicação e força de vontade em repassar os conhecimentos que muito contribuíram para minha formação. Aos funcionários administrativos do MDU, especialmente à secretária Rebeca, que sempre acreditou em mim e não me deixou perder prazo algum.

Aos colegas de trabalho, tanto da UNICAP quanto do CEFET, pelas disponibilidades e presteza, especialmente a Weydson Ferraz, pelos sonhos compartilhados.

Aos colaboradores Antonio Cisneiros, Antonio C. Pernambuco, Eduardo Fernandes, Jorge Cândido, Renata Lira e Sônia Almeida, pela paciência em entender e ajudar com as suas habilidades.

A todos os entrevistados, pela presteza e permissão de apreender suas idéias e sentimentos acerca do Calçadão dos Mascates, especialmente a D^a Elza, Pedro das Alpercatas, Sr. Cid, Sr. Luiz Galdino, M^a Betânia, D^a M^a das Langerir.

A meus colegas da turma que fazem parte desta caminhada, especialmente a Thyana, Clodomir e Mariana, pelas constantes informações e divertidos momentos de troca, de idéias.

Aos meus familiares, que sempre incentivaram as minhas intenções de conquistas com palavras que me encorajavam e fortaleciam.

Enfim, com sinceridade, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a construção deste conhecimento em forma de tese.

HOMENAGEM ESPECIAL

A João Batista que, com certeza, foi o maior colaborador para a minha pesquisa.

Homem simples, de poucas palavras, personalidade marcante e caráter forte. Retirante do agreste pernambucano, fuge do corte da cana. Conhece as ruas do centro do Recife aos sete anos de idade, quando tem início a sua primeira profissão – comerciante de rua.

Começa a vender *balas* e *bombons* perambulando nas ruas do centro, desde o bairro de São José até a calçada da Faculdade de Direito, já no bairro da Boa Vista, local onde tem freguesia certa para as suas guloseimas. Seu pai e seus três irmãos também desempenham a mesma atividade. Sua mãe já não é mais deste mundo.

Já adolescente, transita nas ruas sem medo, o centro da cidade é seu velho conhecido. Muda de produto, agora vende *Afelô*, iguaria doce à base de açúcar mascavo e limão. Amplia o seu percurso de vendas, sai da rua Imperial e vai até o alto da Sé em Olinda – cidade vizinha. Como prêmio, na venda de todos os doces, era-lhe permitido voltar de bonde para casa.

Jovem muito inteligente, ajuda na fabricação dos *Afelôs*. Em troca, recebe a permissão para dormir no chão da cozinha. Aprende rapidamente o ofício, ensina a sua madrastra que logo forma freguesia no bairro dos Afogados, na mesma cidade.

Já rapaz, afasta-se da profissão de vendedor ambulante, ingressa na marinha mercante e ganha o mundo a bordo de grandes navios. Conhece várias cidades no Brasil e no exterior, mas nenhuma tem a liberdade oferecida para comercializar como as ruas do Recife.

De volta à cidade que o acolheu aos sete anos, retoma as suas atividades de vendedor de rua. Agora adulto, quer estabilidade, um ponto fixo nas ruas tão conhecidas e amigas. O produto agora é sapatos. Fixa território na Rua Direita, esquina com a Travessa do Mercado, calçada da Casa Real. O português, dono da loja, assim como a um patrício, trata-o bem e oferece-lhe o batente de uma das portas para comercializar. Cria-se então um laço de amizade e gratidão que gera o hábito de, nas épocas festivas, oferecer a esse padrinho presentes condizentes com as datas: perus no Natal, bolos de milho, canjicas e pamonhas nas festas juninas, um bom uísque no Ano Novo.

E assim, nessa tranqüilidade, passaram-se mais de trinta anos da vida de João Batista na calçada. Uma rede de amizades é formada. São tantos os companheiros de mesmo ofício que a calçada vai ficando pequena. O movimento de venda é tão grande que atende a todos. “*Sempre haverá gente para comprar a um camelô*”, diz ele, alegando que não acredita no desaparecimento dos pobres. Passaram anos e saíram anos, e as ruas servindo de abrigo para todos. “*Das ruas eu tiro o meu sustento. É o meu mundo, é a minha vida.*”

Mas, nem João Batista nem os outros tantos Batistas que existiam nas ruas contavam com a homenagem feita a eles. Surgia o *Calçadão dos Mascates* prometendo dar abrigo, ordem, higiene e segurança. Expectativa para todos os lados, incredulidade, medo, previsões negativas para a transferência. O sossego das ruas já não existia mais, perseguições eram incontáveis. As perguntas ficavam no ar, sem respostas: Por que não arrumam a gente aqui mesmo? Por que não respeitam o nosso tempo como dono deste lugar? Por que não podemos dizer o que precisamos? Tantos “*por quês*” que não foram bem esclarecidos. João Batista não seguiu para o novo território. Era sensível e pressentia a desgraça. Deixou o ofício e acompanhou a triste trajetória dos seus amigos que ano a ano foram falindo, mudando de produtos, diversificando, comprando fiado, desgraçando-se. Abandonando tudo.

João Batista morreu triste por não mais ter direito a comercializar nas ruas, tão suas quanto de todos os comerciantes de rua. Tudo o que ele gostava de fazer era comercializar nas ruas, era viver nas ruas.

E como ironia do destino seu antigo ponto, no batente da casa Real, é hoje abrigo de vários outros Batistas.

SUMÁRIO

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES E SIGLAS

RESUMO E ABSTRACT

INTRODUÇÃO 013

1 PRODUÇÃO DO ESPAÇO, PLANEJAMENTO URBANO E REPRESENTAÇÕES

SOCIAIS: UM ESBOÇO DE ARTICULAÇÃO 019

1.1 Breves considerações sobre o conceito de espaço 019

1.2 Desenho urbano: uma dimensão do planejamento urbano 024

1.3 Uma introdução à Teoria das Representações Sociais 028

2 O PERCURSO METODOLÓGICO 034

2.1 Campo de atuação para o estudo empírico 036

2.2 Considerações sobre a amostra 037

2.3 As entrevistas e a observação *in loco* como componentes do trabalho de campo 043

2.4 A análise e interpretação das informações: a ajuda do software ALCESTE 044

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O BAIRRO DE SÃO JOSÉ E O CALÇADÃO DOS

MASCATES 050

3.1 Bairro de São José 050

3.2 O Calçadão dos Mascates 055

4 A VIDA NO CALÇADÃO DOS MASCATES 063

4.1 (Re) apresentando o Calçadão dos Mascates 063

4.1.1 Observando o Calçadão dos Mascates: disposição física e atropelos 063

4.1.2 Fluxo de pedestres: a dança dos comerciantes informais 100

4.1.3 As características dos comerciantes do Calçadão dos Mascates 105

4.1.4 O cotidiano no Calçadão dos Mascates 110

4.2 As idéias e práticas compartilhadas pelos comerciantes do Calçadão e pelos comerciantes que comercializam nas ruas 113

4.2.1-Como os comerciantes vêem o Calçadão 118

4.2.2-Como deveria ser o Calçadão dos Mascates 125

5 CONCLUSÕES PLAUSÍVEIS: OBSERVANDO POR OUTRA ÓTICA 130

REFERÊNCIAS 138

APÊNDICE 142

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 Mapa de localização da área em estudo. Fonte: R. Projeto N° 190 /ano 95	045
Fig. 2 Fluxo de pedestre. Fonte: Revista Projeto N° 190 /ano 95	046
Fig. 3 Mapa com o B. S. J. Fonte Museu da Cidade (FCP) (1980)	047
Fig. 4 Sexto Módulo Fonte: Pesquisa Direta, 2003	048
Fig. 5 Vista do bairro São José. Fonte: www.recife.gov.br	058
Fig. 6 Mercado de São José Fonte: www.recife.gov.br	060
Fig. 7 Basílica da Penha. Fonte: www.recife.gov.br	060
Fig. 8 Igreja de São Pedro Fonte: www.recife.gov.br	061
Fig. 9 Igreja N.S.do Carmo Fonte: www.recife.gov.br	061
Fig.10 Vista aérea do Calçadão Fonte: www.recife.gov.br	066
Fig.11 Vista lateral – Arco. F. Galeria de fotos da prefeitura - www.recife.gov.br	067
Fig.12 Casario demolido do B. S. José (1968) Fonte: Museu da Cidade (FCP)	068
Fig.13 Igreja do Bom Jesus dos Martírios. Fonte: Fundação Joaquim Nabuco	068
Fig.14 Esquema básico de um Módulo – circulação de usuários. F.: P.D., 2003	069
Fig.15 Esquema básico da composição dos setores do Calçadão. F.: P.D.,2003	072
Fig.16 Arco do 1 Módulo vista lateral. Fonte: P.D., 2003	072
Fig.17 Desenho esquemático dos Arcos. Fonte: P.D., 2003	073
Fig.18 Arco do 1º Módulo. Fonte: P.D., 2003	074
Fig.19 Pilar do Arco do 1º Módulo. Fonte: P.D., 2003	074
Fig.20 Marcação amarela no piso.Fonte: P.D., 2003	074
Fig.21 Vista aérea do 1º Módulo.Fonte: Revista Projeto N° 190 /ano 95	076
Fig.22 Box no seu modelo original. Fonte: P.D., 2003	078
Fig.23 Box tipo Fiteiro e Baú. Fonte: P.D., 2003	078
Fig.24 Box tipo lojinha. Fonte: P.D., 2003	078
Fig.25 Corredor central dos Módulos. Fonte: JC /Caderno Cidade 23/04/2003	079
Fig.26 Esquema do Módulo.Fonte: P.D., 2003	080
Fig.27 Gambiarras nos pontos de luz. Fonte: P.D.,2003	081
Fig.28 Prumada sem fiação–6º M. Fonte: P.D., 2003	081
Fig.29 Sistema incêndio desativado. Fonte: P.D. 2003	081

Fig.30 Prolongamento de cobertura nas laterais dos Módulos. Fonte: P.D. 2004	083
Fig.31 Comerciante e cartão de visita. Fonte: P.D., 2003	084
Fig.32 Acesso ao depósito, andar superior dos Módulos. Fonte: P.D., 2003	085
Fig.33 Corredor central do Módulo. Fonte: P.D., 2003	086
Fig. 34 Superlotação nas laterais. Fonte: P.D., 2003	088
Fig.35 Extensões da área dos Boxes Fonte: P.D., 2003	088
Fig.36 Decoração natalina. Fonte: P.D., 2003	088
Fig.37 Box tipo ateliê, 4º Módulo. Fonte: P.D., 2003	089
Fig.38 Relojoeiros 4º Módulo. Fonte: P.D., 2003	089
Fig.39 Oficinas no 5º Módulo. Fonte: P.D., 2003	089
Fig.40 Sexto Módulo. Fonte: P.D., 2004	092
Fig.41 Quiosques na versão original Fonte: Revista Projeto Nº 190 /ano 95	093
Fig.42 Quiosques atualmente. Fonte: P.D., 2003	093
Fig.43 Prolongamento da cobertura. Fonte: P.D., 2003	094
Fig.44 Lateral externa dos Quiosques entre Módulos. Fonte: P.D., 2003	094
Fig.45 Orientadores para pingueiras e baldes. Fonte: P.D., 2003	094
Fig.46 Acréscimos de cobertas metálicas nos Quiosques. Fonte: P.D., 2003	094
Fig.47 Pontos de lanches e Baús. Fonte: P.D., 2003	096
Fig.48 Ponto de lanche e de artigos variados. Fonte: P.D., 2003	096
Fig.49 Vista superior das cobertas dos Quiosques. Fonte: P.D., 2003	098
Fig.50 Terraço entre os Quiosques. Fonte: P.D., 2003	098
Fig.51 Esquema da distribuição dos Quiosques em ziguezague. F.: P.D., 2003	098
Fig.52 Pátio Aberto próximo ao 1º Modulo. Fonte: P.D., 2003	100
Fig.53 Pátio Aberto próximo ao 6º Módulo. Fonte: P.D., 2003	100
Fig.54 Bancos e arborização no 1º Pátio Aberto. Fonte: P.D., 2003	101
Fig.55 1º Pátio Aberto às 15 h, épocas festivas. Fonte: P.D., 2003	102
Fig.56 1º Pátio Aberto à noite. Fonte: P.D., 2003	102
Fig.57 Banheiros parte externa – 4ºMódulo. Fonte: P.D., 2003	104
Fig.58 Banheiro no 2º Módulo. Fonte: P.D., 2003	105
Fig.59 Parede externa do banheiro, 1º Módulo. Fonte: P.D., 2003	105
Fig.60 Acesso ao banheiro, marcação amarela no piso. Fonte: P.D., 2003	105

Fig.61 Escadaria da caixa d'água. Fonte: Revista Projeto N° 190 /ano 95	106
Fig.62 Escadaria do 4º Módulo. Fonte: P.D., 2003	106
Fig.63 Escadaria da caixa d'água. Fonte: P.D., 2003	107
Fig.64 Escadaria do 1º Módulo. Fonte: P.D., 2003	107
Fig.65 Escadaria do 2º Módulo. Fonte: P.D., 2003	107
Fig.66 R. Tobias Barreto, bairro de São José (1940). Fonte: Museu da Cidade-FCP	111
Fig.67 Vendedor de lanches às 7 h no setor dos Quiósques. Fonte: P.D., 2003	115
Fig.68 Vendedora de lanches e pequenas refeições setor Módulos F.: P.D., 2003	116
Fig.69 Vendedor de lanches e pequenas refeições setor Quiosques.F.: P.D., 2003	116
Fig.70 Esquema com idéias para forma dos Módulos. Fonte: P.D., 2003	121
Fig.71 Esquema com idéia para os Quiosques. Fonte: P.D., 2003	122
Fig.72 Idéias para a circulação de pedestres. Fonte: P.D.,2003.	122
Fig.73 Idéias para localização do empreendimento. Fonte: P.D., 2003	123
Fig.74 Esquema com palavras que representam os CICs. Fonte: P.D.,2004	127
Fig.75 Esquema com palavras que representam os CIRs. Fonte: P.D.,2004	128
Fig.76 Palavras que representam CIC e CIR. Fonte: P.D.,2003	129
Fig.77 Palavras mais representativas de cada grupo. Fonte: P.D.,2003	130
Fig.78 Esquemas com palavras mais representativas do grupo CIC. F.: P.D.,2003	131
Fig.79 Palavras mais representativas do grupo CIC. Fonte: P.D.,2003	132
Fig.80 Esquema com palavras mais representativas de cada grupo. F.: P.D., 2003	134
Fig.81 Esquema com as palavras mais representativas dos grupos CIC e CIR. F.: P.D., 2003	135

LISTA DE SIGLAS

AV	-Avenida
BSJ	-Bairro de São José
CIC	-Comerciante informal do Calçadão
CIT	-Comerciante informal transferido
CIGC	-Comerciante informal geração Calçadão
CIR	-Comerciante informal de rua
CM	-Calçadão dos Mascates
DP	-Diário de Pernambuco
EMLURB	-Empresa de Limpeza Urbana do Recife
F	-Fonte
FCP	-Forte das Cinco Pontas
FIG	-Figura
IPTU	-Imposto territorial urbano
JC	-Jornal do Comércio
LABINT	-Laboratório Interno de Psicologia (UFPE – departamento de Psicologia)
MDU	-Mestrado em Desenvolvimento Urbano
M	-Módulo
SJ	-São José
UCI	-Unidade de contexto inicial
UCE	-Unidade de contexto elementar
PD	-Pesquisa Direta
R	-Revista

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar e refletir sobre a importância dos insumos apreendidos por meio das Representações Sociais dos sujeitos sobre os espaços produzidos a partir de intervenções urbanas, como conhecimentos capazes de subsidiar a elaboração de projetos ou as revitalizações de áreas. Aborda o Calçadão dos Mascates, no bairro de São José, no Recife, como exemplo e problema de Desenho Urbano. Desvenda o cotidiano dos comerciantes nesse ambiente, suas diversas formas de apropriação e identificação. Investiga mediante as falas, a forma de uso, os gestos, as idéias e as práticas socialmente construídas e compartilhadas, a identidade com o local. Parte do pressuposto de que, na contemporaneidade, os aspectos inerentes à localização, ao uso e à conservação de áreas que sofreram intervenção urbana revelam uma lacuna entre o Planejamento Urbano e a vida cotidiana. Se, por um lado, o Planejamento Urbano precisa considerar a história das localidades e suas especificidades, por outro, precisa aproximar-se da ótica dos sujeitos.

Fundamenta-se na Teoria da Representação Social elaborada por Serge Moscovici(1961), empregando uma metodologia com abordagem qualitativa. Investiga traçando um paralelo entre as representações dos comerciantes informais estabelecidos na localidade e as representações dos comerciantes de ruas – como eles vêem o Calçadão dos Mascates (Camelódromo).

ABSTRACT

This research aims to investigate and ponder on the importance of inputs, which are collected from Social Representations about spaces built through urban interventions, as acquisitions able to support the design and revitalisation planning of those areas. The *Calçadão dos Mascates* (Pavement of Hawkers) in São José district of Recife, is the corpus of analysis elected as example and issue of Urban Design. We pursue to reveal the environment day-by-day in its different ways of settling and marking the environs, based on enquires of speeches, gestures, conceptions, practices and ways of using whose identity is socially constructed and shared with the place. Our starting-point defends that aspects inherent to localisation, use and conservation of areas undergoing contemporarily urban intervention show us the gap between Urban Planning and daily life. On one hand, should Urban Planning ought to consider the local history and its specificities, on the other hand, it has to come closer to the users' perspective. The methodology hereafter applied assumes a qualitative approach based upon the Theory of Social Representation proposed by Serge Moscovici (1961), as well as further investigate how traders see the *Calçadão dos Mascates* by comparing samples of informal traders, who are settled in that place, to those of street vendors point-of-views.

INTRODUÇÃO

A ciência era antes baseada no senso comum e fazia o senso comum menos comum; Sem dúvida, cada fato, cada lugar comum esconde dentro de sua própria banalidade um mundo de conhecimento, determinada dose de cultura e um mistério que o faz ao mesmo tempo compulsivo e fascinante (Moscovici, 2003 – p. 60).

A presente pesquisa pretende investigar e refletir sobre as Representações Sociais enquanto insumos para projetos de intervenção urbana. Interessa, especificamente, apreender o que pensam e sentem os indivíduos envolvidos com a área que sofreu intervenção. Dizendo de outra maneira, se os espaços gerados se aproximam ou não de suas Representações Sociais. A partir desses resultados, pretende-se refletir sobre a importância da colaboração do universo subjetivo desses sujeitos na elaboração de projetos de intervenção urbana.

Para atingir esse objetivo, a pesquisa adota como objeto empírico de análise o *Calçadão dos Mascates*, refletindo sobre os significados, as identidades e as idéias socialmente construídas, ou seja, compartilhadas acerca desse local de atividade específica. Esse conjunto informacional será obtido mediante a apreensão das Representações Sociais² – senso comum dos sujeitos. Foram considerados os sujeitos envolvidos direta ou indiretamente, isto é, aqueles que estão estabelecidos na área e os que estão nas adjacências do local.

Parte-se do pressuposto de que, na contemporaneidade, aspectos inerentes à localização de determinados equipamentos, bem como as suas características arquitetônicas, revelam uma lacuna entre o Planejamento Urbano e a vida cotidiana. Se, por um lado, o Planejamento Urbano precisa considerar a história das localidades e suas especificidades, por outro, precisa aproximar-se da ótica dos sujeitos. Com essa aproximação, o Planejamento Urbano consideraria os aspectos subjetivos como insumos que devem fazer parte do conjunto de conhecimentos geradores das propostas de intervenção. Acredita-se que agindo dessa forma, as necessidades dos indivíduos, para

² Trata-se de categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a (Minayo, 1995). No capítulo sobre a fundamentação teórica, será mais bem explicado quando da abordagem da Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Serge Moscovici (1961).

quem a intervenção será proposta, terão maiores probabilidades de ser apreendidas pelos projetistas. Afinal, os espaços são vivenciados, de fato, pelos indivíduos que povoam a área e dão sentido à realidade socioespacial. Desse modo, os sujeitos constituem um potencial enquanto colaboradores para a construção de informações capazes de desvendar as suas necessidades e desejos, transformando-os em protagonistas da ação.

É bem verdade que o processo Planejamento Urbano contempla aspectos sociais, como nível de renda e grau de instrução. Mas os aspectos subjetivos, edificados no dia-a-dia dos grupos sociais, raramente constituem subsídios para a elaboração de proposta de intervenção. A aquisição de conhecimento prévio da realidade da vida cotidiana, segundo o pressuposto deste trabalho, poderá contribuir para uma maior probabilidade de êxito do empreendimento. Portanto, captar as Representações Sociais seria um dos mecanismos de obtenção de informações para subsidiar a concepção de projetos de espaços.

Como foi anunciado, optou-se, como recorte para esta pesquisa, a área localizada no centro do Recife, no bairro de São José, mais precisamente no canteiro central da parte sul da Avenida Dantas Barreto, entre o Pátio de Nossa Senhora do Carmo e a Praça Sérgio Loreto - espaço denominado *Calçadão dos Mascates*. Na década de setenta, essa área já havia sido alvo de intervenções em nome do progresso, com a abertura do tecido secular para dar passagem à parte sul da Avenida Dantas Barreto. Na década de noventa, foi novamente requalificada para dar abrigo ao Calçadão dos Mascates – espaço específico para a atividade de comércio informal (comércio de rua).

A intervenção urbana que gerou o Calçadão dos Mascates deve ser considerada como um problema do Planejamento Urbano, mais especificamente do Desenho Urbano, parte do conjunto de práticas e processos que compõem o Planejamento Urbano. A intenção era abrigar os comerciantes informais e garantir organização, higiene e segurança para a prática das atividades desse segmento social.

Essa intenção, gerada ainda na década de oitenta, foi respaldada na realidade dos comerciantes informais (ambulantes, camelôs) que ocupavam as ruas do centro do Recife. Esse segmento social, de tradição histórica¹, apresentava-se em quantidade alarmante.

¹ Essa tradição histórica refere-se à formação da cidade do Recife com os seus *mascates* - mercadores ambulantes que percorrem as ruas e estradas a vender objetos manufaturados, tecidos, perfumes, jóias, etc.

Vários motivos contribuíam para esse quadro, dentre eles o desemprego, problema local mas também nacional, e a falta de organização, higiene e segurança para o desempenho dessa atividade nas ruas do centro do Recife.

Alguns planos e estratégias foram elaborados e executados por diversos governos com vista a solucionar o problema do comércio informal. Algumas ações foram extremamente radicais, outras não foram viabilizadas. Após muitas tentativas e vários fracassos, é elaborado o projeto Calçadão dos Mascates, projeto polêmico, desde o seu início quanto à forma de participação dos segmentos interessados. Foi implantado rapidamente e a transferência dos comerciantes informais das principais ruas do centro do Recife foi feita também rapidamente. A ordem era não deixar nenhum camelô nas ruas.

Esse empreendimento completou dez anos em fevereiro de 2004 e encontra-se quase abandonado. Apenas um terço da sua lotação é utilizado. Vários problemas surgiram, como a superlotação de comerciantes informais em alguns *setores*¹ do Calçadão, bem como a falta de higiene e de segurança em toda a extensão do empreendimento. Existem trechos totalmente abandonados ou utilizados para outras finalidades. A realidade dos que ainda conseguem praticar as suas atividades de comércio no Calçadão é dura e sem credibilidade econômica.

Como o problema do comércio informal persiste e o Calçadão dos Mascates apresenta sinais bastante visíveis de fracasso, a Prefeitura do Recife tenta ações diversas para solucioná-lo. Viabilizar o Calçadão dos Mascates tem sido uma busca constante nas propostas de revitalização da área. Nesse sentido, destaca-se a importância de se considerarem nas propostas de recuperação e conservação física do empreendimento os aspectos subjetivos e imateriais que envolvem o Calçadão dos Mascates. Esses insumos, segundo a hipótese deste trabalho, devem referenciar o que, numa intervenção, deve ser valorizado, preservado ou até mesmo criado.

Com outras palavras, entender por que alguns setores do Calçadão estão dando certo, são valorizados e utilizados pelos sujeitos, enquanto outros setores se encontram abandonados ou com mudança de uso, conhecer as práticas sociais que se desenvolveram

¹ Serão considerados *setores*, neste trabalho, as áreas onde estão os Módulos, Quiosques, Pátios Abertos, que são as subdivisões das áreas do Calçadão dos Mascates e que serão apresentados mais detalhadamente nos capítulos 3 e 4.

ou são compartilhadas a partir da nova realidade de uso do espaço e captar as idéias socialmente construídas ao longo do tempo de uso do Calçadão dos Mascates devem ajudar na elaboração de propostas para a revitalização da área.

Como se trata de uma intervenção urbana, feita para atender às necessidades de um segmento social, envolve muitos aspectos passíveis de investigação. Nesta pesquisa, algumas questões orientaram o interesse: Como é o dia-a-dia dos comerciantes estabelecidos no Calçadão dos Mascates? O que pensam e sentem os comerciantes informais a respeito desse equipamento? Quais as formas de apropriação, pelos comerciantes, dos setores que o compõem? Quais as melhorias que precisam ser feitas para garantir um bom desempenho da atividade nesse espaço? E, ainda, o conjunto das respostas a essas indagações permitirá uma aproximação das Representações Sociais sobre o Calçadão, ajudando a apreender o cotidiano e as particularidades desse ambiente, bem como o que se deve considerar no processo de elaboração de projetos dessa natureza, ou seja, os possíveis sinalizadores a serem considerados.

Para alcançar os objetivos dessa investigação, foi necessário delinear etapas de trabalho refletidas nos capítulos que compõem este texto.

Assim, no primeiro capítulo, procurou-se estabelecer teoricamente uma articulação entre Produção de Espaço, Planejamento Urbano, mais particularmente Desenho Urbano, e Representações Sociais. Essa articulação permitiu entender que a produção de espaços vai mais além da materialidade das coisas, estendendo-se ao campo das subjetividades. Esses conceitos são abordados e articulados com a intenção de fornecer elementos para a análise da problemática em questão.

O capítulo 2 busca apresentar o percurso metodológico que orientou a tática de aproximação dos sujeitos sociais, a coleta de dados, a análise e a interpretação das informações. Traz, também, a delimitação do campo de atuação empírica, considerações sobre a amostra, esclarecimentos sobre as entrevistas e observação *in loco* como componentes do trabalho de campo. É oportuno lembrar que alguns dos entrevistados são antigos no comércio de rua, fazem parte dessa realidade desde as primeiras ações dos governos na década de oitenta; outros, começaram a comercializar a partir do Calçadão, não trazem nenhuma experiência das ruas. Nas entrevistas, além dos comerciantes estabelecidos no Calçadão, foram considerados alguns comerciantes das ruas do centro do

Recife. Essas ruas foram apontadas, pelos comerciantes informais do Calçadão, como focos de resistência quanto à sua transferência para esse equipamento.

O terceiro capítulo remete às considerações sobre a área onde foi implantado o Calçadão dos Mascates, ou seja, o bairro de São José, e sobre o Calçadão dos Mascates propriamente dito. São características e particularidades do cotidiano do bairro, de alguns monumentos e de exemplos arquitetônicos existentes na região. São informações sobre as ações e estratégias governamentais para enfrentar o problema do comércio informal no Recife, bem como peculiaridades do projeto e da sua implantação.

No quarto capítulo, consta o resultado da pesquisa empírica. Primeiramente, as informações apreendidas na observação *in loco*. Trata-se da descrição dos setores do Calçadão e da análise de suas dinâmicas cotidianas. Dessa forma, registra-se o contexto do ambiente construído e as práticas socioespaciais compartilhadas. A idéia é conhecer esse universo para compreender as explicações dos sujeitos entrevistados, proporcionando uma aproximação do campo representacional onde se concebem as Representações. Também faz parte do conteúdo desse capítulo a análise dos resultados das entrevistas realizadas com os grupos de comerciantes informais. Esses resultados corroboram com a observação *in loco*, no sentido de clarificar as Representações sobre o ambiente construído. Os conteúdos foram apresentados como um conjunto de idéias e representações acerca do Calçadão dos Mascates. Afinal, os sujeitos das entrevistas ora eram pertencentes a algum setor do Calçadão, ora eram lotados nas ruas do centro do Recife. São apresentadas, igualmente, as opiniões dos sujeitos a respeito da forma ideal para se comercializar no ambiente, ou melhor, o que falta ao ambiente para que a prática da atividade seja lucrativa e prazerosa.

E, por fim, a conclusão da pesquisa, na qual constarão os comentários e avaliações a partir das informações fornecidas por todo o conteúdo investigado.

Enfim, este trabalho, de caráter exploratório, não tem a pretensão de exaurir o tema ou de se apresentar como a única fonte para a compreensão de espaços produzidos para fins específicos. É, mais, uma construção de conhecimentos, visando proporcionar reflexões e fornecer subsídios para futuras reformas no Calçadão, ou, até mesmo, para subsidiar novos projetos que tenham o mesmo objetivo ou similares. Compreende-se que observar a área, ouvir as idéias e os saberes dos grupos relacionados ao ambiente a ser projetado, para atendê-los nas suas necessidades, procurando entender o que realmente esperam desse

ambiente é gratificante e enriquecedor para quem projeta, além de diminuir os riscos quanto ao alcance dos objetivos para os quais foi concebido.

1 PRODUÇÃO DO ESPAÇO, PLANEJAMENTO URBANO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM ESBOÇO DE ARTICULAÇÃO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, tornou-se fundamental tecer breves considerações sobre o conceito de espaço, uma vez que a atividade de Planejamento Urbano, mais particularmente de Desenho Urbano, em geral, diz respeito a um determinado espaço. Isso posto, foi analisado o conceito de Representações Sociais, sob impulso do pressuposto de que a apreensão dessas representações constitui importantes insumos para o conhecimento de uma determinada realidade social na qual se pretende intervir mediante o Desenho Urbano.

Assim sendo, este capítulo foi subdividido em três partes: breves considerações sobre o conceito de espaço, Desenho Urbano: uma dimensão do Planejamento Urbano e uma introdução à Teoria das Representações Sociais.

1.1 Breves considerações sobre o conceito de espaço

O conceito de espaço foi objeto de reflexão e de debate por parte de numerosos estudiosos oriundos de diversas disciplinas. Para os fins deste trabalho, foram privilegiados alguns autores cuja definição de espaço permitiu um melhor entendimento da realidade a ser pesquisada. Embora as definições não sejam coincidentes, permitiram vislumbrar aspectos essenciais, muitas vezes complementares.

Merleau-Ponty (1971), por exemplo, faz uma distinção entre um espaço geométrico e um espaço existencial, onde o primeiro é a estrutura na qual o segundo se desenvolve, ou seja, o espaço existencial é o *locus* onde se processa a experiência de relação do ser com o meio, onde algo é produzido, o que não aconteceria sem o espaço geométrico concreto. Poder-se-ia dizer que o espaço geométrico é o “lugar” e o espaço existencial é o “espaço”, entendendo que um não existe sem o outro.

Certeau (1990), por sua vez, afirma que o espaço é um lugar praticado, isto é, um cruzamento de forças motrizes que dão movimento e animação ao lugar, entendido esse como a estrutura na qual o espaço pode desenvolver-se, pois é marcada simbólica e historicamente.

Augé (1994) faz também uma distinção entre espaço e lugar, propondo que o espaço seja visto como um “não-lugar”, pois não existe enquanto forma pura, ao contrário do lugar. Este último seria uma realidade marcada historicamente e com identidade própria, sempre em eterno acabamento. Assim, o não-lugar é essencialmente um lugar passageiro, sem sedimentação real. O lugar nunca é completamente apagado e o não-lugar nunca se realiza completamente. O lugar é o *locus* no qual o espaço pode ser criado e ganhar um *status* de corporeidade.

Foucault (1979), por sua vez, oferece elementos para considerar que a história dos espaços é correlativa à história dos poderes, a saber, que o espaço é um reflexo e um grande instrumento para o exercício do poder, sendo o disciplinamento dos espaços uma das grandes estratégias do capitalismo em busca do controle dos corpos e das mentalidades.

Guattari (1992) afirma que os espaços urbanos são máquinas enunciativas, ou seja, seu alcance vai além de suas estruturas visíveis e funcionais, pois interpelam os sujeitos das mais variadas maneiras: histórica, funcional, afetiva, simbólica, estilística. Cada conjunto material (rua, prédio, cidade) é um foco de subjetivação:

Não seria demais enfatizar que a consistência de um edifício não é unicamente de ordem material, ela envolve dimensões mecânicas e universos incorporais que lhe conferem sua autoconsistência subjetiva (Guattari, 1992:161-162).

Tais enunciados levam a reflexões profundas sobre o Calçadão dos Mascates, uma vez que, simultaneamente, se pode considerá-lo como o *locus* onde se processa a experiência de relação do ser com o meio (Merleau-Ponty), como um lugar praticado (Certeau), muito embora a sua história seja recente e a sua identidade em construção, isto é, sem, ainda, uma sedimentação real (Augé). Afinal, foi um espaço imposto, decorrente de uma intervenção autoritária, um instrumento para o exercício do poder, nos termos colocados por Foucault. Por tudo isso, configura-se como um espaço enunciativo, interpellando os sujeitos das mais variadas formas (Guattari), como se verá no capítulo 4.

A produção desse espaço, como de qualquer outro, seja ele projetado ou de acontecimento espontâneo,¹ realiza-se envolvendo uma série de fatores determinantes

¹ Quando não existe planejamento prévio para a sua construção e são produtos de lutas de classes como, por exemplo, as favelas.

(forma, função, localização, estrutura, acessibilidade, grupos sociais). São esses fatores determinantes que levaram Milton Santos (1992 – p.16) a afirmar que o espaço está em evolução permanente, e que tal evolução resulta da ação de fatores externos e de fatores internos.

No caso do Calçadão dos Mascates¹ (1994), foi projetado pelo poder municipal para abrigar comerciantes informais,² de modo a garantir as necessidades básicas, como organização, higiene e segurança. O atendimento dessas necessidades foi almejado pelos idealizadores do projeto, a fim de favorecer a população concernente. Porém, se esses fatores externos explicitados pelo governo municipal, no qual se originou a ação, não forem ao encontro dos valores internos, a saber, dos usuários, é provável que não haja a devida apropriação do espaço, o que poderia comprometer o desempenho do empreendimento. Como adverte De La Mora (2002 –p.10), para que o fracasso do empreendimento tenha maior probabilidade de não acontecer,

(...) os sujeitos sociais devem participar do processo de elaboração dos projetos, no entendimento de que a sustentabilidade do empreendimento depende do envolvimento de todos aqueles que podem contribuir favoravelmente para o sucesso do projeto que serão os mesmos que podem levar ele ao fracasso se não se engajam solidamente.

Este texto acata a idéia desse autor. Afinal, pensar, projetar ou gerenciar espaços, com a participação social, deve ser buscado em função das condições da sociedade, das suas necessidades e desejos. Daí a importância de se considerarem quatro aspectos básicos:

- 1- A **forma**, como sendo o aspecto visível da coisa (objetos ordenados, padrão), envolve, dentre outros aspectos, a dimensão temporal;
- 2- A **função**, que seria a atividade esperada da forma, instituição ou coisa;
- 3- A **estrutura**, que implica a inter-relação de todas as partes de um todo (modo de organização ou construção);
- 4- O **processo**, que é uma ação contínua que implica temporalidade e mudança.

¹ Apenas para não confundir o leitor, o *Calçadão dos Mascates* também é conhecido pelo nome popular de *Camelódromo*.

² Será considerado, neste trabalho, como comerciante informal, todos os comerciantes que comercializam nas ruas ou em áreas ou edificações destinadas ao comércio informal. Comércio informal é uma atividade de venda ou de troca de mercadorias sem controle fiscal, sem pagamento de imposto.

No que se refere particularmente ao processo, em geral, ele envolve interesses divergentes dos agentes sociais. Esses interesses podem encontrar uma unidade no Estado, pois é quem tem o poder de orientação e definição de metas que planificam o espaço. Podem, também, não encontrar tal unidade, provocando, muitas vezes, estratégias autoritárias. Explicando de outra maneira, essas estratégias nem sempre estão em convergência com os interesses dos agentes sociais.

Voltando ao exemplo Calçadão dos Mascates (Camelódromo), trata-se de um espaço imposto,¹ projeto aprovado sem tempo para questionamentos pelos segmentos da sociedade interessados. Essa forma de atuação foi, até recentemente, predominante. Como bem coloca Arantes (1998 – p.146):

Até bem pouco tempo, a abordagem da cidade, tanto no plano prático das intervenções urbanas, quanto no âmbito dos discursos teórico específico, se dava prioritariamente em termos de racionalidade, funcionalidade, salubridade, eficiência, ordenação das funções.

Percebe-se que a concepção do Calçadão dos Mascates foi apoiada nesses princípios. Não sem razão, encontra-se quase abandonado, como demonstram as notas em jornais de grande circulação do Recife.²

¹ Pelo menos é o que aponta o relatório feito pela **Fundação Joaquim Nabuco**, em 1995. “A polêmica, que envolveu políticos, lojistas, arquitetos, agentes imobiliários e naturalmente os próprios ambulantes, foi gerada, principalmente, pela forma como foi apresentado: projeto em caráter definitivo, sem deixar espaços para alterações” (Araújo, Bezerra, Bompastor, 1995 – p.25).

² “E todos sabem que os seus ocupantes não estão comparecendo todos os dias porque preferem comercializar seus produtos em outros locais mais visitados”.(JC, 20/11/98).

“PCR cria atração para o **combalido Camelódromo**”
(JC, 05/11/99)

“Atualmente, o local (sexto módulo) está **desativado** e serve para embarque e desembarque de algumas linhas de ônibus que usam o espaço de forma desordenada” (DP, 02/07/2000).

“A **transferência** dos ambulantes para o Camelódromo é vista com **receio** pelos camelôs. **Eles temem fraco movimento** no local – o Camelódromo está abandonado” (JC, 23/04/2003).

“**Camelódromo vive dias de agonia** – dos 1460 locais reservados para os comerciantes, menos da metade se encontra ocupado” (JC, 14/10/2003)

Agindo dessa forma, os governos exercem seu poder no espaço; logo, o espaço torna-se elemento de dominação do Estado (considerado classe dominante) e, ao mesmo tempo, revela claramente as divergências entre os grupos sociais que aí se realizam. Segundo Ana Fani (2001 –p.29):

Convém sublinhar que as estratégias que percorrem o processo de reprodução espacial são estratégias de classe, referem-se a grupos sociais diferenciados, com objetivos, desejos e necessidades diferenciados, o que torna as estratégias conflitantes.

Em outras palavras, essa autora adverte de que existe diversidade nos anseios dos grupos sociais e de que as estratégias não podem ser únicas, padronizadas, e sim contemplar, o máximo possível, as diferenças. Ela conclui que o Estado, com suas estratégias, orienta e assegura a reprodução das relações sociais no espaço inteiro, revelando-se como instrumento político intencionalmente organizado. Na verdade, Fani inspirou-se em Foucault (1970), nos termos anteriormente colocados.

Embora os autores citados apresentem pontos de divergência, todos comungam com a idéia de que as relações sociais são realizadas e ganham concretude na materialização do espaço. Esse, por sua vez, influencia nas relações sociais.

No entanto, o mais importante a considerar, para os fins desta pesquisa, é que os grupos sociais se anunciam e se projetam na vida cotidiana dando sentido e identidade ao espaço. Desse modo, as relações sociais realizam-se e produzem-se nas práticas sociais, no uso dos espaços, nas vivências do cotidiano, nos saberes e desejos. Isso significa que o uso do espaço envolve o indivíduo e seus sentidos, permitindo possibilidades e limitações nas formas de apropriação desse espaço. Sendo assim, um espaço manipulado, nos termos colocados por Foucault e assumidos por Fani, pode encontrar resistências por parte dos grupos sociais envolvidos (usuários diretos ou indiretos).

A noção de apropriação espacial remete às questões do valor de uso dos espaços. Pode-se definir a palavra *apropriação*, a partir de um dicionário comum, como sendo adaptar, tomar como próprio, apoderar-se, podendo chegar a definições mais complexas. No caso do espaço urbano, segundo Rooseman Silva (2003, p.38), a apropriação realiza-se em dois momentos. No primeiro, *o espaço é adequado a uma determinada atividade introduzida pelo sujeito*. No segundo, *acontece uma identificação desse sujeito com o*

espaço gerado tanto pelo bom desempenho da atividade como pela relação de objetos, signos e códigos presentes no espaço.

Portanto, aceitar um espaço e identificar-se com ele tem reflexo direto nas práticas que se estabelecem no mesmo espaço, nas práticas sociais,¹ nas práticas de formas de apropriação. Dessa forma, é compreendendo os sujeitos nas suas diversidades de representações sociais do espaço que se conseguem projetar ambientes de modo a se aproximar de suas aspirações. Essas representações designam uma forma de pensamento social que se constitui pelo conhecimento mobilizado pelas pessoas comuns, na comunicação informal da vida cotidiana (Spink, 1995b).

Antes mesmo de tecer considerações sobre a Teoria das Representações Sociais, um esclarecimento se faz necessário sobre o Desenho Urbano e sua inserção no Planejamento Urbano, pois o Calçadão dos Mascates pode ser considerado um problema de Desenho Urbano.

1 2 Desenho urbano: uma dimensão do planejamento urbano

Planejamento nada mais é do que o *cálculo que antecede e preside a ação* (Matus, 1989). Necessita sempre de uma qualificação para acrescentar-lhe uma particularidade, como, por exemplo, planejamento empresarial, planejamento administrativo, planejamento educacional, planejamento urbano, planejamento estratégico, dentre tantos outros adjetivos capazes de direcionar a ação de planejamento.

Nesse sentido, o planejamento, adjetivado por urbano (relativo à cidade) é o conjunto de política, programas, planos, projetos e diversos instrumentos coordenados pelo poder governamental para, em princípio, beneficiar a urbe (cidade).

Os processos e práticas do Planejamento Urbano desfilam pela história das cidades, numa tentativa de responder às necessidades dos diferentes segmentos sociais. Como essas necessidades são diversas, essa atividade é vulnerável a críticas e a protestos. Seu conteúdo dependerá sempre da correlação de forças entre os agentes sociais.

¹ Almeida, Santos e Trindade (2000), no texto *Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas*, trazem uma grande contribuição para o entendimento do conceito sobre práticas sociais: *As práticas sociais se referem a um processo interativo em que sujeito, objeto e grupo social não podem ser considerados isoladamente.*(p. 265)

A crítica ao Planejamento Urbano, nestes últimos trinta anos, tem se tornado bastante acirrada, envolvendo profissionais de diversas áreas do conhecimento. Os críticos marxistas,¹ mesmo divergindo entre si, denunciavam o planejamento como um instrumento a serviço da manutenção do *status quo* capitalista. Harvey (1985 – p. 175 - 176), sintetizou o espírito dos estudiosos marxistas dos anos 1970 e 1980, quando fez observações da seguinte monta:

*(...) the planner's task is to contribute to the processes of social reproduction and that in so doing the planner is equipped with powers vis-à-vis the production, maintenance, and management of the built environment which permit him or her to intervene in order to stabilize, to create the conditions for 'balanced growth', to contain civil strife and factional struggles by repression, cooptation, or integration (In SOUZA, 2002 – P. 27). **

Nesse sentido, o Planejamento Urbano teria como compromisso criar, no âmbito da cidade, o principal *locus* do sistema capitalista, as condições básicas para a sua reprodução, mesmo que, para garantir a viabilidade e o sucesso das medidas e procedimentos, houvesse a necessidade de contrariar certos interesses capitalistas.

Hoje em dia, a posição dos críticos marxistas é bastante questionada. O pensamento marxista entrou em crise, principalmente após a queda do Muro de Berlim, em 1989, acontecimento que permitiu um avanço triunfal do pensamento liberal. Mesmo nesse contexto, é aceita a confirmação de Souza (2002 – p. 28), quando diz que *é preciso admitir que as críticas marxistas contra o planejamento urbano usualmente conduzido nos marcos de uma sociedade capitalista são, em si mesmas, importantes e reveladoras.*

No que se refere ao Brasil, a “crise do Planejamento Urbano e Regional”, delineada nos anos 1980, deveu-se, em grande parte, às críticas marxistas, iniciadas na Europa e nos Estados Unidos nos anos 1970. O próprio termo “planejamento” perdeu a sua majestade e

¹ Para uma boa panorâmica sobre o pensamento marxista e de sus críticos ver *O Urbanismo*, Choay (1998)

* Tradução da autora “A tarefa de planejar é contribuir com o processo de reprodução social e que, em assim fazendo, o planejador cerca-se de forças ‘vis-a-vis’ para a produção, manutenção e gerenciamento do ambiente construído os quais permitem a ele ou ela a intervir no sentido de estabilizar, a criar as condições para o crescimento equilibrado, a fim de conter o descontrole civil e atuar pela repressão, cooptação ou integração”.

poder. Era necessária uma outra expressão que não demonstrasse práticas autoritárias, mas sim, a conotação de um controle mais democrático. Surge então a idéia do uso do termo “gestão” (gestão urbana, gestão territorial, gestão ambiental, etc). Para alguns autores, no entanto, a substituição pura e simples do termo apóia-se em uma incompreensão de natureza conceitual. Souza esclarece:

Planejar sempre remete ao futuro: planejar significa tentar prever a evolução de um fenômeno ou, para dizê-lo de modo menos comprometido com o pensamento convencional, tentar simular os desdobramentos de um processo, com o objetivo de melhor precaver-se contra prováveis problemas ou, inversamente, com o fito de melhor tirar partidos de prováveis benefícios. De sua parte, gestão remete ao presente: gerir significa administrar uma situação dentro dos marcos dos recursos presentemente disponíveis e tendo em vista as necessidades imediatas (2002 – p. 46).

Isso significa que a gestão pode apoiar-se ou não no planejamento.

O desgaste da expressão Planejamento Urbano fez com que alguns profissionais, particularmente os arquitetos, passassem a adotar a expressão “*Urban Design*” que, em português, foi traduzido como Desenho Urbano. Essa tradução da expressão, na ótica de Del Rio (1990), não constitui um equivalente perfeito. Esse autor adverte que o Desenho Urbano não surgiu com a intenção de substituir a expressão Planejamento Urbano, mas sim, para denominar mais um campo disciplinar que tem como objetivo tratar a dimensão físico-ambiental da cidade, enquanto conjunto de sistemas físico-espaciais e sistemas de atividades que interagem com a população mediante suas vivências, percepções e ações cotidianas (Del Rio,1990-p.54).

Abre-se, assim, um canal de diálogo entre algumas das ciências sociais, com destaques para a Arquitetura, a Antropologia, a Geografia e a Psicologia Social, assinalando um aprendizado entre cientistas sociais e arquitetos. Como bem coloca Souza (2002 – p. 59):

A diferença não significa, necessariamente, rivalidade, e muito menos antagonismo, o aprendizado mútuo entre cientistas sociais e arquitetos precisa ser aprofundado. Arquitetos preocupados com o planejamento urbano devem beber nas fontes das ciências sociais.

Os insumos conquistados a partir desses outros olhares devem ser considerados como aportes importantes para o sucesso das intervenções urbanas.

Mas, quais são realmente as interfaces entre Planejamento Urbano e Desenho Urbano? Este último é uma dimensão (a dimensão do desenho) que deve sempre permear o processo de Planejamento Urbano. Logo, deve haver uma inter-relação dinâmica e constante entre planos e projetos, fazendo com que o momento final do Planejamento Urbano e o momento inicial do Desenho Urbano não existam de forma estanque, garantindo assim uma influência mútua, tanto na dimensão físico-ambiental quanto na elaboração dos planos e seus objetivos. Nesse sentido, pode-se comungar com Souza (2002), quando admite ser o Planejamento Urbano um conjunto constituído por partes em que uma delas é o Desenho Urbano, ou seja: *O Planejamento Urbano inclui o Urbanismo (ou o Desenho Urbano, como preferirem); o último é um subconjunto do primeiro* (Souza, 2002 – p. 58).

Da forma considerada por Souza (2002), o Desenho Urbano é um subconjunto do Planejamento Urbano, não querendo dizer com isso que esses dois campos sejam iguais ou que um anule o outro. São campos distintos e com particularidades que se somam. Amos Rapoport (1977) esclarece essas diferenças e comunga tanto com Souza quanto com Del Rio, ao apontar as particularidades dos dois campos de atuação :

O Planejamento difere do Desenho Urbano, em parte, por uma questão de escala, pois não se pode desenhar uma cidade inteira, mas organizá-la e estruturá-la: enquanto o Planejamento lida com decisões políticas e locacionais. O Desenho Urbano trata da natureza dos elementos urbanos e suas inter-relações, como experimentados e compreendidos pela população (In Del Rio, 1990 – p. 53).

O Desenho Urbano, além de ser considerado embutido no Planejamento Urbano e de trabalhar com escalas diferentes, tratando os elementos urbanos e suas inter-relações com os habitantes, diz respeito, essencialmente, aos padrões urbanísticos, considerando aspectos como a imagem das localidades, as visualidades, as identidades locais, as relações com o ambiente natural, as relações morfo-tipológicas, os espaços públicos e as variedades de acontecimentos. Enfim, todas as temáticas de caráter físico-ambiental.

Nesse momento, não podemos deixar de citar Kevin Lynch (1960), talvez o pesquisador mais influente no desenvolvimento do Desenho Urbano. Ele chama a atenção para novas categorias analíticas, para o conhecimento e atuação sobre a forma urbana, trazendo aportes da psicologia e exemplos da *percepção* do meio ambiente (In Del Rio. 1990-p. 40).

Então, propor intervenção em um ambiente construído requer um conhecimento dos grupos sociais envolvidos e da sua história, incluindo as suas práticas sociais. Não se pode esquecer que remodelar o espaço significa remodelar as práticas sociais. Foi o que aconteceu com o Calçadão dos Mascates, espaço remodelado para abrigar comerciantes informais que exerciam as suas atividades nas ruas do centro do Recife.

O Desenho Urbano concebeu esse espaço como solução, solução que, por sua vez, virou problema. Provavelmente, se os seus projetistas tivessem lançado mão dos aportes da psicologia social – mais particularmente da Teoria da Representação Social, como insumos para a escolha da localidade bem como de suas características arquitetônicas – teriam tido maiores chances de êxito.

1.3 Uma introdução à Teoria das Representações Sociais

Partindo dessas evidências e dos questionamentos sobre o envolvimento dos sujeitos com a elaboração do projeto arquitetônico para uma atividade específica, pretende-se investigar as Representações Sociais, ou seja, o senso comum dos comerciantes informais sobre o Calçadão dos Mascates.

Para tanto, é importante o aporte da Teoria das Representações Sociais, verificando os seus pontos de tangência com a elaboração de projetos para espaços específicos e como os seus insumos podem contribuir para o conhecimento técnico-científico dos projetistas. Afinal,

(...) se uma representação social é uma ‘preparação para a ação’, ela não o é somente na medida em que guia o comportamento, mas sobretudo na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. Ela consegue incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de

observação que tornam essas relações estáveis e eficazes (Moscovici, 1978 – p.49).

Complementando:

Sabemos que o espaço refere-se ao uso a que se destina e, normalmente, diversas atividades se dão em seus diversos recortes. Compreendemos, inclusive, que a permanência ou mudança dos significados relaciona-se às maneiras pelas quais venha a ser usado e apropriado. É assim que as regras socialmente estabelecidas estão permanentemente em construção e a atividade, ao dotar o espaço de significação, constrói a identidade (Caracas, 2002 p. 13).

A Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida por Serge Moscovici (1961), na França. Essa teoria tem sido amplamente aplicada graças à sua maleabilidade. Alguns autores, como Jodelet, Palmonari, Abric, Farr, dentre outros da esfera internacional, e alguns da esfera nacional, como Pereira de Sá, Guareschi, Jovchelcovitch, Santos, Lacerda, Monteiro, têm apresentado aplicações em campos empíricos bastante diversos (os dois últimos nomes têm desenvolvido pesquisas no campo do Planejamento Urbano). Não obstante, a Teoria das Representações Sociais tem se tornado o cerne de muita discussão nos últimos tempos, o que não invalida a sua aplicabilidade, pois como confirma Santos (1998 - p151):

Pensar a Teoria das Representações Sociais é também considerar as críticas que têm sido formuladas e produzir conhecimento que vise ultrapassar suas fragilidades e resgatar o caráter interdisciplinar proposto por Moscovici, tanto do ponto de vista das diferentes áreas de conhecimentos quanto na interface com os diversos processos e conceitos utilizados pela psicologia.

Não sem razão, Moscovici (1978- p.41,42) considera que as Representações Sociais são:

(...) entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos

produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnadas.[...]Para o chamado homem moderno, a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto, circunscrito em seus alicerces e em suas conseqüências. (grifo nosso)

É exatamente esse ‘quase’ o responsável por tantas querelas. Na verdade, tratar-se-á sempre de uma aproximação e, jamais, de uma verdade absoluta. Constitui, como afirmou o autor, uma das vias, dentre outras, de apreensão do mundo pelo homem moderno.

Moscovici (1961), o pai da Teoria das Representações Sociais, afirma que:

Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisa de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade do grupo [...] que isso se dê de forma comunicativa e difusiva, pois não há outros meios, com exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar a tais coisas (Moscovici,2003 - p.216).

No *Grand Dictionnaire de la Psychologie*, encontra-se uma definição de Representações Sociais que, embora formulada por Jodelet¹ (1991 p.668), se apóia em Moscovici:

Forma de conhecimento corrente, dito ‘senso-comum’, caracterizado pelas seguintes propriedades: 1-socialmente elaborado e partilhado; 2-tem uma orientação prática de organização, de domínio do meio (material, social, ideal) e de orientação das condutas e da comunicação; 3-participa do estabelecimento de uma visão de realidade comum a um dado conjunto social (grupo, classe, etc.) ou cultural (In. Almeida, 2003 – p. 02).

Não cabe aqui fazer-se um tratado sobre a Teoria das Representações Sociais, pois, além de não ser o objetivo principal deste documento, essa Teoria ainda se encontra em construção. Porém, é preciso reconhecer que a Representação Social, ou seja, o senso comum, gera insumos, relacionados a assuntos diversos. As pessoas buscam compreender

¹Denise Jodelet é seguidora de Moscovici, tendo sido sua auxiliar por muito tempo, porém seu enfoque é a cultura.

seu mundo e seu cotidiano. A realidade da vida cotidiana¹ é partilhada com os outros. Esse compreender, explicar e partilhar a realidade constrói novos conhecimentos. Portanto:

O status dos fenômenos da representação social é o de um status simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhe um significado através de algumas proposições transmissíveis (Moscovici,2003 - p.216).

É importante salientar que Moscovici partiu do conceito de Representação Coletiva de Durkheim:

O produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associam, misturam, combinam suas idéias e sentimentos: longas séries de gerações acumularam [...] sua experiência e saber (Durkheim, apud Sá, 1995, p. 21).

Para Durkheim, a sociedade é que pensa, ela é à base das Representações Coletivas, não sendo necessariamente consciente do ponto de vista individual. Elas, as Representações Coletivas, possuem vida própria e reproduzem-se no meio social, mesmo em contato com outras representações. Segundo Minayo (1993 – p.159,160), “*as características básicas das Representações Coletivas em relação ao comportamento e pensamento individual são a exterioridade, a autonomia e a coercividade*”. Logo, existe a primazia do social sobre o individual, se se consideram as Representações Coletivas constituídas por uma lógica própria da sociedade. Porém, para Moscovici:

O que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como o fator determinante, dentro do pensamento individual (2003 – p.40).

¹ Sobre *realidade da vida cotidiana*, seria interessante tomar o conteúdo do capítulo “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana” (2002 - p.35), do livro **A Construção Social da Realidade** de Berger e Luckmann, como referencial teórico. Para adiantar, veja-se esta citação: *A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. [...] A realidade da vida está organizada em torno do ‘aqui’ de meu corpo e do ‘agora’ do meu presente. Este ‘aqui e agora’ é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana (p.39).*

Para complementar o entendimento sobre as Representações Sociais, é preciso compreender o conteúdo da estrutura de uma Representação Social. Nesse conteúdo encontram-se a *figura* e *significação* como pólos poucos dissociáveis. Nesse caso, a palavra figura é utilizada por exprimir melhor a idéia de expressão e produção do sujeito, ou seja, para cada figura existe um sentido e para cada sentido existe uma figura.

Além disso, Moscovici apresenta dois processos formadores da Representação Social, que são a objetivação e a ancoragem (amarração). Objetivar é uma operação imaginante e estruturante – transforma uma abstração em algo tangível. Falando de outra maneira: é a incorporação do figurativo na realidade, ligar a palavra a alguma coisa. No caso em análise, significa verificar se os atores, envolvidos ou não, formularão palavras (ou expressões) que poderão ser relacionadas ao abandono do espaço ou à sua realidade anterior, mesmo de forma figurativa. Na ancoragem, há o enraizamento da representação e do seu objeto, que serve para firmar a representação – são as bases de referências, a tradição, a história, as redes de significados. No caso em análise, significará verificar a mudança nos hábitos e formas de comercializar (a organização, a formalidade, a segurança do espaço, etc.) Moscovici coloca que a compreensão de como os elementos representados se integram a uma realidade social é favorecida pela objetivação. Já a ancoragem contribui para o entendimento de como esses elementos não só influenciam e modelam as relações sociais mas as exprimem. Ao se analisarem as representações dos comerciantes informais dever-se-á inferir de modo a captar a objetivação e a ancoragem que estão embutidas nas entrelinhas dos conteúdos das entrevistas e observações.

Sendo assim, a escolha dessa Teoria aconteceu porque ela privilegia os significados, os sentidos, as idéias, o conhecimento construído socialmente e partilhado, oferecendo possibilidades e meios para uma reflexão acerca dos ambientes construídos e das relações sociais que neles se desenvolvem. Sabe-se que nos espaços (ambientes) os indivíduos ou grupos sociais, por meio da fala (conversas informais), dão formas às suas práticas sociais. Então, nos espaços construídos com finalidades específicas, como é o caso do Calçadão dos Mascates, onde foram estabelecidas uma forma, uma função, uma estrutura específica, existirá a possibilidade de analisar as práticas socioespaciais que influenciam nas Representações Sociais criadas acerca do mesmo. Esses conhecimentos informacionais

contribuirão para uma aproximação das representações do comerciante informal sobre o Calçadão dos Mascates, apreendendo os novos significados e identidades.

Daí o pressuposto de que a apreensão das Representações Sociais confirma um caminho para a compreensão dos significados inerentes a ambientes específicos. Como instrumento de pesquisa, dela resultará um sistema de referências, comuns aos indivíduos que vivenciam um determinado ambiente. A partir delas, será possível perceber o senso de identidade comum e os significados compartilhados, caracterizar os valores de um determinado grupo ou contexto (ambiente).

2 O PERCURSO METODOLÓGICO

Nenhum instrumento é perfeito: aliás, temos insistido nas qualidades como nas falhas e limites daqueles que consideramos. Mas um pesquisador decide sempre usar mais de um instrumento e aproveitar assim as vantagens de cada um, minimizando alguns de seus inconvenientes (Laville; Dionne 1999. p - 191).

O percurso metodológico é muito mais que a simples aplicação de um método. É um ir e vir de idéias e procedimentos que se vão modificando no decorrer das etapas da pesquisa, de acordo com os acontecimentos que envolvem o momento da pesquisa e as habilidades do pesquisador. Esses acontecimentos ajudam a construir formas particulares de apreensão de informações ou associações de instrumentos para garantir um produto informacional. E, como bem colocam Laville e Dionne (1999), o pesquisador é quem decide, de acordo com os seus objetivos, quais e como serão utilizados os instrumentos de pesquisa.

Nessa investigação, como foi enunciado, pretende-se apreender as Representações Sociais de determinados grupos de comerciantes informais acerca de um espaço construído com uma finalidade específica. Seus saberes e idéias compartilhadas é que serão captados. Logo, recorrer-se-á à abordagem qualitativa, pois dessa maneira serão levados em conta os significados e as intenções existentes nas ações, relações e estruturas sociais. Alguns autores, dentre eles Minayo(1993), afirmam que essa abordagem não deve ser vista como uma oposição às quantitativas, apenas existindo uma condução da investigação, por considerar os aspectos subjetivos, para níveis mais profundos da realidade. Aceita-se a afirmativa de Caracas (2002. p – 27) quando diz que:

A questão do qualitativo é importante para o urbanismo, pois este se encontra intrinsecamente relacionado com a realidade social. Dessa forma, privilegamos os sujeitos buscando apreender, em suas falas, as idéias e os sentimentos que elaboram em relação aos espaços.

Desse modo, privilegiando as falas, as idéias compartilhadas, os saberes, as práticas socialmente construídas, haverá apoio das Representações Sociais, categoria de análise da Psicologia Social, desenvolvida por Moscovici (1961) e seus seguidores, como ficou registrado no capítulo sobre a fundamentação teórica deste trabalho. Serão enfocadas, por

meio, de entrevistas, as representações de indivíduos que comercializam no Calçadão dos Mascates e de indivíduos que ainda comercializam nas ruas. As representações serão construídas pelos elementos comuns aos sujeitos.

Dividir a amostra em dois grupos teve a intenção de proporcionar uma visão comparativa dos olhares desses grupos sobre o Calçadão dos Mascates: aqueles que participam comercializando no local e aqueles que ainda estão comercializando nas ruas. Acredita-se que compreender como tais sujeitos se relacionam com esse espaço e entender por que setores do Calçadão dos Mascates são mais ou menos utilizados, ou seja, vivenciados, representarão uma contribuição para reflexões acerca da sustentabilidade e conservação de espaços produzidos por intervenções no traçado urbano.

Vale salientar que, no caso dessa investigação, adotou-se - para uma análise mais confiável dos diferentes aspectos da realidade do Calçadão dos Mascates - a estratégia de utilizar mais de um instrumento de coleta de informações: (1) as entrevistas com os comerciantes informais do Calçadão dos Mascates e com os comerciantes informais das ruas do centro do Recife; (2) a observação *in loco* do cotidiano do Calçadão dos Mascates; e (3) artigos nos principais jornais de circulação do Recife no período de 1994 a 2003. A opção, portanto, foi combinar fontes de informação de modo a garantir uma fidelidade maior aos resultados dessa investigação.

O material das entrevistas apresentou-se bastante complexo. Com o apoio do software ALCESTE,¹ todo o material pôde ser analisado de modo a contemplar os aspectos que mais se aproximavam dos objetivos da pesquisa.

Como era de se esperar, no decorrer da pesquisa surgiram dificuldades diversas. A aproximação com o campo foi feita de forma lenta e gradativa: o caminhar por entre os módulos e quiosques, a necessidade de se fazer participante, integrante do espaço como consumidor dos produtos oferecidos, a conversa informal e educadora, a conscientização da necessidade da pesquisa, o perceber aquele mundo a partir de um banquinho de madeira treliçado. Todas essas investidas foram feitas antes mesmo da pesquisa exploratória. Familiarizar-se com o meio era a intenção.

¹ALCESTE: programa de computador que vai ajudar nas análises das representações dos comerciantes informais sobre o Calçadão dos Mascates. Deverá ser rodado no laboratório de Psicologia (LABINT), da UFPE, sob os cuidados da Profª Fátima Santos. Mais detalhes na parte de análise e interpretações das informações, item 2.4. deste mesmo capítulo.

As mulheres comerciantes informais do Calçadão eram mais conversadeiras. Os homens olhavam como se estivessem esperando um bote, um pedido de alguma coisa, como se todos que passassem por ali, conversando muito, quisessem levar algo de graça.

Já os homens e as mulheres comerciantes informais das ruas eram mais ressabiados, com muito medo no olhar, pouca conversa e pouca hospitalidade. Quase não paravam, sempre estavam fazendo algo: concertando a coberta, atendendo, tirando poeira, guardando mercadorias. Poucos ofereceram um banquinho para sentar.

Como foi utilizado um longo tempo para criar essa familiaridade com os sujeitos, no momento das entrevistas os contatos fluíram melhor, mais rápidos, isso em relação aos grupos que comercializavam no Calçadão dos Mascates. Já em relação aos comerciantes informais das ruas, foram precisas outras estratégias para obter as entrevistas: ora mudando o roteiro das entrevistas, ora nada gravando. Até mesmo a influência de pessoas conhecidas que trabalhavam na área foi utilizada para abrir as portas, ou seja, para a obtenção dessas entrevistas. O medo da fiscalização da Prefeitura era o grande empecilho.

Mas, no final, as entrevistas foram conseguidas em quantidade suficiente para uma boa análise. Nossa amostra contou com um total de vinte e cinco entrevistas, sendo quinze com os comerciantes do Calçadão e dez com os comerciantes das ruas. O momento de parar as entrevistas foi estabelecido a partir da repetição das informações. No caso dos comerciantes das ruas, as respostas e comentários eram muito parecidos e repetiam-se numa frequência muito grande. Isso chamou-nos a atenção, pois a localização dos pontos de comércio dos entrevistados era em ruas diferentes, isto é, não havia nem uma vizinhança próxima, mas as idéias eram comuns. Esse material junto com as anotações das observações *in loco* forneceram um conjunto informacional sobre as atividades desenvolvidas no Calçadão, os sentimentos de identidade, os significados atribuídos ao espaço, as idéias compartilhadas.

2.1 Campo de atuação para o estudo empírico

Essa investigação, como foi evidenciado, desenvolveu-se no Calçadão dos Mascates, situado na parte sul da Avenida Dantas Barreto, no bairro de São José, no centro do Recife, conforme indicação do mapa na página seguinte:

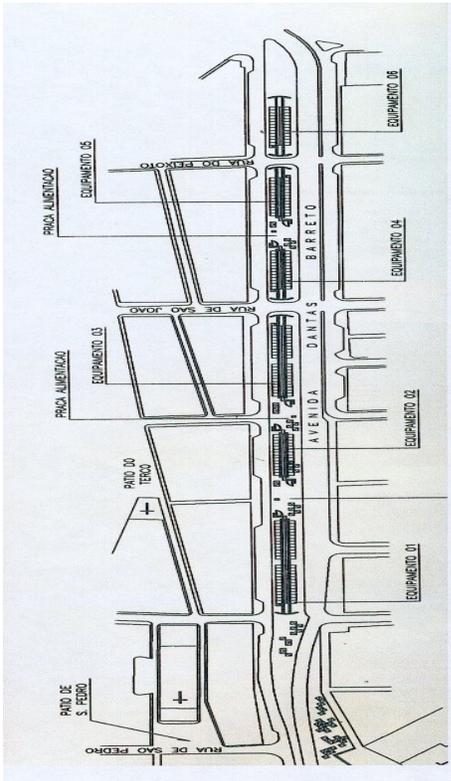


Figura 1 – Mapa de localização da área em estudo

Fonte: Revista Projeto Nº 190 /1995

Essa área, compreendida entre o pátio da igreja de Nossa Senhora do Carmo e a Praça Sérgio Loreto, apresenta em seu entorno um patrimônio arquitetônico de grande valor artístico, histórico e cultural. Também se podem perceber as proximidades com o Pátio de São Pedro e com o Pátio do Terço.

Ainda é possível ver algumas antigas fachadas dos casarios que circundam a área onde se estende o Calçadão dos Mascates. No capítulo referente à história do local serão abordados mais detalhes sobre essa área, sua conformação arquitetônica, suas qualidades e funções.

O Calçadão dos Mascates é composto de seis Módulos, distribuídos de forma longitudinal, ou seja, no sentido norte – sul, como pode ser observado ainda na figura 1. Além dos Módulos, é possível perceber zonas de pequenos espaços cobertos chamados Quiosques. Toda essa área que compreende o Calçadão dos Mascates é um grande centro de vendas de produtos populares e de pontos de lanchonetes e almoços comerciais. É uma área bastante freqüentada pela população de menor poder aquisitivo. Além disso, existe de

maneira improvisada um terminal de ônibus, situado no último Módulo (sexto); as linhas que ali se encontram têm como destino as praias do litoral pernambucano. Como essas praias são procuradas por turistas, esses também transitam pela área. No entanto, a predominância do fluxo de pedestres é de pessoas que habitam na cidade e até mesmo na região metropolitana do Recife. Essas pessoas vão ao centro de compras de artigos populares Calçadão dos Mascates ou Camelódromo, como é chamado popularmente, a procura de melhores preços.

Esse deslocamento de pessoas que vão às compras ou que passam pela área, na grande maioria das vezes, se dá no sentido transversal ao Calçadão dos Mascates, principalmente na Rua Tobias Barretos (ver na figura abaixo o retângulo marcando a transversal.). Poucos fregueses adentram o Calçadão pelo corredor central e vão até o final dos Módulos.

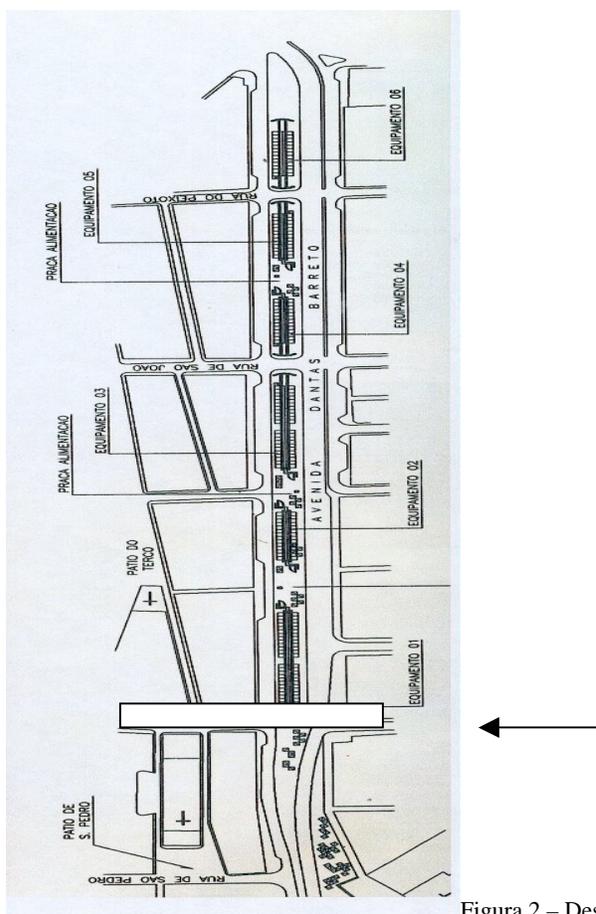


Figura 2 – Deslocamento de pedestres na Rua Tobias Barreto – transversal da Av.Dantas Barreto – Fonte: Revista Projeto Nº 190 /1995

Por fim, convém ressaltar que o recorte espacial que fundamentou o limite onde seriam buscados as pessoas para as entrevistas estendeu-se além do local onde está implantado o Calçadão dos Mascates, pois havia a intenção de comparar os conteúdos informacionais das representações dos que comercializavam no Calçadão dos Mascates com os daqueles que não comercializavam nesse local. Daí a amostra dos entrevistados ter se estendido nas adjacências: Rua Direita, Travessa do Mercado de São José, Rua Frei Caneca, Rua Matias de Albuquerque, locais de intenso comércio informal. O mapa abaixo, assinala com círculos brancos o conjunto dessas vias.

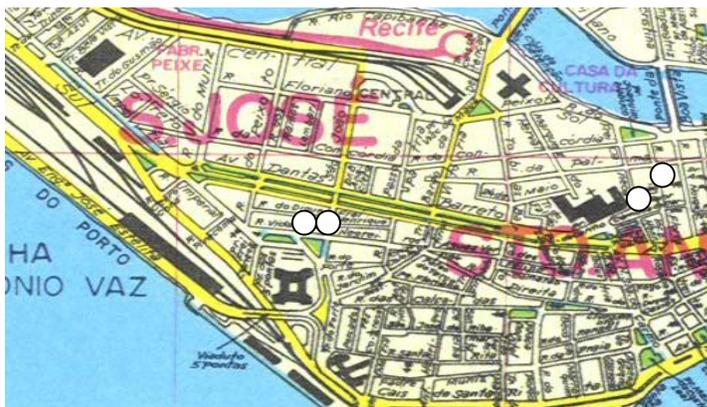


Figura 3 - Mapa com o bairro de São José – Fonte: Museu da cidade do Recife Forte das Cinco Pontas (1980)

2.2 Considerações sobre a amostra

Para melhor definir os grupos de interesse para a investigação, uma pesquisa exploratória se fez necessária, uma vez que o local chamado Calçadão dos Mascates é ocupado por pessoas bastante distintas com relação aos seus locais originais de trabalho, ao tempo como comerciante informal e à diversificação dos produtos comercializados. Não são, pois, pessoas procedentes de uma mesma rua ou trecho do Centro do Recife, nem de pessoas que vendem o mesmo produto, nem com o mesmo tempo de prática de atividade comercial nas ruas e, sim, são comerciantes informais advindos de várias localidades, com tempo de comércio de rua distinto e com uma variedade muito grande de tipos de artigos para vender.

Essa pesquisa exploratória - que levou cerca de três meses (janeiro, fevereiro e março de 2003) - teve como objetivo estabelecer um certo grau de convivência com os comerciantes informais do Calçadão para gerar um maior grau de confiança por parte dos entrevistados, e assim se obterem as informações de modo consistente. Nessa ocasião,

identificou-se que a grande maioria dos comerciantes informais não foram agrupados no Calçadão de acordo com as suas vizinhanças de rua dos seus locais de origem, muito menos foram alocados especialmente por tempo de comércio de rua. No mesmo Módulo, havia pessoas transferidas com 11 anos, 14 anos, 30 anos, 40 anos de comércio de rua. Muitos desses comerciantes não foram nem contemporâneas no exercício da função durante a década de oitenta, período que marcou a história recifense com relação ao comércio informal (mais detalhes no capítulo três).

Outra informação também registrada nesse período exploratório foi o fato de os comerciantes, na maioria das vezes, não mais estarem ocupando o local estabelecido pela Prefeitura no momento da inauguração do Camelódromo. Muitos dos comerciantes do Calçadão, portanto, deslocaram-se no Calçadão de acordo com seus interesses e posses, principalmente migrando dos outros Módulos para o primeiro Módulo ou para os primeiros Quiosques.

Ficou complicado mapear os entrevistados por tempo de comércio nas ruas, por local de origem ou por produtos. Optou-se por escolher, aleatoriamente, de dois a quatro comerciantes de cada setor, pois isso ajudaria no entendimento sobre a utilização do Calçadão dos Mascates na sua distribuição por setores. Mesmo assim, problemas apareceram com relação aos últimos Módulos. Por conta do abandono físico das unidades, quase não se conseguiu realizar entrevista nesses Módulos, especificamente o sexto Módulo. Quanto a esse, uma curiosidade: existe a presença de comerciantes, mas eles permanecem no ponto apenas durante as chegadas e partidas dos ônibus para as praias. Isso é fácil de ser percebido analisando-se a fotografia abaixo,



Figura 4 - Sexto Módulo – Fonte: Pesquisa direta (2003)

A maioria dos comerciantes informais presentes no sexto Módulo pratica a comercialização dos seus produtos em carrocinhas e pequenas bancas treliçadas, isto é, fáceis de desmontar e levar. Muitos desses comerciantes não tinham a permissão da administração do Calçadão para comercializar ali e, por conta disso, não queriam participar da entrevista. Portanto, a maior dificuldade entre os entrevistados do Calçadão foi com relação aos comerciantes informais dos Módulos mais abandonados.

Ainda na pesquisa exploratória, ocorreu uma primeira aproximação com os comerciantes informais das ruas. A conversa com os comerciantes do Calçadão dos Mascates apontou para algumas ruas onde o pesquisador poderia encontrar grupos de resistência quanto à transferência para o Calçadão. Como foi explicado na figura 3, tomou-se como recorte a Rua Direita, a Travessa do Mercado de São José, a Rua Frei Caneca e a Rua Matias de Albuquerque, todas sugeridas pelos comerciantes do Calçadão. A grande dificuldade era convencer os comerciantes informais de rua a participar da entrevista, pois a sua situação não estava legalizada junto à Prefeitura, ou seja, não tinham autorização para comercializar naquelas ruas. *A prática era só abrir o comércio após a passagem dos fiscais e, assim que se sabe das volta deles, tudo é fechado novamente*, comentário de um *comerciante de pé de escada*¹ sobre a realidade de seus colegas vendedores de rua. O medo e o silêncio imperavam. Quebrar esses entraves e conseguir entrevistá-los constituiu uma tarefa árdua, desafio vencido graças aos laços afetivos com antigos comerciantes de conhecimento do pesquisador. Com o apoio inestimável dos comerciantes conhecidos, foi possível passar segurança e seriedade quanto à intenção da pesquisa. A partir daí, alguns comerciantes informais de rua começaram a ver com bons olhos a pesquisa e a ter coragem de participar da mesma. Mesmo assim, outras dificuldades apareceram quanto a como conseguir agendar as entrevistas. Na maioria das vezes, estavam bastante atarefados, com muito movimento de venda, mesmo sendo o mês de agosto, considerado de fracas vendas, por ser após os festejos juninos e bem distante das festas de fim de ano. Alguns comerciantes de ruas se interessavam pela entrevista, mas não queriam fotos nem identificação do nome, solicitavam a preservação da própria identidade. Em alguns casos,

¹ Entenda-se aqui *comerciante de pé de escada* aquele comerciante que tem a permissão de utilizar o acesso à escada no piso térreo, paga aluguel, IPTU e tem licença da prefeitura como autônomo. É o Caso de Senhor Luiz Galdino na Rua Direita. Esse não pode ser classificado como *comerciante informal*, apesar de seus produtos se assemelharem (marcas e formas) aos produtos dos comerciantes de rua.

foi refeito o roteiro da entrevista e apenas anotado, pois o gravador chegava a incomodar e prejudicar a naturalidade da conversa.

Comparando o comportamento dos dois grupos quanto à entrevista, no caso dos comerciantes do Calçadão, eles faziam questão das fotos e da gravação, bem como davam o nome completo, além do número do ponto de venda. A única preocupação era quando falavam sobre *Marreteiros* ou *Emeelistas*, vendedores que não têm ponto certo de venda, pegam o freguês na entrada do Calçadão e o levam até o local onde está o produto procurado, ou seja, um atravessador da venda. Sobre esses oportunistas, a grande maioria dos entrevistados tinham medo de falar, muito embora deixassem claro que não gostavam da presença deles, pois acabavam espantando os fregueses, oneravam o preço dos produtos e não davam garantia em caso de trocas.

Enfim, foi conseguido um grupo de quinze comerciantes do Calçadão dos Mascates e dez comerciantes informais de rua, apesar de as várias conversas informais fazerem parte das análises desse grupo. Um total de vinte e cinco entrevistados foi considerado como amostra para a análise por meio do software ALCESTE.

Além da divisão dos entrevistados entre os comerciantes informais, que fazem parte do Calçadão dos Mascates, e os comerciantes informais de rua, também foram subdivididos os entrevistados do Calçadão em comerciantes informais, que foram transferidos das ruas para o Calçadão, e em comerciantes informais, que começaram as suas atividades de comércio a partir do Calçadão dos Mascates. Essa subdivisão facilitou a leitura do espaço feita a partir das falas dos mais antigos na profissão e das falas dos novatos, isto é, da *geração Calçadão dos Mascates*.¹

Para garantir a preservação da identidade dos colaboradores da pesquisa, tanto dos que participam diretamente do Calçadão dos Mascates quanto dos que ainda estão nas ruas, cada participante foi numerado e estabelecidas siglas para facilitar o reconhecimento dos grupos nas análises das entrevistas. Então, existem as siglas **CIR**, para o comerciante informal de rua; **CIT**, para o comerciante informal transferido para o Calçadão dos Mascates, e **CIGC**, para os comerciantes informais da geração Calçadão dos Mascates. **CIT** e **CIGC** são subgrupos e formam o grupo **CIC**.

¹ É oportuno lembrar que, para ser considerado da *geração Calçadão dos Mascates*, neste estudo, o comerciante informal deveria ter iniciado as suas atividades de comerciante informal no Calçadão.

2.3 As entrevistas e a observação *in loco* como componentes do trabalho de campo

Quando for possível quantificar, quantifiquemos, mas não coloquemos aí a cientificidade do trabalho. Os dados ‘qualitativos’ são importantes na construção do conhecimento e, também eles, podem permitir o início de uma teoria ou sua reformulação, refocalizar ou clarificar abordagens já consolidadas, sem que seja necessária a comprovação formal quantitativa (Minayo, 1993 – p.96).

No desenvolvimento desta pesquisa, todo o interesse se volta para a abordagem qualitativa das informações, pois o que se quer é apreender as práticas socioespaciais e as idéias compartilhadas dos comerciantes informais sobre o espaço Calçadão dos Mascates. Entende-se que essa abordagem não deve ser considerada em oposição às práticas quantitativas. Afinal, as significações, os motivos, as aspirações, as atitudes, as crenças e os valores são aspectos subjetivos, de difícil apreensão mediante dados estatísticos.

No entanto, além das falas dos sujeitos, existiu o apoio das observação *in loco*

2.3.1 A observação *in loco*

A estratégia da observação do cotidiano do Calçadão dos Mascates contribuiu para a formação de mais um corpo informacional sobre a realidade do ambiente em estudo.

Acompanhar a rotina do dia-a-dia mediante o olhar; perceber o ambiente, as relações dos indivíduos com o espaço, suas práticas compartilhadas; deixar os sentidos captarem, sensivelmente, o meio e suas possibilidades, foram atitudes adotadas pela pesquisadora. Caminhar no corredor central do Calçadão, por entre os Módulos e Quiosques, observar os movimentos dos usuários,¹ a dinâmica do espaço, suas possibilidades de utilização; registrar detalhes que na rotina do dia-a-dia passam despercebidos, contribuíram para uma aproximação maior com as falas, ou melhor, com as idéias, os sentimentos, as sensações daqueles sujeitos. Acredita-se que os sujeitos, em contato com outros sujeitos, em seu convívio social, de maneira espontânea, demonstram um saber e uma prática particular, associada a cada ambiente.

¹ A expressão *usuário* aplica-se a todos que, de alguma forma, utilizam o Calçadão dos Mascates, seja passando por suas calçadas laterais, seja passando pelo corredor central, comprando, vendendo ou simplesmente conversando com alguém.

É bom lembrar que nesse momento da pesquisa de campo (primeiro semestre de 2003), o quinto Módulo do Calçadão dos Mascates encontrava-se com seus Arcos de encabeçamento de Módulo isolados; não estavam em reforma, apenas preservando os usuários de um acidente, pois a estrutura metálica das esquadrias estava despregando-se da estrutura de concreto.

Foi elaborado um *diário de campo*, registrando as observações. As idas ao Calçadão foram feitas em dias e horários diversos. Algumas vezes, a observação foi realizada por meio da relação *vendedor-comprador*, ou seja, algo foi comprado com o intuito de se manter um diálogo corriqueiro com o comerciante. Nesse momento, nada era anotado de modo a não interferir na movimentação natural de uma venda. Apenas as ações, os gestos e as falas eram gravadas na memória da pesquisadora. Logo em seguida, num outro local, as anotações eram feitas. Nessa ocasião, era observado, também, o tipo de comprador que freqüentava o Calçadão, suas vestes, a maneira de se deslocar na área e as formas de interpelar o vendedor, bem como o atendimento pelo comerciante, suas expressões, gentilezas, dinâmica, vestes e cuidados com a aparência.

Algumas vezes, no caminhar pelos setores do Calçadão, investigando com o olhar, a pesquisadora era interpelada por comerciantes informais, do próprio local, curiosos em saber qual o objetivo da sua permanência ali. Quando ela se identificava, rapidamente vários comentários surgiam sobre a edificação e suas particularidades para a função. Melhores ângulos eram apontados para as tomadas fotográficas. Expressões fortes eram utilizadas para denominar o local: *favela*, *gueto*, *zona*. Essas dicas foram consideradas no momento de registro fotográfico.

Em outros dias, eram feitos registros fotográficos e anotações sobre a estrutura da edificação, as diversas formas de apropriação do espaço, as formas de sinalização com letreiros, os tipos de mobiliário e formas de pontos de venda. Em um desses dias, surgiu a oportunidade de conviver no espaço quando chovia, o que permitiu perceber as artimanhas utilizadas para se livrar do alagamento ou das goteiras: desde baldes, com direcionador da água das calhas, até lonas, improvisando cobertas temporárias, que, de tempos em tempos, eram esgotados com cabos de vassoura, livrando os bolsões feitos na lona pela água das chuvas. Foram momentos ricos de informação ao revelarem como os comerciantes do Calçadão convivem com as chuvas. Mais ainda, momento de reflexão sobre a solução

arquitetônica adotada para uma área com tal finalidade, particularmente quando se considera a condição climática do Recife. Além das chuvas, foram observados o efeito dos ventos, o corre-corre para segurar as lonas, a velocidade para esticar o elástico que segura o plástico e que, por sua vez, cobre as mercadorias. Todo um sofrimento para garantir produtos secos, para conservar a qualidade desses produtos.

O Calçadão dos Mascates também foi observado em busca de esclarecimentos sobre a sua natureza contextual, dinâmica e presteza para determinado fim como centro comercial. Assim, tornou-se necessário descrever os setores (Módulos, Quiosques, calçadas, Arcos de encabeçamento, elementos estruturais), com suas características físicas, atividades e formas de uso e apropriação pelos comerciantes. Observando e escrevendo no diário de campo todas essas particularidades, foi possível compreender as idéias que vão formar-se sobre tal realidade. Foi um exercício de reflexão sobre o espaço e as pessoas que o utilizavam, sobre a realidade do trabalho desses comerciantes.

A convivência com o Calçadão, nesse momento de observação, deixou a pesquisadora familiarizada com esse ambiente. Do primeiro ao último Módulo, as características e particularidades tornaram-se conhecidas, vivenciadas, familiares. Agora, era só associá-las às informações das entrevistas na etapa de análise e interpretação.

2.3.2 A entrevista

Estudos que buscam entender as representações na perspectiva dos grupos, buscando aí tanto a diversidade quanto o que há de comum e compartilhado, têm utilizado formas de coleta de dados mais estruturadas, especialmente os questionários (auto-aplicados ou utilizados com roteiro de entrevista) com perguntas abertas. A estrutura da representação social é, neste caso, fruto da somatória da análise de associação de idéias de várias perguntas (Spink, 1995a - p.138).

A partir das considerações acima feitas por Spink, acredita-se que a entrevista é um instrumento privilegiado por facilitar a captura de informações sobre as representações dos grupos. Menos complexa que a análise de discurso, segundo Spink, essa opção metodológica desvenda tanto as representações de vários sujeitos quanto permite perceber a lógica da construção de cada sujeito. O trabalho seguiu essa etapa de coletas de informação,

utilizando entrevistas semi-estruturadas e com perguntas abertas. É sabido que, pela fala, valores, idéias e símbolos são revelados e o somatório desse conteúdo conforma as representações dos grupos. Nesse sentido, a utilização de entrevistas com perguntas abertas muito ajudou no momento de entrevistar os comerciantes informais de ruas (CIR), pois, como foi mencionado anteriormente, houve muita dificuldade em obter as informações desse grupo.

Dando prosseguimento à pesquisa, seguiram-se as entrevistas com os indivíduos considerados como os mais representativos dos grupos, ou seja, aqueles que traziam muita experiência em relação à atividade de comércio informal e às suas condições quando desenvolvido nas ruas e no Calçadão. Normalmente, esses sujeitos foram localizados durante as conversas informais anteriores aos dias das entrevistas, no momento da pesquisa exploratória. Eram apontados, algumas vezes, como *líderes de ruas*¹ ou pessoas mais antigas nesse tipo de atividade. Nas conversas, ficava claro que muito poderiam contribuir fornecendo dados fundamentais para a compreensão dos significados e identidade inerentes ao Calçadão dos Mascates.

O roteiro das entrevistas semi-estruturadas contemplava perguntas fechadas, visando à caracterização do entrevistado, e perguntas abertas, norteadoras das conversas. Fugiu-se da padronização das perguntas, por entender que qualquer tipo de padronização não ajuda no sentido da aproximação das representações. Afinal, com questões mais abertas, o entrevistado fica com mais liberdade de expressar seus sentimentos, suas idéias. Logo, sem prefixação, permite-se uma flexibilidade que colabora para a apreensão dos saberes, das representações.

Evidentemente, a trajetória das entrevistas foi traçada segundo os objetivos da pesquisa. Em alguns momentos da conversa, no entanto, essa seqüência era interrompida. Histórias da infância, da família ou das condições anteriores à atividade de comércio informal apropriavam-se da fala como se fizessem parte daqueles objetivos. A conduta era ouvir, observar, tentar entender os laços e relações entre as situações vividas e aquele momento. Quando o silêncio tomava conta, após a divagação da conversa, o roteiro era

¹ A expressão *líder de rua* foi utilizada para denominar aqueles comerciantes que ficavam encarregados de representar o grupo de comerciantes de cada rua junto à Prefeitura. Essa prática teve início no final da década de oitenta e tinha como objetivo organizar a transferência dos comerciantes informais das ruas para o Calçadão dos Mascates.

resgatado com uma pergunta sobre um dos tópicos da entrevista. Muitas vezes, a estratégia era fazer uma ponte entre o que tinha acabado de ser contado e o que se queria saber, de modo a se restabelecer o ânimo da conversa e valorizar o que foi dito pelo entrevistado quando da dispersão do assunto.

No momento das entrevistas, também eram observados os gestos, as expressões faciais, a forma de falar, de receber a pesquisadora, de se relacionar com os colegas de profissão. Tudo isso era posteriormente anotado.

O tempo de duração variava de acordo com o sujeito, sua disponibilidade, sua capacidade de articular as perguntas com as repostas, enfim, sua capacidade de entender os objetivos da pesquisa e de ficar à vontade para falar. Em média, cada entrevista durava 60 minutos. Mas, algumas vezes foram precisas horas de acompanhamento do entrevistado em sua atividade para a conclusão da entrevista. Muitas vezes, após o término da entrevista, no momento dos agradecimentos e despedidas, fatos e histórias interessantes eram relatados. A impressão era que eles queriam ter contado antes, mas o gravador ou coisa parecida inibia. Às vezes, o gravador era acionado discretamente, e mais quinze ou vinte minutos de conversas eram gravados com fatos importantes para a análise.

Finalmente, coube registrar que as entrevistas foram realizadas no mês de agosto de 2003 e cuidadosamente transcritas nos meses de setembro e outubro de 2003. No momento das transcrições das fitas-cassetes, muitas dificuldades se apresentaram, como a poluição sonora e a péssima dicção dos entrevistados por falta da dentição. Apenas como curiosidade, a maioria dos homens entrevistados apresentavam ausência de dentes, principalmente os frontais. Outro dado curioso é que a poluição sonora nas ruas é bem maior que no Calçadão, ou seja, as lojas disputam a atenção dos clientes com megafones e músicas em alto volume.

Enfim, a transcrição de todo o material possibilitou a sistematização, a análise e a interpretação das informações.

2.4 A Análise e interpretação das informações: a ajuda do Software ALCESTE

O esforço desse momento da pesquisa tem como objetivo apreender os significados atribuídos ao Calçadão dos Mascates, por meio das representações sociais. Houve uma concentração nas falas dos sujeitos entrevistados, buscando-se os elementos comuns, as idéias compartilhadas e as suas lógicas socioespaciais. Para facilitar a análise de conteúdo das entrevistas, tirou-se partido do software ALCESTE, pois trata-se de uma ferramenta de análise textual que permite descobrir informações contidas em um texto e sua frequência de aparição.

Segundo Ribeiro:

O software Alceste realiza, de maneira automática, a análise de diálogos, de questões abertas de enquetes sócio-econômicas, de um conjunto de textos diversos: obras literárias, artigos de revistas, romances, etc. O objetivo é obter em uma primeira classificação estatística de enunciados simples do corpus estudado, em função da distribuição de palavras dentro do enunciado, a fim de apreender as palavras que lhes são mais características (2003 – p.01).

Nesse sentido, todo um conjunto de procedimentos, como a ordenação dos dados, sua classificação e análise final do material foram desenvolvidos com a aplicação do ALCESTE, no LABINT, no departamento de Psicologia da UFPE, no mês de janeiro(2004), sob a orientação da Professora Fátima Santos e a ajuda da monitora Renata Lira.

As etapas para a análise do ALCESTE seguiram o seguinte roteiro:

1 – Leitura do texto e cálculo dos dicionários, ou seja, preparação do corpus ¹ para a análise mediante o reconhecimento das unidades de contexto inicial (UCI), agrupamento das palavras por raízes e cálculo da frequência das formas reduzidas dos termos – essa é a primeira fragmentação do texto.

¹ Preparação do Corpus para a análise por meio do Alceste consta de procedimentos para o bom desempenho do programa, como: deixar num único arquivo; separar as entrevistas por linhas de asteriscos; correção do arquivo com os recursos do *Word*; as observações do pesquisador deve ser suprimidas; dentre outros cuidados para não haver interferências.

2 – Cálculo das matrizes de dados e classificação das unidades de contexto elementar (UCE), ou seja, essas unidades são classificadas em função dos seus respectivos vocabulários e repartidas em função da frequência das formas reduzidas. Finalmente, aplica-se o método de classificação hierárquica descendente para obter uma classificação definitiva.

3 – Descrição das classes de UCE escolhidas, isto é, nessa etapa são fornecidos os dados que nos permitem a descrição das classes obtidas, por meio dos seus vocabulários característicos.

4 – Cálculos complementares são um prolongamento da etapa anterior e servem para refinar as classes escolhidas por intermédio de mais características, facilitando a contextualização do vocábulo típico de cada classe obtida no item 2.

Nesse momento, é oportuno esclarecer que as classes de palavras, organizadas em colunas, que aparecem nos resultados da análise e no refinamento, são as palavras que mais apareceram nos textos. Isso por ordem de quantidade, ou seja, as palavras apresentadas na coluna da primeira classe são as que têm maior frequência de aparição nos textos. Essa ordem é muito importante para quem analisa os dados, pois sinalizam grupos de palavras quem trazem os significados mais representativos.

Essa experiência com a aplicação desse software, além de dar rapidez ao processo tranquiliza o pesquisador por não permitir interferências pessoais nas análises das representações por grupo. Mas, mesmo assim, uma pré – análise não deixou de acontecer nos períodos de exploração e observação dos grupos e suas dinâmicas. Até mesmo no momento das transcrições, de maneira intuitiva, as análises vão acontecendo e vai havendo um norteamento para as representações sobre o Calçadão. Nos gráficos aparecerão algumas palavras marcadas em negrito são exatamente as palavras mais fortes na memória do pesquisador com relação as entrevistas. Um sentimento, muito gratificante, de confirmação da análise intuitiva apresentou-se ao final dessa etapa de análise com o uso dessa ferramenta.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O BAIRRO DE SÃO JOSÉ E O CALÇADÃO DOS MASCATES

Captar as Representações Sociais acerca de ambientes construídos significa valorizar o sujeito social. Esses sujeitos fazem parte de uma situação socioespacial específica, em que a história pessoal, social e da localidade se entrelaçam, dando sentido ao cotidiano (Spink, 1995b). Esses fatores levam ao contexto da produção das Representações Sociais, pois as representações circulam entre os indivíduos e sofrem influências variadas.

Nesse sentido, evidenciou-se a necessidade de se apresentarem algumas considerações sobre o bairro de São José e o Calçadão dos Mascates, com o objetivo de contextualizar a área em estudo e algumas de suas adjacências. Esse material informacional deve contribuir tanto para o entendimento dos aspectos relacionados com as mudanças sócio-históricas e espaciais do local, quanto para o entendimento das Representações Sociais acerca do Calçadão dos Mascate – objeto deste trabalho.

Sendo assim, serão consideradas, para tal, informações constantes em diversos tipos de fontes, tais como: livros, artigos publicados na imprensa local e *site* da Prefeitura do Recife. Não se pretende, com esse conteúdo, fazer uma análise histórica nem avaliar as intenções ou resultados das informações.

3.1 O bairro de São José

O processo de ocupação da área onde hoje se encontra o bairro de São José, um dos bairros que conformam o centro do Recife, foi feito a partir de seguidos aterros, iniciados no século XVII, para a expansão da cidade na ilha de Antônio Vaz. Esse processo realizou-se mediante ações planejadas ou pela ocupação espontânea de casarios - em áreas firmes - e mocambos - em áreas sujeitas a alagamentos. Uma vista panorâmica do bairro de São José e um trecho do mapa do Recife, apresentados a seguir, ilustram e situam melhor essa área.



Figura 5 Vista do bairro de São José e Mapa do Recife (2000) situando o bairro de São José
Na vista vê-se a Igreja da Penha e a de São Pedro. Fonte: www.recife.gov.br

Algumas vezes, o bairro de São José foi descrito como um cenário oriental, com vida noturna parecida com a dos bairros de subúrbios. É o caso de Freyre:

Já para os lados de São José, o Recife como que se orientaliza; a vida que as ruas refletem é hoje a da pequena burguesia, mais sociável que a grande; é gente que de noite vem conversar, sentada em cadeiras de vime e espreguiçadeiras de lona, à calçada, à porta da casa; e aí toma sorvete, come tapioca, os homens de pijama, chinelo sem meia. É o bairro dos pianos fanhosos, mas ainda assim tão românticos; (...) É o bairro do comércio mais barato. Das lojas e armarinhos com nomes sentimentais. (...) São José foi outrora o bairro dos valentões, dos capangas, dos desordeiros, das eleições com barulho e facada, das procissões com gente navalhada (FREYRE, 1961, pp. 161-164).

O bairro ainda guarda um pouco dessas características relatadas por Freyre. Concentra um grande número de estabelecimentos comerciais, voltados para os segmentos populares, e de pequenas edificações conjugadas que servem como residências. Existe um visível abandono físico, capaz de alimentar um sentimento de nostalgia revelado nas falas e nos gestos dos moradores quando relatam o passado do lugar.

Cadeiras de balanço ainda permanecem nas calçadas. Os pouquíssimos anciões testemunham uma época, deixando claro, nas suas expressões e falas, que não entendem como tudo está se acabando, desaparecendo, virando comércio. Comentam o fraco movimento de pessoas pelas ruas, a falta de segurança, a falta de limpeza pública. Olhos cheios de lágrimas, com certeza, são a imagem mais forte guardada desses contatos.

Esse bairro, além de seus moradores antigos, de seus casarios e de seu traçado irregular, ainda conserva belos exemplos arquitetônicos, como é o caso do Mercado de São José,¹ assim chamado por homenagear o bairro onde está edificado. O local em que foi construído esse mercado era o antigo *Largo da Ribeira do Peixe*, onde eram comercializadas várias mercadorias.



Figura 6 - Mercado de São José. Fonte: www.recife.gov.br

Além desse fantástico monumento arquitetônico, existem a Basílica da Penha, os Pátios do Carmo, do Livramento, do Terço e de São Pedro. Este último é o mais famoso, por abrigar uma belíssima igreja em estilo barroco e vários eventos folclóricos são nele organizados pela Prefeitura do Recife. Além disso, o casario circundante do Pátio de São Pedro é utilizado como restaurantes, antiquários, lojas de produtos artesanais. Em uma das esquinas desse Pátio encontra-se a Casa do Carnaval de Pernambuco, centro de pesquisa mantido pela Prefeitura do Recife. Essa casa não se limita apenas a fornecer informações sobre o carnaval, mas também sobre outras particularidades relacionadas ao Recife, como a história dos Pátios e os movimentos culturais do povo pernambucano.

¹ É considerado o mais antigo edifício pré-fabricado em ferro no Brasil, importado da Europa para o Recife, no final do século XIX e inaugurado em 7 de setembro de 1875. O projeto foi feito pelo engenheiro da Câmara Municipal do Recife J. Louis Lieuthier. Ele inspirou-se no Mercado de Grenelle, em Paris. Já a construção foi do engenheiro francês Louis Léger Vauthier, que também foi o responsável pela construção do Teatro Santa Isabel, no bairro de Santo Antônio.



Figura 7 Basílica da Penha. Fonte: www.recife.gov.br -



Figura 8 Igreja de São Pedro. Fonte: www.recife.gov.br



Figura 9 Igreja N.S.do Carmo. Fonte: www.recife.gov.br

Nesse bairro, com sua predominância de pátios e ruas apertadas, também se encontram praças. Algumas curiosidades sobre as praças desse bairro são importantes descrever. Por exemplo, a pequena Praça da Restauração,¹ popularmente conhecida como a Praça do Pirulito.

¹Homenagem à Restauração Pernambucana em 1654, que aconteceu na Campina do Tabosa, próxima ao local onde está a pracinha. Ver mais detalhes no setor de Memórias da EMLURB.

Segundo alguns moradores, ela é assim chamada por conter um monumento, em forma de obelisco, que se assemelha ao pirulito de açúcar mascavo- iguaria doce bastante conhecida, que era e ainda é vendida em tabuleiros nas ruas do Recife. Esse obelisco, de aproximadamente três metros de altura, confeccionado em bloco de granito, encontra-se no centro da pracinha e está circundado por cinco palmeiras barrigudas, do tipo macaubeira, e não há mais nenhum outro tipo de árvore. A praça é tão pequena que apenas dois bancos e um cesto de lixo figuram como equipamentos urbanos para atender à população.

Em seu entorno, encontram-se edificações residenciais, algumas lojinhas de ervas e artesanato. O comércio informal de lanches nas ruas circundantes à pracinha é grande. É muito comum encontrarem-se carrinhos de caldo-de-cana, cachorro-quente e frutas tropicais, como o abacaxi e a jaca, sem esquecer do tradicional bolo de bacía.

Já a Praça Sérgio Loreto, no final da parte sul da Avenida Dantas Barreto, se comparada com a praça do Pirulito, é bem maior e harmoniosa. Talvez uma das poucas praças do Recife que abrigam um coreto. Esse coreto já não tem a mesma utilidade dos tempos das bandas de música que animavam as tardes de domingos e feriados. Apenas participa da paisagem e, às vezes, não é nem mesmo reconhecido. Um transeunte comentou:

Eu não sei para que serve isso daí, acho que é para guardar material de jardim. É por que é todo aberto, eles devem colocar alguma coisa que possa levar chuva. ()*

Comungando com a visão agradável do coreto, encontram-se muitos bancos e gradis contornando a área. Casais são vistos namorando, pessoas dormindo. É um local tranquilo, não tem comércio e o movimento de pedestre é muito fraco. A presença do verde é marcante, deixando o ambiente fresco e bastante sombrio – propício ao descanso. No entorno dessa praça existe um belo casarão mal conservado, onde funciona a Administração do Calçadão, e as ruínas de um casario que sugerem o abandono, o descaso em que é deixado o local.

*Fragmento de entrevistas da pesquisadora (2003)

Além das praças, do Mercado de São José, das igrejas, dos pátios, dos casarios antigos e de outras particularidades, ainda se situam, no bairro, a Avenida Nossa Senhora do Carmo e trechos das Avenidas Sul e Dantas Barreto. Ao longo da pesquisa, será considerada com maior destaque a parte sul da Av. Dantas Barreto, pois essa avenida trouxe um marco do moderno, do progresso, após a intervenção urbana com mudança de traçado, permitindo abrigar o Calçadão dos Mascates.

3.2 O Calçadão dos Mascates

Para se compreender melhor o surgimento do Calçadão dos Mascates no bairro de São José, é necessário retornar ao final dos anos oitenta, quando o Recife passava por sérios problemas que desafiavam a administração pública – o comércio informal era um deles. Com o alto índice de desemprego, grande problema social que não se limitava apenas à esfera local, pois tinha abrangência nacional, as ruas do centro do Recife foram invadidas por milhares de ambulantes que tentavam comercializar seus produtos de maneira informal e garantir assim seu sustento. Como descreve Tomas Lapa (1994):

De fato, até janeiro de 1993, as ruas, praças e pátios do centro do Recife estavam ocupados por 4.431 ambulantes, que comercializavam de tudo, promovendo a degradação dos passeios, com sujeiras e restringindo a acessibilidade aos pátios, igrejas e monumentos.

A prática desse tipo de comércio já é bastante conhecida. O Recife apresenta-se com um perfil de cidade que tem tradição de comércio informal. Os "mascates", identificados através da história como um traço humano que deu nome a uma luta travada no passado com Olinda, antiga Capital do Estado, são agora reconhecidos na figura dos ambulantes contemporâneos.

No caso, a comparação feita com os antigos mascates que se deslocavam à procura de seus consumidores se limita à diferença na forma de comercializar seus produtos. Os ambulantes contemporâneos, de uma maneira ou de outra, tentam uma certa fixação (com bancas, barracas, fiteiros, tabuleiros, etc.) no espaço urbano, mesmo que temporária, em local atrativo para seu comércio. Esses comerciantes utilizam o espaço urbano acompanhando o fluxo da população. É o que esclarece o presidente do Sindicato do

Comércio de Calçados, *O camelô não se fixa em lugar onde não haja grande circulação de pedestre* (Araújo, Bezerra, Bompastor, 1995 – p.28).

As tentativas de resolver os problemas gerados pelos comerciantes informais são variadas e sujeitas a críticas. No que se refere, particularmente ao comércio ambulante, Lubambo afirma:

Em abril de 1992, o centro do Recife foi alvo de uma intervenção do poder municipal com vista a retirar o comércio ambulante de algumas ruas e praças. O impacto desta investida contou com críticas as mais variadas e de toda natureza (1995 – p.251).

Para se ter uma idéia de como foi tratado, pelas gestões municipais, o problema do *comércio informal* no Recife, no período de meados da década de oitenta até o ano da inauguração do Calçadão dos Mascates (1994), é necessário levantar as principais características de atuação das gestões municipais.

No período de **1986** a **1988**, assume a Prefeitura, pela primeira vez, o prefeito Jarbas Vasconcelos (eleito a partir de uma ampla aliança com os segmentos populares). Durante sua gestão, foi instalado o "Escritório de Revitalização do Centro", para promover o processo de revitalização do bairro do Recife e do centro da cidade. O quadro de ocupação, pelos comerciantes informais, das ruas do centro do Recife já estava estabelecido e sem controle. O problema para a Prefeitura era grande. A falta de higiene e de segurança são apontadas como as principais conseqüências da grande desordem produzida pelo comércio informal. Outro agravante era o fato de a comercialização das mercadorias não depender de pagamento de impostos, permitindo assim menores preços, provocando a insatisfação dos comerciantes legais. Esse quadro leva o prefeito Jarbas Vasconcelos a adotar medidas enérgicas para solucionar o problema.

Como bem colocam Araújo, Bezerra, Bompastor (1995 – p.18):

Este período caracterizou-se pelo estabelecimento de uma política cuja estratégia priorizada foi a negociação com a categoria dos camelôs, envolvendo-os no controle e fiscalização do comércio informal e estimulando o seu potencial organizativo.

Esse segmento da sociedade, os ambulantes, é considerado nessa década, mesmo de maneira discreta, como um elemento importante para ajudar na busca da solução para sua

realidade de comerciante informal. Afinal, o setor informal vinha ressurgindo com bastante força, necessitando de definições estratégicas que permitissem promover intervenções, sem exclusão social. A primeira gestão de Jarbas coincidiu com uma nova forma de ver o social.

Segundo Gondim (1995 – p. 948):

Ao descrédito do planejamento tecnocrático, somou-se o encantamento dos profissionais com os movimentos sociais urbanos (MSUs), apontados como novos sujeitos da mudança em direção a uma sociedade mais justa.

Nesse contexto, reconhecer os problemas e quais os atores para organizar o espaço urbano passou a ser uma prioridade na gestão do Recife.

No período de **1990** a **1992**, assume a Prefeitura do Recife o prefeito Gilberto Marques Paulo. Apresenta como uma das principais metas de sua administração a revitalização do centro da cidade. Propõe e executa o deslocamento dos ambulantes, das principais ruas e praças para setores “mais apropriados”, voltando à tona o lema: *ordenar o centro da cidade*. Ainda no ano de 1992, uma ação municipal chamada *Operação Camelô* é desencadeada com o objetivo de afastar o comércio informal de seis ruas centrais da cidade.

De acordo com Araújo, Bezerra, Bompastor (1995 – p.06 e p.20):

O poder público municipal cometeu naquela ocasião um equívoco, ao implementar uma ação de caráter autoritário que não somente excluiu a participação dos principais atores, como também, feriu direitos inerentes à cidadania (...) Essa intervenção caracterizou-se como uma experiência autoritária e contrária aos avanços observados nos processos de planejamentos que têm a participação como um dos requisitos principais. Além do mais, a ação representou sem nenhuma dúvida um retrocesso, se comparada à experiência anterior que privilegiou a negociação.

Esses autores deixam clara a importância da participação no processo de planejamento urbano, desde a elaboração de projetos até a sua execução e monitoramento.

Idéias e reações

Em **1992**, o secretário municipal de infra-estrutura, João Braga, acompanhando o drama de milhares de ambulantes, lança, como solução para o problema, a criação de um espaço capaz de abrigar esses comerciantes.

A idéia era erguer “*um monumento que homenageasse o antigo mascate e que atendesse às necessidades básicas do atual ambulante. Seria, então, um símbolo de pedra e cal imposto pela força da coletividade na sua luta pela sobrevivência, ao longo dos séculos*” (pronunciamento do secretário no jornal Diário de Pernambuco, 1992).

Tem início, um ano depois, a concepção e construção do Calçadão dos Mascates.



Figura 10 Vista aérea do Calçadão. Fonte: www.recife.gov.br

A idéia, do *monumento que homenageasse os mascates* e resolvesse ou amenizasse o sofrimento dos comerciantes informais, sugerida pelo secretário de infra-estrutura João Braga, foi encampada pelo prefeito Jarbas Vasconcelos, já no seu segundo mandato, de **1993 a 1996**. Em aproximadamente sete meses e com sua equipe técnica tendo à frente os arquitetos José (Zeca) Brandão e Ronaldo L'Amour, a prefeitura elabora e constrói o Calçadão dos Mascates no Recife, inaugurando-o no início do ano de **1994**.

É considerada, pela crítica especializada de arquitetura uma obra de grande porte, pioneira quanto à função e portadora de beleza plástica e qualidades arquitetônicas. Foi reconhecida internacionalmente, sendo merecedora do título *Menção Honrosa*, na categoria Intervenção Urbana na II Bienal Internacional de Crítica de Arquitetura. (1996). Prometia, portanto, atender ao propósito para o qual foi planejada. Fundamentou-se em: (...) *quatro pontos básicos: disciplinamento do comércio ambulante, segurança pública, acessos das pessoas ao centro, e limpeza/higiene urbana. A proposta de um equipamento em módulo visava permitir uma flexibilidade para que o espaço pudesse ser utilizado com outras*

atividades como, por exemplo, a realização de eventos ou festas populares (Araújo, Bezerra, Bompastor, 1995 – p.23).

Apesar de tudo isso, houve reações:

A polêmica, que envolveu políticos, lojistas, arquitetos, agentes imobiliários e, naturalmente, os próprios ambulantes, foi gerada, principalmente, pela forma como foi apresentado: projeto em caráter definitivo, sem deixar espaços para alterações (Ibid, 1995 – p.25).

Mas, o que não agradou à população? A localização do empreendimento? As suas características físicas?

Características físicas



Figura 11 Vista lateral – Arco do Módulo. Fonte: Galeria de fotos da prefeitura - www.recife.gov.br

O empreendimento surgiu naquele local com a intenção de resolver dois problemas:

- 1-Acolher e ordenar os comerciantes informais;
- 2-Dar função ao trecho sul da Av. Dantas Barreto.

Cabe salientar que, para a abertura desse trecho da avenida Dantas Barreto, o tecido urbano secular do bairro de São José foi comprometido com a demolição de mais de onze ruas, quatrocentas casas e a igreja do Bom Jesus dos Martírios, como pode ser visto nas fotos da próxima página.



Figura 12 Casario demolido do B. S. José para abertura da parte sul da Av.D. Barreto (1968)
Fonte: Acervo Museu da Cidade- Forte das Cinco Pontas



Figura 13 Igreja do Bom Jesus dos Martírios
Fonte: Acervo Fundação Joaquim Nabuco

Essa igreja, apesar de ser tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, teve sua demolição autorizada pelo Governo Federal. A abertura da avenida era prioridade da administração do então prefeito Augusto Lucena - gestão 1970. O objetivo era desafogar o trânsito da cidade. Nesse momento, imperava o planejamento urbano tecnocrata e autoritário.

O Calçadão dos Mascates foi construído no canteiro central dessa avenida, numa extensão que vai do pátio da Igreja de Nossa Senhora do Carmo à Praça Sérgio Loreto. Composto de várias partes, foi projetado com capacidade para abrigar cerca de 1.400 comerciantes informais. Algumas dessas partes são grandes edificações chamadas de Módulos, que estão distribuídos de forma longitudinal – acompanhando a extensão norte-sul da Avenida Dantas Barreto. Além dessas edificações chamadas Módulos, existem 168 Quiosques (distribuídos encabeçando os Módulos e na calçada lateral perto da Igreja de Santa Tereza, ao lado da Igreja do Carmo) e 30 pontos de lanches dispersos da mesma forma que os Quiosques.

Arcos encabeçam os Módulos no início do Calçadão e nos encontros com as ruas transversais. Esses Arcos foram propostos com a intenção de homenagear os monumentos que existiam nesse local, como a Igreja do Bom Jesus dos Martírios. O espaço coberto da edificação modulada, no térreo, é ocupado por tabuleiros de aproximadamente 0.80 x 1.00m, distribuídos em grupos e com passagens para pedestres entre eles. À noite, esses tabuleiros deveriam ser guardados no andar superior, também coberto, em depósitos individuais, liberando assim o espaço térreo para apresentações folclóricas, religiosas,

dentre outras atividades culturais, como previa inicialmente o projeto. Mas não é essa a prática. Alguns problemas surgiram, tais como:

- a) A dificuldade de deslocamento diário das mercadorias para o andar superior (muito cansativo).
- b) A dimensão da área destinada para depósito, no andar superior (muito pequena).

Por conta desse dois motivos, atualmente, é permitido que os tabuleiros fiquem no térreo permanentemente. A forma dos tabuleiros foi alterada para que sua base servisse de depósito. Algumas áreas de tabuleiros foram agrupadas e transformaram-se em grandes fiteiros metálicos, ou seja, agora vale a total utilização do espaço permitido para comercializar. Tudo isso sem padronização. A figura abaixo reproduz esquematicamente a planta de um Módulo.

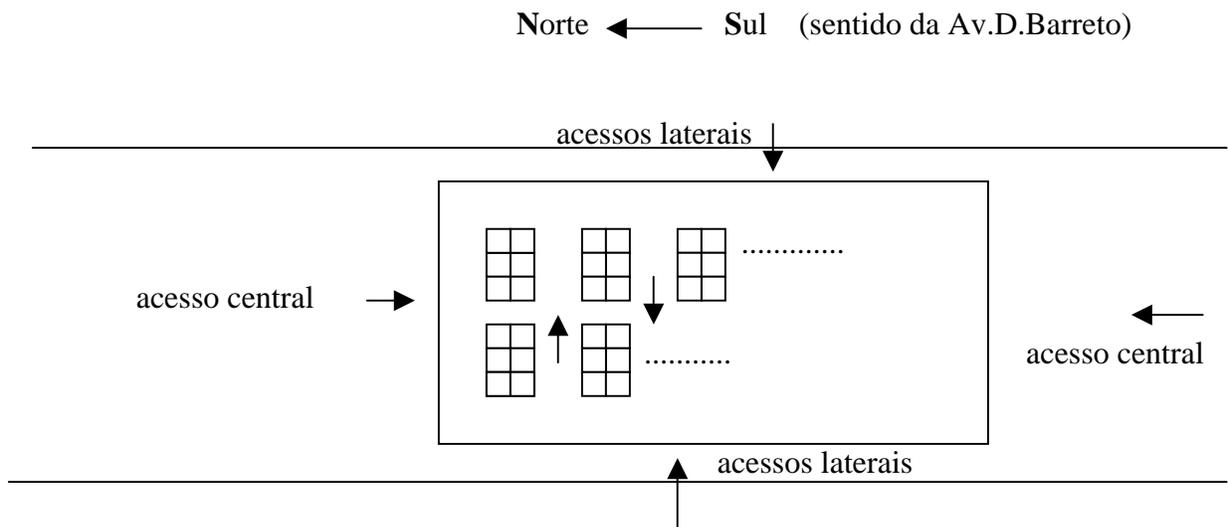


Figura 14 Esquema Básico de um Módulo – Indicação da circulação de usuários. Fonte: Pesquisa direta (2003)

Cabe aqui a discussão, preliminar, sobre que tipo de espaço é esse. Como classificar esse espaço? Um pequeno esclarecimento: o Calçadão dos Mascates compreende uma área entre vias (local e a Avenida D. Barreto), contendo uma edificação modulada (seis Módulos na extensão norte-sul da avenida), com a parte inferior aberta (acesso livre), a parte superior para depósito (acesso restrito) e Quiosques agrupados encabeçando os Módulos. Logo, classificá-lo como espaço público não é compatível, pois o acesso ao andar superior é restrito e isso contradiz a definição feita por Panerai (1994 p. 79), quando afirma que:

O espaço público se define primeiramente como espaço do público. Aberto e acessível a todos, a todo o momento, ele pertence à coletividade, ele é, para retornar a expressão latina, coisa pública (res publica).

Assim sendo, talvez ficasse mais viável classificá-lo como semipúblico. Porém, os atributos do andar superior são mais compatíveis com o semiprivado, pois existem depósitos particulares e de uso individual.

As características físicas foram mostradas, as intenções evidentes, mas o que será que está levando o Calçadão dos Mascates ao abandono? De que modo esse abandono é percebido? O que é o Calçadão dos Mascates dez anos após a sua inauguração?

As considerações apresentadas neste capítulo, trouxeram uma aproximação do contexto local e proporcionaram conhecimentos acerca de certos aspectos históricos, arquitetônicos e do cotidiano do bairro de São José e do Calçadão dos Mascates. Esses conhecimentos esclarecem e estão subjacentes nas observações *in loco*, nas falas e idéias dos sujeitos que foram entrevistados. Esse conjunto informacional, a partir das observações e dos sujeitos será apresentado nas próximas páginas, onde se tentará responder às indagações acima mencionadas.

4-A VIDA NO CALÇADÃO DOS MASCATES

4.1 (Re)apresentando o Calçadão dos Mascates

Neste capítulo, serão relatados os resultados alcançados (vivenciados) com a observação *in loco* e as entrevistas. Esse caminho metodológico, revelado antes no segundo capítulo, sugere uma interpretação e análise, considerando-se a pesquisa exploratória e a coleta de informações, sem perder de vista os objetivos da pesquisa.

Serão apresentados comentários sobre a disposição da estrutura física do Calçadão dos Mascates, sua localização e acessibilidade aos pedestres, o cotidiano nesse espaço, a sua administração bem como o comerciante nele estabelecido e o não-estabelecido - como eles vêem o espaço; as suas idéias e práticas compartilhadas.

Mostrar o Calçadão dos Mascates a partir desses olhares trará aproximação de um mundo que somente os que vivenciam o seu dia-a-dia são capazes de perceber, de conviver, de se modelar, no sentido de garantir a própria sobrevivência. É evidente que nem tudo o que acontece, enquanto realidade de vida, no Calçadão dos Mascates pode ser registrado. Mas, com certeza, muito do que foi falado e do que foi visto formará um conjunto informacional que permitirá uma leitura ímpar sobre esse ambiente de trabalho específico.

4.1.1 Observando o Calçadão dos Mascates: disposição física e atropelos

Como já foi mencionado, a área que compreende o espaço em estudo é composta por setores. Esses setores são chamados de Módulos, Quiósques ou Espaços Abertos.

Os arcos estabelecem as entradas dos Módulos (Equipamento). Os Módulos são edificações térreas e/ou primeiro andar. Os setores, com edificações térreas em estruturas metálicas, são chamados Quiosques, e os setores com áreas livres de edificações são chamados de Pátios Abertos. Os pisos desses setores são revestidos de pedra portuguesa, utilizada para fazer referência ao antigo piso das calçadas das principais ruas do centro do Recife.

É interessante esclarecer que, em alguns documentos, como é o caso da planta do Calçadão dos Mascates publicada na revista Projeto n° 190, os Módulos aparecem com o batismo de *Equipamentos*, ou seja, equipamento 1, equipamento 2, até o sexto equipamento. É importante registrar que o Módulo ou Equipamento, às vezes, apresenta-se

com a edificação duplicada e encabeçada por Arcos, Quiosques ou ainda por Arcos e Quiosques, de acordo com figuras esquemáticas abaixo:

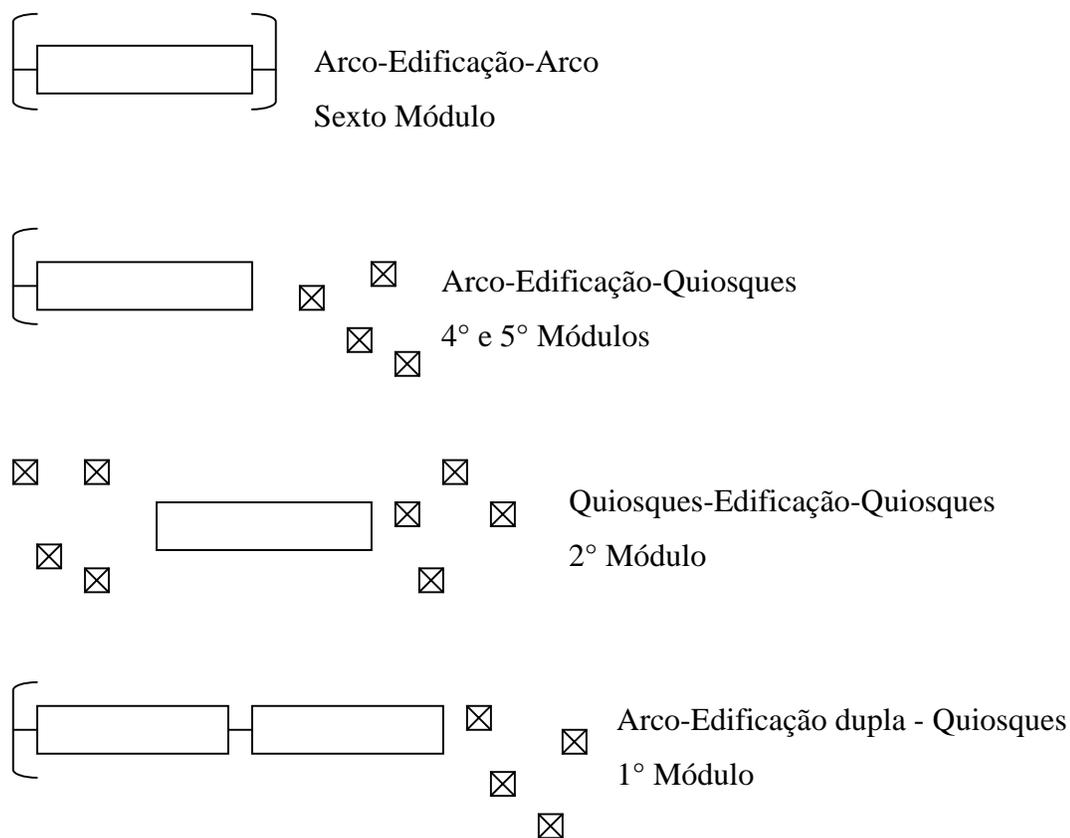


Figura 15 Esquema básico da composição dos setores do Calçadão. Fonte: Pesquisa direta, 2003

Veja-se a descrição de cada setor que compõe a área em estudo.

Os Arcos

São grandes estruturas em concreto, coloridas, cuja finalidade é dar unidade ao conjunto edificado e encabeçar os Módulos, servindo como portais de entrada. Além disso, esses elementos arquitetônicos simbolizam e marcam os locais das antigas edificações que foram demolidas para que acontecesse a abertura desse trecho da Avenida Dantas Barreto. Um desses monumentos que foi demolido é a Igreja do Bom Jesus dos Martírios, que aparece, em foto, no capítulo das considerações sobre o bairro de São José. A demolição dessa igreja foi muito comentada pela imprensa local e sua demolição foi feita aos poucos, primeiro retirando-se as edificações do entorno que, de certa forma, davam resistência à

igreja e, por fim, a demolição de um dos monumentos mais importantes do bairro de São José.



Figura 16 Arco do 1º Módulo vista lateral. Fonte: Pesquisa direta (2003)

Esses Arcos são de linhas simples e de forma, em planta baixa, meio curva. Possuem três grandes aberturas, assemelhando-se a portais. A abertura principal fica posicionada de frente para o corredor central dos Módulos ou equipamentos. Na parte superior dos Arcos, existem seis aberturas de formato retangular, servindo apenas como adorno, conforme os desenhos abaixo:

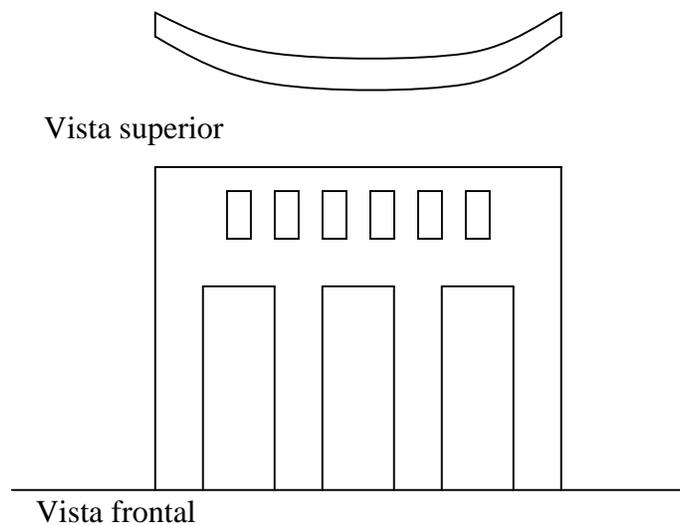


Figura 17 Desenho esquemático dos Arcos. Fonte: Pesquisa direta (2003)

Nas entradas dos Módulos, onde existe grande movimento de consumidores, essas estruturas são ocupadas por comerciantes. Mas esses elementos arquitetônicos não foram projetados para servir de suporte para abrigar comerciantes e seus acessórios de vendas. A forma de apropriação das faces dos pórticos é variada, e essa ocupação se estende tanto para um lado quanto para o outro dos arcos (Ver fotos abaixo.).



Figura 18 Arco do 1º Módulo
Fonte: Pesquisa direta (2003)



Figura 19 Pilar do Arco do 1º Módulo
Fonte: Pesquisa direta (2003)



Figura 20 Marcação amarela no piso
Fonte: Pesquisa direta (2003)

O espaço existente entre os Arcos e a edificação dos Módulos também é disputado pelos comerciantes que se apropriam da área de forma desorganizada. Observando-se atentamente, já existe uma tentativa de disciplinamento, no piso, feita com faixas amarelas. Isso demonstra uma certa convivência e flexibilidade por parte da Prefeitura.

Os comerciantes que estão nos pontos comerciais dos Módulos reclamam, alegando que a presença dos comerciantes nos Arcos congestionam a entrada e prejudica o acesso dos pedestres, possíveis consumidores, pelo corredor central dos Módulos.

Os tipos de pontos comerciais são variados, desde os fiteiros metálicos de porte médio, amparados pelos pilares dos Arcos, até as bancas em madeira, dispostas entre os Arcos e os Módulos, sem contar uma infinidade de pequenos tabuleiros, também em madeira, com base treliçada, totalmente desmontável, que ajudam a povoar desordenadamente toda a área.

O efeito visual é caótico. Transitar nesse local é pior ainda. A estética dos portais fica prejudicada, ou melhor, eles não são vistos direito, pois a sua parte inferior é quase inacessível ao olhar.

Os Arcos são estruturas imponentes e, de certa forma, dão unidade ao conjunto. Agora, quando se perguntou aos entrevistados o que simbolizavam para eles aquelas estruturas, alguns afirmavam serem apenas para marcar as entradas, enquanto outros diziam que seriam apenas enfeite, coisa de arquiteto, de quem estudou para isso, e outros ainda não achavam nada. Teciam comentários como:

Gastaram muito dinheiro fazendo essas entradas, que nem precisava, pois elas não servem para nada, só para os camelôs ficar ali grudados deixando tudo feio, desorganizado e a Prefeitura que trouxe a gente para cá prometendo organização não faz nada.

As pessoas nem entram muito pelo corredor central, observem que elas usam mais as laterais. Talvez seja, exatamente, por que tem esse tumulto na entrada.

Em momento algum a homenagem aos monumentos foi lembrada, nem mesmo a Igreja do Bom Jesus dos Martírios apareceu nas falas. Os entrevistados mais antigos falavam do bairro de São José, das suas ruas apertadas e tortas, do movimento de clientes, mas não relatavam nenhuma lembrança do lugar onde estavam as edificações importantes, nem comparavam com os locais ou proximidades dos Arcos atuais. Outros lembravam a abertura do trecho sul da Avenida Dantas Barreto com comentários saudosos:

Isso aqui foi rasgado, derrubaram tudo, para ser uma avenida bem larga, boa de passar com o carro. Era uma beleza, aquela largura toda. Agora, colocaram esse Cameloro¹ que não serve para nada. Lá para baixo a gente, velho como eu, não consegue nem passar que os trombadinhas² vão logo colocando a mão nos nossos bolsos, assaltam mesmo! Está tudo abandonado, sem segurança e os camelôs nas ruas de novo.

¹ Na linguagem do dia-a-dia dos comerciantes das ruas e do Calçadão, é muito comum ouvir a expressão *Cameloro* que quer dizer o mesmo que Camelódromo. Esse tipo de expressão apresentou-se, em sua maioria, nas falas dos mais velhos.

² Trombadinhas: meninos que vivem nas ruas praticando pequenos assaltos ou furtos.

Os Módulos

Os Módulos são seis edificações simples ou duplicadas, como na foto abaixo, chamadas também de equipamentos. Podem apresentar-se com uma ou duas edificações com térreo e primeiro andar ou somente o térreo. Alguns equipamentos apresentam pé direito duplo, outros apresentam um primeiro andar que é utilizado como depósito.

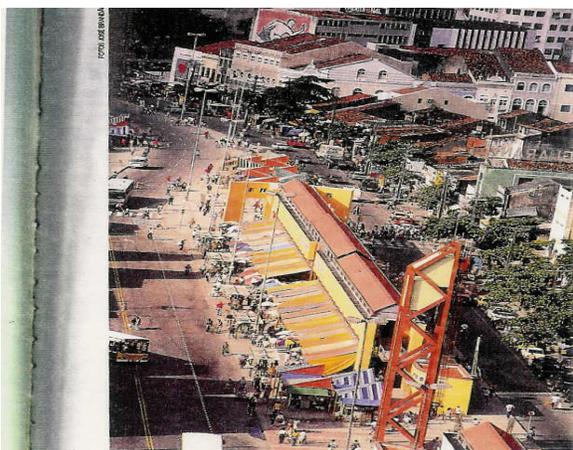


Figura 21 Vista aérea do 1º Módulo

Fonte: Revista Projeto Nº 190 (1995)

Veja-se como é a parte interna dessas edificações. No pavimento térreo, que é de acesso livre, ou seja, aberto, encontram-se unidades de vendas (pontos comerciais) chamadas Boxe. Esses Boxes, inicialmente, eram padronizados e confeccionados em fibra de vidro com metal. A forma assemelhava-se a um tabuleiro comum de feira. Esses Boxes deveriam ser recolhidos no final do expediente para o andar superior do Módulo. Mas essa não é a prática, como já foi comentado no terceiro capítulo.

Hoje, encontra-se uma grande variedade de formas de Boxe, não mais móveis, mas agora com áreas na base, para o armazenamento de mercadorias. Algumas vezes, nas entrevistas, os comerciantes se referiam ao Boxe chamando-o de Baú. Esses Baús, que já seriam uma variação do modelo do Boxe, apresentam-se com uma base em forma de grande caixa de madeira, com uma delgada estrutura metálica nas quinas da caixa. Os pés e a parte superior da caixa de madeira são metálicos. Essa parte superior metálica serve como estrutura para pendurar as mercadorias, ou seja, é o expositor. Em várias entrevistas,

também ficou claro ser da autoria dos comerciantes a idéia do novo modelo de Boxe, o Baú. Alguns entrevistados relataram que, no início, a Prefeitura não permitia a troca do modelo do Boxe.

Mas os comerciantes informais foram mostrando, no dia a dia, a incompatibilidade do Boxe, projetado pela Prefeitura, com a sua função. O grande problema relatado pelos comerciantes era o subir e o descer do Boxe e das mercadorias. Era inviável, não só pelo fato de carregar o peso todos os dias, mas também pela impossibilidade de acesso rápido ao estoque, dessa forma perdendo o freguês. É o que alegam alguns comerciantes entrevistados:

Ah moça, se a gente não tiver o produto na hora o freguês não espera não, vai comprar em outro lugar. Ficar subindo e descendo essas escadas acabam com as nossas pernas. De noite, já estamos muito cansados para levar as mercadorias lá para cima. Olhe, é uma luta danada, quem inventou isso daqui não sabe o que é essa vida não.

Em entrevista com a viúva de um comerciante informal, com mais de trinta anos de calçada na Rua Direita, ela relata que um dos motivos que levou o marido a desistir da transferência para o Calçadão dos Mascates na época de sua inauguração foi, exatamente, a necessidade desse deslocamento com a *banca* e as mercadorias no final do expediente. Segundo ela, o marido já percebia, naquela época, que essa forma seria inviável, principalmente para os mais velhos, que era o caso dele. A viúva atribui a depressão que lhe abateu ao fato de ele ver que *o Calçadão faliu e seu antigo ponto, na Rua Direita, foi novamente ocupado.*

Na pesquisa com os comerciantes informais de rua foi conseguida a confirmação desse relato. O fato foi novamente mencionado na entrevista de um comerciante muito amigo do falecido. Confirmou não só a tristeza do colega como também contou as tristes trajetórias de outros que viviam muito bem nas ruas e, hoje, após a transferência para o Calçadão, estão falidos e doentes:

É o caso de 'Pedro das Alpercatas', antigo aqui, com mais de cinquenta anos de calçada entre a Rua Direita e a Travessa do Mercado e que agora está doente na casa da filha. Todo mundo sabe da tristeza de Pedro, falindo ano a ano, ali naquele lugar medonho. Aqui ele era rico, lá só fez perder até

ficar devendo. E homem como nós não agüentamos ficar devendo, é tristeza na certa, é a tal da depressão, é a morte mesmo. Ali é o 'acabamento' de vários amigos meus, os que ainda estão lá é porque já devem tanto que não tem mais nem para onde ir.

Esse é um desabafo de um comerciante que ainda resiste comercializando nas ruas e que prefere a morte a ser transferido para o Calçadão:

Das ruas eu não saio, nem por cinco salários mínimos, nem se a Prefeitura me desse o melhor ponto ali no Calçadão, eu não ia, é uma inganação só. Ali não tem o melhor ponto, todos são ruins, aquilo é uma desgraça, dinheiro do governo jogado fora, para a gente não serve não.

Após tantos desabafos, observou-se que os Boxes antigos, do tempo da inauguração, ainda se encontram nas áreas dos Módulos pouco usados. É o caso dos Módulos 4º e 5º. Não são levados para o andar superior no final do expediente, como estabelecia o projeto inicialmente. Para ser mais preciso, não têm donos, estão desativados.

Um outro tipo diferente do Boxe antigo e do Baú é encontrado apenas no 1º e no 2º Módulos, sendo em maior quantidade no 1º Módulo. Trata-se de uma grande caixa metálica, com base metálica ou em alvenaria, com mudança de piso em altura e tipo (cerâmica). Essas caixas metálicas têm portas também metálicas e de enrolar. Segundo os comerciantes entrevistados, esse tipo de porta facilita o abrir e o fechar do ponto de comércio, como também não tomam o espaço das mercadorias, como pode ser observado nas fotos abaixo.



Figura 22 Boxe no seu modelo original
Fonte: Pesquisa direta (2003)

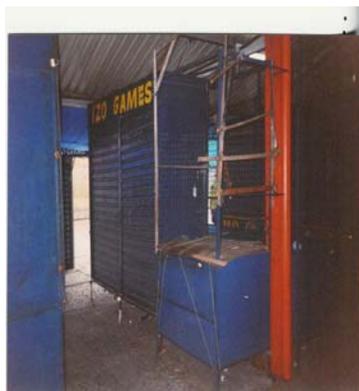


Figura 23 Boxe tipo Fiteiro e Baú
Fonte: Pesquisa direta (2003)



Figura 24 Boxe tipo lojinha
Fonte: Pesquisa direta (2003)

Essa nova forma de Boxe também foi recriminada pela Prefeitura, mas com o passar do tempo ganhou força e estabeleceu-se como apropriada para o uso e a função. Tornou-se, hoje, um dos sonhos de todos os comerciantes entrevistados do Calçadão: *Queremos ter um fiteiro tipo lojinha como aqueles do primeiro Módulo*, como diziam eles nas entrevistas. Essa verbalização pela grande maioria dos entrevistados leva a acreditar ser essa a *forma* ideal para o ponto de comércio atender às necessidades dos comerciantes do Calçadão dos Mascates.

Além da multiplicidade das formas dos pontos de comércio nos Módulos, existe também uma grande variedade de bancos e cadeiras, que vão dos convencionais aos improvisados, de madeira ou metálicos, com entrelaçamento feito com pequenas mangueiras de plástico. A criatividade e o aproveitamento são grandes. Daria um ótimo trabalho sobre mobiliário alternativo. No final do expediente, essas mobílias alternativas são presas por cordas ou correntes ao Fiteiro ou Baú.

No térreo, os Módulos têm sua área de piso dividida em corredor central e pequenos corredores entre os grupos de Boxes. Essa divisão é feita com uma tinta amarela aplicada sobre o piso de pedras portuguesas. No corredor central dos Módulos, existem regras de uso para o piso. Todas essas regras são estabelecidas pela Prefeitura e fiscalizadas pela administração do Calçadão dos Mascates. Duas faixas amarelas estabelecem o limite para os comerciantes utilizarem o espaço do corredor central. Não se pode colocar mercadorias nem cadeiras ou similares no corredor central. A ordem é deixar o corredor livre para o pedestre. Essa regra nem sempre é respeitada, conforme a foto a seguir que ilustra a entrevista *Centro entregue aos camelôs*, publicada no caderno Cidades, do Jornal do Comércio, em 23 de abril de 2003, complementando a manchete: *Apesar das promessas, a Prefeitura do Recife ainda não conseguiu ordenar o comércio informal. Calçadas e paradas de ônibus continuam obstruídas*.



Figura 25 Corredor central dos Módulos. Fonte: JC /caderno Cidade (23/04/2003)

Mas, alguns dos entrevistados acatam a norma e, no momento das entrevistas, orientavam para que não ficássemos sentados em banquinhos no corredor central. Explicavam que um fiscal da Prefeitura poderia passar reclamando e batendo com uma varinha no piso para que as pessoas desocupassem a área. A figura esquemática de um Módulo permite visualizar a organização dos Boxes com as faixas amarelas.

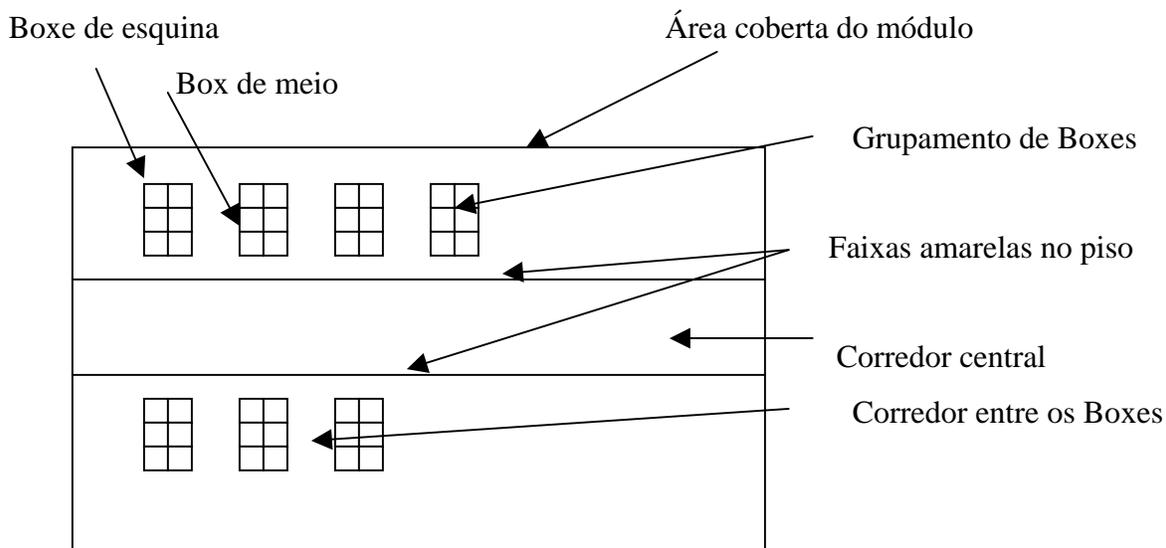


Figura 26 Esquema do Módulo

Os Módulos possuem agrupamentos de Boxes composto por seis pontos de vendas, como mostra a figura acima. A grande reclamação dessa distribuição dos Boxes era com relação aos que ficavam no meio, pois os comerciantes alegavam falta de frente para o mostruário. Na prática, o que geralmente acontece é a compra dos Boxes do meio pelos

comerciantes dos Boxes das esquinas. Quando isso não acontece, o Boxe do meio fica fechado e sua face externa é utilizada como expositor pelos comerciantes das esquinas.

Já os comerciantes que estão nas esquinas das laterais externas dos grupos de Boxes, expandem as suas áreas de exposição com pequenas bancas ou fiteiros nas calçadas laterais dos Módulos. Essa prática desorganiza o ambiente e não é permitida pela Prefeitura. Mas é uma estratégia bastante utilizada. Neste texto, mais à frente, esse assunto será retomado.

A iluminação da parte térrea e do primeiro andar dos Módulos é precária, tanto a direta, ou seja, luz solar, quanto a indireta, isto é, os pontos de luz nas luminárias. Os comerciantes alegam que algumas situações estabelecidas pelo projeto não ficaram adequadas às suas necessidades, como, por exemplo, os pontos de luz do corredor central, geralmente dispostos muito alto, deixando o corredor escuro.

Como problema de iluminação direta encontraram-se as pequenas janelas (lanternins), objeto de freqüentes reclamações por parte dos entrevistados. Essas pequenas janelas já sofreram alteração na sua forma, pois eram venezianas que não conseguiam permitir a boa passagem de luz solar, nem conter as fortes chuvas com vento. Vieram a ser um único pano de vibro emoldurado, sem passagem de ar. Mas essa nova forma, além de contribuir para a formação de uma camada de ar quente no corredor central dos Módulos, tem um posicionamento que não atende às necessidades de iluminação direta, pois os comerciantes dispõem as mercadorias de maneira muito congestionada. Esse congestionamento é provocado pelos expositores, dispostos com muitas mercadorias, dificultando a penetração da luz solar. Nessa mesma linha de análise, sobre os possíveis causadores da escuridão do ambiente, seguem as reclamações sobre a cor azul-escuro para o mobiliário. Essa cor é estabelecida como padrão pela Prefeitura.

Além das reclamações sobre a ineficiência da iluminação, muitos entrevistados reclamaram da manutenção e conservação dos pontos de luz elétrica. Alegam que a situação é sofrível. O vandalismo é grande, várias luminárias são quebradas e não são repostas pela Prefeitura. Alguns comerciantes utilizam a prática de, no final do expediente, retirar a lâmpada fluorescente e guardá-la no Baú. Outros, tendo perdido até os suportes para as lâmpadas fluorescentes, fazem uma extensão com lâmpadas incandescentes e retiram-na para guardar no Baú no final do dia de trabalho. Nos Módulos menos

movimentados, até a fiação foi roubada. É o caso do sexto módulo que não tem luz elétrica. (Ver fotos a seguir.)



Fig. 27 Gambiarras nos pontos de luz
Fonte: Pesquisa direta (2003)



Fig. 28 Prumada sem fiação-6º M.
Fonte: Pesquisa direta (2003)



Fig. 29 Sistema incêndio desativado
Fonte: Pesquisa direta (2003)

O problema da manutenção e conservação não passa apenas pela iluminação. Existem goteiras por toda parte nos Módulos. São calhas que vazam, telhas quebradas, venezianas inadequadas e vidros quebrados. Enfim, uma série de problemas com os ventos e as águas das chuvas. O andar superior dos módulos, os depósitos, também são cheios de infiltrações de águas de chuva. Os comerciantes reclamam porque perdem as mercadorias e que, quando os vazamentos são consertados, com pouco tempo vazam novamente. Desabafa um comerciante: *Não tem jeito não, é assim, tudo feito para durar pouco mesmo que é para vir outra empresa e ganhar mais dinheiro encima de nós.* Sem esquecer que o sistema contra incêndio é quase inexistente. Para ser mais preciso, no sexto Módulo, não há extintores ou mangueiras, como pode ser observado nas fotos apresentadas anteriormente.

Mas o grande vilão, apontado nas entrevistas como sendo um problema sério, é a cobertura das laterais dos Módulos. Essa cobertura já sofreu alterações desde as primeiras chuvas que caíram sobre o Calçadão. De acordo com o relato de um comerciante de sapatos:

Isso aqui era muito pior. Logo no início, eles colocaram umas lonas, listradas de azul e branco, como cobertura. Vejam só, aqui em Recife que as chuvas caem rápidas e com muito vento, colocar lona para aparar chuvas. Foi água para todo lado. A senhora precisava ver a correria para não perder as mercadorias. A gente reclamou muito e fizeram a reforma, mas

colocaram telhas metálicas, resolveu um pouco as chuvas e os ventos, mas mata a gente de calor. É muito quente mesmo, estamos reclamando de novo.

Todos os entrevistados reclamaram do calor, do barulho e das chuvas e ventos que o telhado não consegue conter. Alguns prolongamentos (ver foto abaixo) são feitos com tarugos de ferro e lona azul, sem a permissão da Prefeitura. Essa prática é diária e quando a fiscalização precisa fazer a ronda, é dado um aviso para que todos tirem os prolongamentos da cobertura e, assim que os fiscais vão embora, tudo volta ao que era antes, explica uma vendedora de artigos para bebês e gestantes.



Figura 30 Prolongamento de cobertura nas laterais dos Módulos

Foto registrada às 7h, muitos Boxes e pontos ainda estão fechados. Fonte: Pesquisa direta (2004)

Parece que os responsáveis pela elaboração do projeto se esqueceram de levantar a bandeira sobre as qualidades arquitetônica e o conforto, bandeira essa tão bem defendida pelos arquitetos, como externa Tomás Lapa, em seu livro *O Recife de Frente e de Perfil*:

A conformação de uma cobertura e os princípios construtivos adotados na armação de um telhado guardam relações estreitas com a climatologia do lugar, sol e regime de ventos. Porém, não se pode ignorar a coerência do material levando em conta a sua relação com o meio ambiente onde está sendo utilizado (1987 – p. 75).

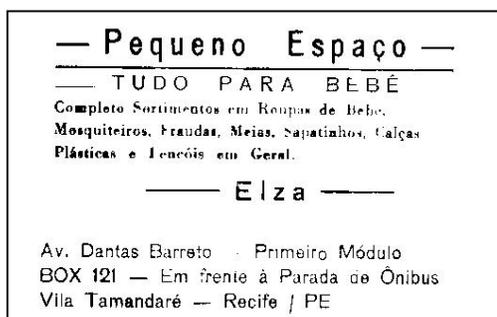
Mas as reclamações continuam e outras associações são feitas. Uma entrevistada, com mais de sessenta anos, em seus comentários, alegou o aumento da pressão sanguínea

por conta do calor excessivo na sua área de trabalho (primeiro Módulo na parte poente). Ela concluiu que o prolongamento do telhado alivia, mas não resolve o problema, pois os materiais utilizados na cobertura não são adequados, ou seja, são telhas metálicas e plásticos para o prolongamento. Ambos esquentam bastante. Segundo ela, resolver o problema dessa cobertura era uma das mais significativas reivindicações que teria a fazer à Prefeitura. Ela esclarece:

Eu, graças a Deus, vendo muito bem aqui, lá para trás eu sei que meus colegas não vendem não. Mas aqui, aqui é muito bom, dá para eu garantir o pão de cada dia. Eu sei que eu não preciso de muito, pois não tenho mais filhos pequenos, os que tem estão sofrendo, mas eu consigo vender bem e gosto muito do meu cantinho. É bem melhor do que quando eu estava nas ruas, que não tinha lugar certo. Aqui não, eu pego o meu ônibus de manhã cedinho e sei para onde eu vou, tenho a minha água mineral, o meu filtro. O que tem de ruim aqui é só esse telhado, esquenta muito, é preciso fazer umas modificações nele, mas no resto está tudo ótimo, eu não sou mais jovem e não posso está correndo dos fiscais e aqui não, eu fico sossegada, no meu pequeno espaço.



Comerciante no 1º Módulo



Cartão de visita

Figura 31 Comerciante e Cartão de visita. Fonte: Pesquisa direta (2003)

A expressão *pequeno espaço* chamou-nos a atenção, principalmente por fazer parte do texto de seu cartão de visitas. É uma declaração de posse, de tranquilidade, de

segurança. Ela, na sua idade, já não tem mais forças para lutar, para correr dos fiscais. Aquele lugar é seu. É aceito porque ela já não tem forças físicas para ir à luta e conquistar outros lugares, mais adequados. Aquela é a única e talvez a última opção. Porém, ela reconhece que muitos estão pensando, não conseguem vender, nem saldar as suas dívidas e tem pena dos que ainda têm filhos pequenos.

Mas os Módulos não são vivenciados apenas no térreo. No andar superior dos mesmos existem espaços para depósito com armários metálicos com trancas e cadeados. São grupos de armários dispostos dois a dois na vertical, com uma profundidade de aproximadamente um metro, como é possível perceber na foto a seguir.



Figura 32 Acesso ao depósito, andar superior dos Módulos. Fonte: Pesquisa direta, 2003

O acesso é restrito, há uma porta metálica isolando a área dos armários do *hall* da escada. Essa porta metálica nem sempre está fechada, e isso faz com que os depósitos fiquem vulneráveis. Alguns entrevistados se queixam da área de armazenamento do estoque. Além de não ter muita segurança, é muito pequena. Um entrevistado relata que, quando comercializava nas ruas, seu estoque chegava a ter nove metros quadrados em quartos alugados nos velhos prédios do Centro. Hoje sua área é limitada ao Baú no térreo e a um armário de um metro e meio quadrado. Alguns comerciantes do Calçadão amenizam a insuficiência de depósito alugando áreas distantes do Calçadão. O prejuízo vem na administração desse material e na dependência de alguém para ajudar a trazer e levar as mercadorias. Na pesquisa exploratória, foram flagrados homens com grandes caixas na cabeça e sacos de mercadorias nas mãos e até crianças trazendo mercadorias das ruas adjacentes ao Calçadão.

Esses depósitos, além de não serem convenientes em termos de espaço e segurança, também se encontram sem manutenção. Os exemplares que estão localizados no primeiro e segundo Módulo ainda são utilizados, mesmo com toda as dificuldades. Um carregador, cujo apelido é “cabeça”, pois só carrega os caixotes apoiados na cabeça, desabafa:

Aqui já foi muito movimentado, tinha muitos carregadores, parecia uma fileira de formigas no final da tarde e início da manhã. Agora só tem eu servindo a esses dois Módulos, eram mais de trinta carregadores.

Os depósitos que estão nos Módulos mais afastados do Pátio do Carmo se encontram abandonados, às vezes servindo de dormitórios para meninos de rua ou mendigos.

Não se pode deixar de comentar as preferências com relação à posição dos Módulos. Sua localização, segundo os comerciantes entrevistados, é fundamental para se ter movimento de consumidores e assim garantir boas vendas. O primeiro Módulo tem superlotação de comerciantes, pois sua posição é privilegiada quanto ao fluxo de pedestres. Posiciona-se bem próximo à Rua Tobias Barreto – corredor entre a estação ferroviária e o Mercado de São José. Todos os comerciantes informais entrevistados são da mesma opinião quanto a ser muito bom comercializar no primeiro Módulo, principalmente nas extremidades do Calçadão. Um ponto de venda nesse Módulo chega a custar cinco mil reais, apesar de ser ilegal a venda dos pontos ou Boxes, pois a Prefeitura não permite esse tipo de procedimento. Porém, os comerciantes afirmam que existe, com frequência, a transação de vendas de pontos, não só nos Módulos como nos Quiosques também.

Observando melhor, o primeiro Módulo é realmente muito mais denso quanto à diversificação de produtos e à quantidade de comerciantes, se comparado aos outros setores do Calçadão dos Mascates. Sua área de piso é toda tomada por Boxes, expositores e pequenas bancas com produtos variados. O corredor central (ver foto a seguir) fica apertado com tantos vendedores apresentando os produtos e tentando *descolar o dia*, ou seja, vender algum produto.



1º Módulo –Início do corredor central

1º Módulo -final do corredor central

Figura 33 Corredor central do Módulo. Fonte: Pesquisa direta, 2003

Apenas como informação adicional, na observação foi percebido que existe uma predominância masculina entre os vendedores do primeiro Módulo. Normalmente, estão nas frentes de vendas o dono do comércio (do Boxe), trajando calça e camisa com mangas, isto é, mais social, e dois vendedores auxiliares com visual mais esportivo, trajando bermudas e camisetas, sapatos tipo *tênis* ou sandálias tipo *havaianas*. Observem-se as fotos acima. As mulheres proprietárias são poucas nesse primeiro Módulo e as vendedoras também. Isso fica mais evidente se compara com o terceiro Módulo em que há predominância de vendedoras e proprietárias. Até os produtos oferecidos no terceiro Módulo são mais na área de roupas íntimas, artigos mais delicados, como pode ser observado na foto da página 71. Mas, que essa observação curiosa seja objeto de um outro trabalho que se encarregue de desvendar essa forma de lotação, essa ordem.

Nas laterais do primeiro Módulo, onde se encontram algumas paradas de ônibus, bancas e fiteiros proliferam desordenadamente, como já foi mencionado um pouco mais acima. Na maioria das vezes, essas bancas e fiteiros pertencem aos próprios comerciantes dos Boxes. São extensões de seu espaço para comercializar. Essa prática também se aplica ao segundo Módulo. Como explica um comerciante de cintos:

Meu ponto mesmo é apenas esse da esquina, mas é muito pequeno e o povo não vê direito, não tem área de vitrine, mostruário sabe? Aí, eu fui pegando mais área para cá e diversifiquei com bolsas, pois aqui não se compra muito cinto. Agora eu tenho esse fiteiro e essas duas banquinhas de madeira. Á

noite eu recolho tudo e pela manhã, varro o chão para colocar tudo de novo. É uma trabalhadeira danada, mas minha vida é essa mesmo e eu acredito muito em Deus.

Nesse momento, o comerciante chora e prossegue a sua história:

Lá na rua onde eu ficava, na Travessa do Mercado, aquilo lá era o coração da cidade, tinha muito movimento, tem ainda hoje. Eu lá só lidava com cintos e minha banca era pequena, eu vendia tudo, sempre tinha dinheiro, todo dia. Aqui eu preciso desse espaço todo e tem dias que não vendo nada, hoje mesmo já estamos na parte da tarde e não vendi nem uma peça, não é só eu não, meus amigos reclamam da mesma coisa. O pior é ver que onde eu vendia antigamente, hoje, já tem outro dono. Mas, eu era dono dali há mais de trinta anos quando a Prefeitura me tirou para cá, prometendo movimento e dizendo que não ia ter mais camelôs nas ruas. Mas, o que a gente vê é que nós que não temos padrinhos nas repartições do Governo perdemos tudo e estamos mingando aqui, enquanto outros estão lá nos nossos cantinhos vendendo de tudo.

Mas, além desse tipo de comerciantes que estendem as suas áreas, existem as pequenas bancas que não são pertencentes aos proprietários dos Boxes. Os comerciantes dessas pequenas bancas posicionam-se nas beiras das calçadas, apoiados no meio-fio e com os pés na canaleta de águas de chuva. São os chamados *siris*. Esses vendedores são assim denominados por estarem nas bordas do Calçadão e não serem oficializados pela Prefeitura. Podem sair dali a qualquer momento, basta vir uma fiscalização. *Eles estão pendurados aí, nas beiras das calçadas, mas basta vir a fiscalização que caem tudinho*, explica um comerciante.

Além dessa superlotação, percebe-se, também, que o primeiro Módulo é o ambiente mais enfeitado nos períodos das festas de final de ano, São João e o carnaval. É quando se esperam grandes volumes de vendas. A decoração, com temas da época, é utilizada em toda a extensão do Módulo, ou seja, *o movimento é tão grande que compensa decorar o módulo para agradar aos fregueses*, comenta um comerciante desse local. Essa prática não foi

percebida nos outros Módulos, nem nas falas dos entrevistados, nem no período da observação. Como se pode observar nas fotos abaixo.



Fig. 34 Superlotação nas laterais
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Fig. 35 Extensões da área dos Boxes
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Fig. 36 Decoração natalina
Fonte: Pesquisa direta, 2003

Esse grande movimento, no entanto, só acontece no primeiro Módulo e nos primeiros Quiosques próximos ao Pátio do Carmo. Quanto mais afastado do Pátio do Carmo, menor é o volume de vendas. Não só diminuem as vendas como também diminui a quantidade de comerciantes. *Tudo isso por que o freguês não chega até aqui*, diz uma comerciante do terceiro Módulo comentando sobre a péssima localização do seu ponto de venda. Outra comerciante comenta:

O freguês não chega até aqui porque a Prefeitura ainda permite camelô nas ruas. Se somente em espaços como esse fosse possível vender mercadorias, o povo vinha comprar aqui. Mas veja, a própria Prefeitura é quem desorganiza tudo, pois já permitiu que uma feira da 'sulanca', dessas que vendem roupas de todo o tipo com menor preços, se instale ali na esquina da Avenida Dantas Barreto com a rua do Peixoto. Isso enfraquece nós aqui. Aqui tem tanto espaço, camelô é para está aqui, se ficar nas esquinas onde o povo passa quem vai vir aqui, comprar o que, se já comprou tudo lá para baixo, nas ruas.

Essas queixas são constantes e alguns comerciantes tentam sobreviver especializando-se em produtos diferentes. Sobre a oferta de produtos nesses Módulos menos movimentados, foi observado que tende a uma especialização. É o que acontece com o quarto Módulo onde predominam os grafiteiros e relojoeiros, e no quinto Módulo há relojoeiros, pequenos consertos de produtos eletrônicos e relógios.



Fig.37 Boxe tipo ateliê 4º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Fig. 38 Relojoeiros 4º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Fig. 39 Oficinas no 5º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003

Uma comerciante de roupas no terceiro Módulo comenta que passa tanto tempo para vender uma peça que, para não ficar parada e garantir a *bolacha das crianças*, corta e costura roupas para serem comercializadas por outros vendedores localizados nas ruas da cidade:

Vejam só, o espaço foi construído para abrigar comerciantes de ruas da cidade para vender os seus produtos e é utilizado para fornecer produtos fabricados aqui mesmo para outros comerciantes que ainda estão nas ruas

A comerciante continua com uma comparação:

Se eu estivesse lá no meu cantinho, na rua das Calçadas, eu lá não teria tempo para costurar nada, era só vender, porque lá se vende muito e até hoje, quem ficou por lá está bem, vende bem, vem pegar produto aqui para vender lá. Mas aqui, aqui é só parado, não passa ninguém. Eu sobrevivo porque corto e costuro e tenho outras virações lá por fora, mas se só fosse daqui, teria dias que eu nem viria. Ah, eu já tinha abandonado tudo, como muitos estão fazendo.

Esse relato é um verdadeiro exemplo de mudança de uso forçado pelas circunstâncias e, ao mesmo tempo, um desabafo por ter acreditado nas promessas e não vê-las realizadas.

Sobre a especialização em produtos diferentes, artifício utilizado por alguns comerciantes para sobreviver na área, é interessante contar a história de um dos pioneiros a trabalhar com grafiteagem no quarto Módulo. Grafiteagem, no caso, é a prática de desenhar figuras utilizando uma pistola de tinta. A base pode ser camisetas, papelão ou similares. As figuras são apresentadas ao cliente em grandes álbuns com fotos coloridas, mas o freguês também pode trazer o desenho e aí o preço é mais baixo, pois não é cobrada a criação do desenho:

Quando eu procurei a administração do Calçadão para pedir um Boxe, no quarto Módulo, para comercializar com grafiteagem, o administrador disse que eu estava maluco, pois ali não se vendia nada e advertia que a área estava abandonada, ninguém quer ir para lá. Você vai falir.

Na verdade, o comerciante oferecia um produto bem diferente dos artigos comercializados no Calçadão dos Mascates e já tinha uma clientela cativa. Apenas estava tentando fugir dos aluguéis abusivos dos pontos de comércio na Avenida Conde da Boa Vista, também no centro do Recife. Segundo seu depoimento na entrevista, ele consegue vender o seu produto ali já há seis anos, e outros comerciantes do mesmo produto já estão se instalando no mesmo Módulo. Os clientes já fazem até cotação de preços ali mesmo, pois a quantidade de oferta o permite. Afirma ele:

Aqui o que está faltando é mais união entre os comerciantes do mesmo produto para criar condições e preços competitivos para todos, mais propaganda por parte da Prefeitura, divulgação mesmo, isso sem falar numa boa reforma e eu não me importo de contribuir, contanto que tenha qualidade nos serviços e nos materiais aplicados.

Durante a entrevista com esse comerciante de grafiteagem, foi possível observar que muitos dos compradores chegavam até ali vindos de várias partes do Recife. Era um público jovem, que procurava os serviços por conta de propagandas feitas nas escolas, clubes e academias. O próprio comerciante explicou como era feita a divulgação dos serviços:

Eu tenho duas pessoas que fazem a propaganda nas escolas, academias e em locais que sabemos da necessidade de nosso produto. Às vezes, o cliente nem sabe como chegar até aqui e paga um pouco mais para eu entregar o

produto na casa dele. Pegamos encomendas de camisetas para feiras de ciências, para grupos de teatro, grupos de dança, são muita coisa que podemos fazer.

Para esse comerciante, criar um setor especialista em um tipo de produto tem sido benéfico e fazer uma boa divulgação tem se tornado a alma do negócio, que, visivelmente está dando certo.

Comentários de comerciantes que estão dando certo nos Módulos mais afastados, foram poucos. Para se ter uma idéia, no momento das entrevistas, houve muita dificuldade para encontrar os comerciantes do quinto e do sexto Módulo (ver fotos na próxima página). A maioria não tinha uma assiduidade no uso do espaço. Isso é fácil de ser verificado se se observam atentamente as fotos do sexto Módulo. Os comerciantes trabalham com equipamentos bastante móveis, são carrocinhas e pequenas bancas em madeira, totalmente desmontáveis. À noite nada fica ali, apenas a escuridão que, até por volta das nove horas da noite, é quebrada por uma pequena luz de um lampião fixado num carrinho de pipocas .



Sexto Módulo lateral 1 (paradas de ônibus)



Sexto Módulo lateral 2

Figura 40 Sexto Módulo. Fonte: Pesquisa direta, 2004

Enfim, os Módulos são espaços que, dependendo da localização, estão sendo utilizados e principalmente com superlotação. Conforme observação *in loco* e relatos, mostraram-se, enquanto forma e tipos de materiais utilizados para a sua confecção, inadequados para a atividade de comércio, inadequados para as características climáticas da região. A superlotação só acontece por conta da super valorização da localização. É tanto que a estrutura do primeiro Módulo é toda tomada e acrescida de pontos comerciais

irregulares. Assim, a organização dos comerciantes, uma das intenções da proposta do projeto, não está sendo contemplada.

Os Módulos precisam de adequação dos materiais para se solucionarem alguns problemas apontados pela experiência de uso dos comerciantes. Reparos e manutenção também são básicos para se assegurar o uso. Além disso, poderiam funcionar melhor, se a localização dos mesmos fosse mais adequada. Bastava que houvesse um fluxo de pedestres no sentido longitudinal da Avenida Dantas Barreto. Mas, para isso acontecer, é preciso um compromisso maior do poder público. Idéias não faltam, elas vêm das próprias falas dos comerciantes. Esse assunto será explorado mais à frente, quando se falar sobre as idéias compartilhadas. A seguir, será apresentado um outro tipo de estrutura presente no Calçadão dos Mascates.

Os Quiosques

Os Quiosques são pequenos pontos de venda com cerca de um metro e meio quadrado de área útil, agrupados em duas ou quatro unidades e dispostos fora da área dos Módulos, ou seja, apresentam-se no início do Calçadão dos Mascates, próximos ao Pátio do Carmo e nos espaços abertos entre os Módulos ao longo da extensão do Calçadão, as chamadas praças de alimentação, como as intitulava o projeto inicialmente.

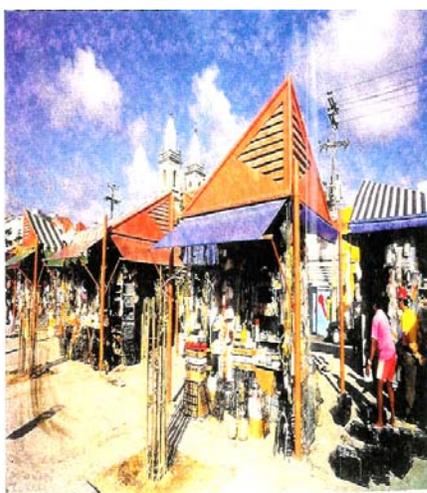


Figura 41 Quiosques na versão original
Fonte: Revista Projeto Nº 190 (1995)



Figura 42 Quiosques atualmente
Fonte: Pesquisa direta, 2003

Em determinadas situações, esses pontos são lanchonetes; em outras, são locais de venda de artigos variados. São estruturas metálicas que, mesmo agrupadas, possuem acessos independentes.

A cobertura é definida por um jogo de águas em telhas metálica coloridas. A princípio, o visual é bastante agradável e alegre. Mas, olhando-os com mais atenção, percebe-se a inadequação desses telhados, pois vários acréscimos foram feitos, numa incrível variedade de soluções (ver fotos abaixo). O sol, os ventos e as chuvas são apontados, pelos comerciantes desses setores, como os vilões da elegante plástica dos telhados propostos no projeto inicial, tal como se comentava sobre a cobertura dos Módulos.



Figura 43 Prolongamento da cobertura

Fonte: Pesquisa direta, 2003



Figura 44 Lateral externa dos Quiosques entre Módulos

Fonte: Pesquisa direta, 2003

No período da pesquisa exploratória, houve a oportunidade de conviver com esses comerciantes num dia chuvoso e com ventos fortes. Além de se perceber que os problemas causados pelas intempéries são desastrosos por conta da inadequação dos telhados, o que mais chamou a atenção foram as soluções para as pingueiras e calhas. Fitas, cordões de algodão e correntes metálicas serviam como orientador para as águas; baldes ou bacias aparavam o líquido que, segundo alguns comerciantes, era utilizado no dia-a-dia, como é fácil perceber na foto a seguir:



Figura 45 Orientadores para pingueiras e baldes
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Figura 46 Acréscimos de cobertas metálicas nos Quiosques
Fonte: Pesquisa direta, 2003

Ao mesmo tempo em que as telhas metálicas, com seus prolongamentos idealizados pelos próprios comerciantes, resolvem ou amenizam os problemas causados pelas chuvas e sol excessivos, criam outros problemas ligados ao conforto térmico e auditivo. Esse material não é adequado, pois aquece muito e não permite o desfrute da iluminação direta, ou seja, da luz solar, o que resulta em ambientes muito escuro, como pode ser observado nas fotos acima.

Em algumas situações, como é o caso dos Quiosques que estão próximos ao Pátio do Carmo, o produto a ser vendido deveria ser artesanato. Era o estabelecido pela Prefeitura logo no início da implantação desse espaço. Mas, com o tempo, os comerciantes desses pontos de venda foram introduzindo outros artigos e abandonando as vendas dos artesanatos, visto que, segundo eles, a grande maioria dos consumidores não procurava artesanatos, e sim artigos do dia a dia.

Hoje, nesses setores são encontrados produtos que variam desde, utensílios domésticos até acessórios para celulares. Numa caminhada por esses setores, observou-se que a variedade de artigos era tanta que até produtos de vidraçaria eram ali comercializados, isso sem falar em comerciantes que também ofereciam serviços de mecânica, de eletricista ou de encanador, isto é, de mão-de-obra especializada.

Em outras situações, como é o caso dos Quiosques entre os Módulos, deveriam funcionar apenas pontos de vendas de lanches e pequenas refeições, as chamadas praças de

alimentação, como estabelecia o projeto inicialmente. A estrutura é a mesma dos Quiosques próximos ao Pátio do Carmo, mudando somente a disposição dos Quiosques que agora são dispostos em ziguezague.¹ Mas, o que se encontra nesses setores é um emaranhado de pontos de comércio de artigos variados. As áreas para os Quiosques com produtos alimentício foram preservadas, mas os seus entornos foram ocupados de forma desordenada por pequenas bancas, assemelhando-se aos baús. Esses novos pontos de venda estão distribuídos sem traçado regular e, às vezes, acompanham as paredes dos banheiros e escadas, como pode ser observado nas fotos a seguir.



Figura 47 Pontos de lanches e Baús
Fonte pesquisa direta, 2003



Figura 48 Ponto de lanche e de artigos variados
Fonte pesquisa direta, 2003

É visível a aceitação pela Prefeitura dessa forma de utilização do ambiente, pois a cor das bancas é o mesmo azul das outras e existe uma marcação amarela no piso, indicando uma prévia demarcação do piso para essa prática. Essa desordem não é só vista mas também reclamada por comerciantes que acusam a Prefeitura de tirá-los das ruas para organizá-los e permite aquele abuso no uso dos espaços, aquela *favelização*, uma expressão mais forte utilizada por comerciantes revoltados. *Observem a diversificação das cobertas da área destinada à praça de alimentação*, comenta um vendedor indignado com a bagunça instalada. A referida bagunça pode ser observada na foto a seguir.

¹ Essa forma em *zigue-zague* é detalhada mais à frente com um esquema ilustrativos onde outros detalhes sobre os Quiósques são apresentados.

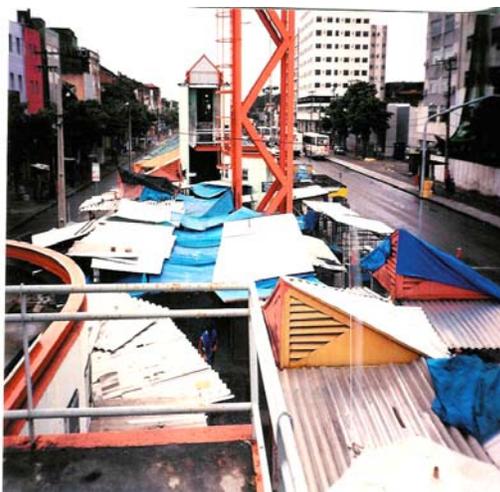


Figura 49 Vista superior das cobertas dos Quiosques – desorganização dos telhados

Fonte: Pesquisa direta, 2003

Ainda falando um pouco sobre as formas de distribuição dos Quiosques, é interessante relatar que alguns estão distribuídos em ziguezague e outros em grupos, formando grandes áreas com bastante movimento, ou seja, a forma como estão dispostos dá uma certa dinâmica ao setor ocupado por eles. O melhor exemplo dessa situação é a área inicial do Calçadão, próxima ao Pátio do Carmo, onde os Quiosques se agrupam de maneira harmoniosa. Porém, alguns comerciantes reclamam que os pontos de venda que estão posicionados nas regiões centrais dos grupos de Quiosques não conseguem boas vendas. Muitas vezes seus proprietários nem abrem os pontos e tentam repassá-los para outros comerciantes, mas sem sucesso. Ninguém quer, comenta um comerciante que tenta repassar o seu ponto. Um outro comerciante reclama do fato de alguns pontos ficarem em áreas mais escondidas, favorecendo seu uso inadequado, e relata que:

Muitas vezes eu tenho que lavar toda essa parte, pois, à noite, o povo utiliza isso aqui como banheiro, ai pela manhã é aquela fedentina. Se não lavar com bastante criolina, não tem quem consiga trabalhar e isso espanta os fregueses.

A estrutura metálica desses pontos de venda assemelha-se a grandes armários com portas de abrir de piso ao teto, em duas folhas metálicas dispostas na vertical e com trancas de cadeados e correntes. Ao mesmo tempo em que são pontos de venda, também são utilizados como depósitos de mercadorias.

Os Quiosques nas áreas onde estão dispostos em ziguezague são agraciados com um terraço comum aos pontos de comércio voltados para a mesma área. Além de sua utilidade enquanto espaço para mostruários,esses terraços são locais agradáveis, singelamente mobiliados com banquinhos de madeira ou cadeiras de balanço em ferro com mangueirinhas de plástico entrelaçadas, conforme foto e esquema apresentados a seguir.



Figura 50 Terraço entre Quiosques. Fonte: Pesquisa direta, 2003

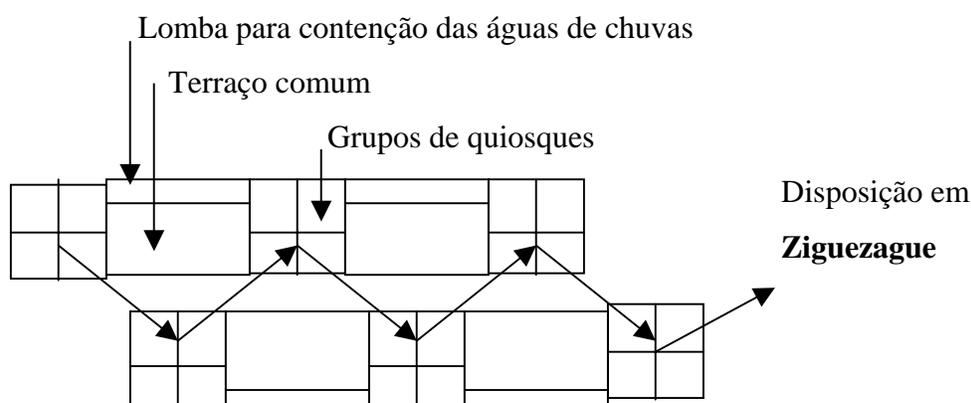


Figura 51 Esquema da distribuição dos Quiosques em Ziguezague. Fonte: Pesquisa direta, 2003

Esses terraços com suas cobertas também metálicas não estavam presentes no projeto inicial. Surgiram em resposta às necessidades de mais conforto para os comerciantes e seus fregueses. Para alguns entrevistados dos Quiosques, essa conquista foi muito importante, pois, acreditam eles que só vivendo no local é que se tem as soluções adequadas para as necessidades.

A mesma transformação aconteceu com relação ao piso desses Quiosques ou das áreas adjacentes, pois, da forma como foi implantando, não atendia bem aos comerciantes. Retornos e empoçamentos de águas de chuvas eram constantes. Alguns comerciantes alegaram que procuraram as autoridades da Administração do Calçadão, e até mesmo a Prefeitura, mas nada conseguiram como solução para o problema.

Idéias surgiram e, clandestinamente, soluções foram tomadas. Implantaram-se canos para drenar as águas de chuvas para as vias pluviais, e pequenas lombadas foram construídas para impedir o acúmulo de águas nas áreas dos terraços e pisos dos Quiosques. O detalhe é que, cuidadosamente, essas pequenas lombadas são constantemente pintadas de amarelo pelos comerciantes beneficiados, para que os fregueses não tropecem, explicou um comerciante muito contente com a solução. Os drenos também são tão discretos que só se percebem quando comentados por alguém. As pedras portuguesas foram removidas para permitir a passagem dos canos e foram novamente aplicadas de modo perfeito. *Todo esse trabalho foi executado aos domingos e de forma bem discreta*, comenta um comerciante.

Os Quiosques também são valorizados de acordo com sua localização, seguindo a mesma lógica dos Módulos. Quanto mais próximos do Pátio do Carmo, mais valorizados, e, conseqüentemente, maior é o volume de vendas. Um comerciante explica que migrou dos Módulos para os primeiros Quiosques do Pátio do Carmo e está muito satisfeito com a troca: *Aqui a gente vende mais e ainda tem essa área aqui para um repouso rápido*. A área a que o comerciante se refere é o terraço comum. Um outro comerciante comenta:

Eu sei que quem pensou esse Calçadão foram os homens que estudaram para isso. Eu só acho que essa forma tão comprida indo até a Praça Sérgio Loreto não precisava, bastava um bocado de Quiosques aqui bem próximo da Igreja do Carmo, todo mundo passava por dentro deles e ia lá para as bandas da rua das Calçadas, para o Mercado. Aí sim, viam os nossos produtos e comprariam aqui mesmo, na ida ou na volta.

Enfim, os Quiosques são estruturas que, de início, se apresentavam de forma harmoniosa e de beleza plástica bastante distinta e agradável. O colorido de seus telhados dava leveza e alegria carnavalesca às áreas onde eram implantados. Agora, o que existe é

um confuso agrupamento de estruturas metálicas desbotadas pelo tempo e acrescidas, de maneira desordenada, de forma a atender aos interesses particulares de cada comerciante.

Os Pátios Abertos

Foram identificadas duas áreas classificadas, como Pátios Abertos. Eles estão localizados nas duas extremidades do conjunto de Módulos, ou seja, o primeiro espaço encontra-se definido como a área localizada entre os primeiros Quiosques (em ziguezague) e o Arco do primeiro Módulo – próximos ao Pátio do Carmo. Já o segundo espaço se encontra logo após o último Arco do sexto Módulo e o seu limite final é o término do Calçada, bem próximo à Praça Sérgio Loreto.



Figura 52 Pátio Aberto próximo ao 1º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Figura 53 Pátio Aberto próximo ao 6º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003

Em nenhum momento foram encontradas nomeações para essas áreas, mas, na investigação, houve momentos em que foi preciso defini-las e apresentá-las com suas características de uso.

O primeiro Pátio Aberto, um pouco à frente do Arco do primeiro Módulo, é constituído por uma considerável área de piso em pedra portuguesa e algumas árvores de poucas folhagens, enfileiradas lado a lado, acompanhando o meio fio do piso, limite máximo da área considerada como Pátio. Essas árvores dão a presença do verde ao local, porém pouca sombra.

Essa área tem acesso livre e é, na verdade, um cruzamento entre a Avenida Dantas Barretos e a Rua Tobias Barreto. O fluxo de pedestres é intenso e, por conta disso, a concentração de camelôs é grande. Vale salientar que todos os comerciantes dessa área não são autorizados pela Prefeitura, ou pelo menos não aparentam ser, pois, não aparece marcação no piso com a tinta amarela, as bancas não são padronizadas nem de cor azul-escura, como são pintados os mobiliários autorizados pela Prefeitura para funcionar no Calçadão.

Em conversa com alguns desses comerciantes e percebendo a forma como a fiscalização passava e não dizia nada, ficou claro que existe certa conivência, não sabe se da parte dos fiscais ou da própria Administração do Calçadão dos Mascates. Os comerciantes apenas diziam que a exigência era que a banca fosse móvel e, no final do expediente, se recolhesse tudo. Essa é a prática.

Alguns bancos de granito povoam o primeiro Pátio Aberto e são bastante disputados. Seus usuários os utilizam até em dias de chuva, como mostra a foto abaixo.



Figura 54 Bancos e arborização no 1º Pátio Aberto. Fontes: Pesquisa direta, 2003

Esse mesmo espaço, nos períodos das festas de fim de ano, carnaval e festejos juninos, são tomados por enormes tendas que servem de abrigo para as bancas dos comerciantes. Como pode ser observado nas fotos a seguir, a área fica congestionada, pois o fluxo de pedestres é muito grande e as tendas se posicionam bem no meio do trajeto. Isso tudo acontece com a permissão e a participação da Prefeitura.



Figura 55 1º Pátio Aberto às 15 h, épocas festivas
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Figura 56 1º Pátio Aberto à noite
Fonte: Pesquisa direta, 2003

Mas essa área chamada de Pátio Aberto também é utilizada como ponto de comércio no período noturno. À noite, não são mais os mesmos camelôs que ofereciam seus produtos numa confusa gritaria, e sim, novos comerciantes, com seus carrinhos de espetinhos de carne, batatas fritas e grandes isopores com gelo e bebidas.

O Pátio se transforma em área de bar, com cordões de luz incandescente pendurados nas árvores, assemelhando-se às festas de rua em bairros populares. Um carro, do tipo popular, é estacionado no pátio e com todas as suas portas abertas garante a música que anima o agradável ambiente a céu aberto. São os forrós, os bregas românticos, os pagodes que animam e enchem de vida as noites daquele Pátio Aberto. Ele se estabeleceu com esse uso, sem nem fazer parte do projeto inicial. Os fregueses, sentados em cadeiras metálicas e apoiados em mesinhas também metálicas, consomem suas bebidas e tira-gostos, conversam, trocam idéias até bem tarde da noite. Nas esquinas adjacentes, são encontrados comerciantes também com produtos comestíveis, como tapiocas, pipocas e acarajés.

Nos períodos das festas de fim de ano, carnaval e festejos juninos, essa área é tomada por tendas, como já foi explicado anteriormente. Por conta disso, os comerciantes noturnos instalam-se, de forma muito precária, nas bordas do Pátio Aberto, quase no meio-fio. Perdem o seu lugar, criado pelo dia a dia, pela convivência. O carro de som não fica mais na área do Pátio Aberto e a iluminação, com os cordões de lâmpadas incandescentes, não é mais utilizada, ou seja, a prática que se estabeleceu pelo uso da população noturna

fica prejudicada, porque a Prefeitura monta um esquema provisório para atender aos comerciantes diurnos, sem se lembrar dos outros usos e usuários. Uma verdadeira falta de respeito aos comerciantes da noite e à população que utiliza esse comércio noturno como lazer, que guarda características de lugar. Veja-se isso mais de perto nas falas dos usuários do espaço:

A gente senta aqui e nem vê a hora passar, fica bebendo e comendo uma coisinha até bem tarde. Se conversa de tudo, namora um pouquinho e toma uma cervejinha para descansar do dia de trabalho, aqui é muito bom, eu não tenho medo, me sinto em casa, todo mundo aqui é conhecido, os malandros passam lá por baixo, mas não vêm aqui não, aqui só tem gente boa, gente simples assim como eu .

Já na outra extremidade do Calçadão, localiza-se o outro Pátio Aberto. Seu uso não tem a mesma animação do Pátio descrito acima. Ele é tão abandonado que seu piso talvez ainda mantenha o mesmo branco da inauguração. Essa é a imagem que se observa a distância.

Mas, curiosamente, aos domingos, durante o dia, um bar de uma esquina próxima utiliza, acanhadamente, um pequeno pedaço de sua área ocupando-a com mesinhas de bar. Algumas vezes, foram flagrados casais bem sentados, numa conversa animada, bebendo e comendo naquela imensidão de Pátio, a céu aberto. A paisagem é bela, não resta dúvida, pois, logo à frente, apresenta-se a delicada e charmosa Praça Sérgio Loreto, com sua arborização densa, com seu ar nostálgico produzido pela presença de um belo coreto. Porém, a falta do burburinho, a falta do ir e vir de pessoas apressadas, a sensação de solidão, para falar a verdade, o medo daquele lugar, tão sem ninguém, tão abandonado, torna as pessoas apreensivas, traz uma intranqüilidade, uma sensação ruim.

Afinal, qual seria a finalidade daquela área? Receber pessoas, talvez. De onde viriam essas pessoas para povoar aquele Pátio, para lhe dar utilidade como ao outro, que de dia e de noite se estabelece como útil à população.

Enfim, esses setores chamados Pátios Abertos são áreas bastante distintas quanto ao uso. Um deles estabeleceu-se com dupla jornada: a noturna, com ares de *lugar*; a diurna, como mais um espaço para se comercializar desordenadamente. O outro, sem nenhuma atração, a não ser a sua imensidão vazia. A Prefeitura poderia valer-se da vitalidade noturna

adquirida pela forma de uso do primeiro Pátio e tentar manter e respeitar a prática estabelecida e os usuários. Poderia, também, tentar levar essa mesma prática para a outra extremidade do Calçadão, ou seja, dar vida, movimento, frenesi, utilidade coletiva àquela outra localidade.

Os Banheiros

Existem baterias de Banheiro anexadas às estruturas dos Módulos, de modo a atender tanto aos comerciantes quanto ao público em geral. Os Banheiros são públicos. Os sanitários são espaçosos, têm boa altura, louça de boa qualidade, e os que funcionam têm vigilância feita por funcionários da Prefeitura.



Figura 57 Banheiros parte externa – 4ºMódulo. Fonte: Pesquisa direta, 2003

Segundo os comerciantes, os Banheiros que estão funcionando são bons. Mas, há muitos sanitários nos Módulos mais afastados do Pátio do Carmo que estão desativados, abandonados mesmo. Um comerciante do quarto Módulo explica que os banheiros de lá não têm nem funcionário tomando conta, nem manutenção nem portas. Isso causa muito constrangimento nas horas de necessidades, desabafa ele.

Na verdade, essas baterias de sanitários foram inauguradas completas e funcionando. A falta de conservação e a manutenção inexistente é que levaram ao total abandono, à depredação. Isso tudo porque os Módulos próximos aos Banheiros abandonados também estão abandonados, não há movimento freqüente de pessoas.

A localização dos blocos de sanitários é entre os Módulos e as praças de alimentação. Nos Módulos mais movimentados, observa-se que as paredes externas desses banheiros são totalmente tomadas por pontos de comerciantes. Os Baús dos comerciantes acompanham até a curvatura das paredes e essa não é uma situação estabelecida no projeto inicial. Aconteceu espontaneamente e firmou-se com o tempo. Os Baús dessas áreas são de bom tamanho e pintados da cor azul-escura, que é o padrão no Calçadão. No piso, existe a demarcação com tinta amarela, um sinal de que a Prefeitura tenta organizar e permite esse tipo de uso, conforme as fotos abaixo.

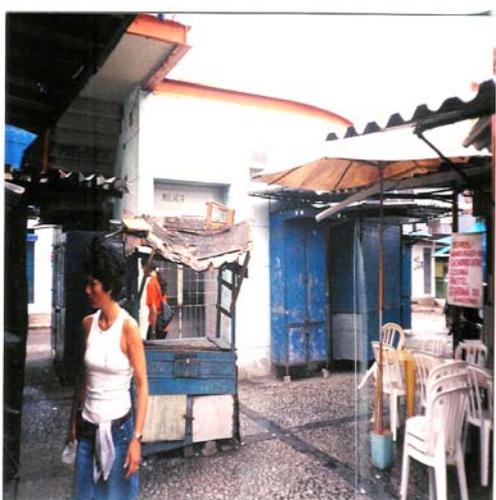


Figura 58 Banheiro no 2º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Figura 59 Parede externa do Banheiro 1º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003

O visual geral dos banheiros e das áreas circundantes é desastroso: telhados de tamanhos variados, plásticos fazendo complementos por toda a parte e Baús, apesar de pintados de azul, com formatos variados. Das paredes externas dos banheiros, só não é tomado como ponto comercial o local onde existe a porta de acesso ao banheiro e, mesmo assim, há uma área de piso restrita ao portal, como pode ser observado na foto a seguir.



Figura 60 Acesso ao Banheiro – Marcação amarela no piso. Fonte: Pesquisa direta, 2003

As Escadarias

São de traçado leve e amplas, esteticamente falando são bonitas e prestam-se bem para receber as pessoas que levam cargas. Sua função é dar acesso à caixa d'água, ao pavimento dos depósitos e permitir o trânsito de pessoas com volumes. Elas são abertas, sem teto e por isso, em dias de chuva, tornam-se perigosas, comentam alguns usuários.

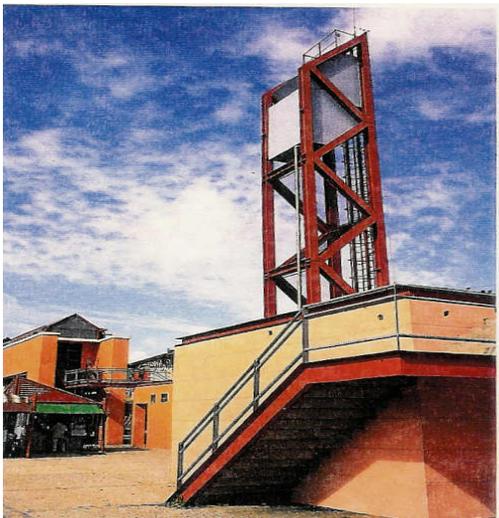


Figura 61 Escadaria da caixa d'água
Fonte: Revista Projeto Nº 190 (1995)



Figura 62 Escadaria do 4º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003

São estruturas de aparência quase flutuante, muito abertas. As suas bases eram grandes vazios, no projeto original. Hoje, as bases das escadas foram tomadas como pontos de comércio, de forma desordenada, acomodando-se à modelagem da parte inferior dos degraus. É evidente que esse tipo de uso não consta no projeto inicial, mas suas bases transformaram-se em verdadeiras lojinhas, com placas de sinalização e tudo, como se pode observar nas fotos abaixo. Às vezes, fica até complicado entender onde está a estrutura da escada, pois com tantos acréscimos vira tudo um bloco só.



Fig.63 Escadaria da caixa d'água
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Fig. 64 Escadaria do 1º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003



Fig. 65 Escadaria do 2º Módulo
Fonte: Pesquisa direta, 2003

Alguns comerciantes dos Boxes nos Módulos comentavam que achavam aquilo uma *bagunça* e se era para organizar os comerciantes de rua ali no Calçadão, por que a Prefeitura permitia tal abuso? E opinavam dizendo que a Prefeitura deveria retirar todos dali, limpar tudo, só assim os fregueses entrariam pelo corredor central dos Módulos.

Já os comerciantes instalados nesses locais se defendem alegando que, nos outros Módulos mais afastados, não há movimento, e que ali conseguem ainda fazer um pouco de comércio. Alguns desses comerciantes não permitiram fotografias, com medo de que a Prefeitura repense a situação e resolva revitalizar a área. Veja-se isso pelas falas:

Aqui eu trabalho com chaves e vendo bem, antes eu era do quarto Módulo e lá não fazia nada. Eu só sei trabalhar com chaves, faz mais de trinta anos que lido com isso, como lá não estava dando vim me instalar aqui. No inicio

a Prefeitura não deixava, mas a gente foi ficando e o tempo passando. Eu já fiz reforma e tudo. Aqui é bom, quando chove não molha nada. Só não quero foto porque tenho medo que eles mandem derrubar tudo, ai eu não sei o que fazer, onde vou ficar, lá para trás é perder tempo, ali não se faz negócio não, ninguém vai lá.

Apenas como complemento, não se pode deixar de comentar sobre as escadarias das caixas d'água, pois dão acesso a leves e verticais estruturas metálicas que tentam fazer menção às torres das igrejas que, na paisagem do bairro de São José, figuram como elementos arquitetônicos que marcam presença. Porém, a beleza desses elementos também se confunde com os tantos acréscimos existentes nos primeiros Módulos e nos primeiros Quiosques entre os Módulos. Ao longo da extensão do Calçadão, ainda é possível visualizar essas estruturas. Mas, caminhando nas passagens entre o primeiro e o segundo Módulos, é impossível perceber a estrutura, mesmo sendo ela tão vertical e imponente.

Enfim, essas são as partes observadas do Calçadão dos Mascates, cada uma delas com suas histórias vivenciadas por seus usuários, com seu uso estabelecido pela prática de cada um, conforme suas necessidades. Mas, além dessas observações, é importante tentar entender o fluxo de pedestres e o grande problema relativo à localização dos setores no Calçadão dos Mascates.

4.1.2 Fluxo de pedestres: a dança dos comerciantes informais

O Calçadão dos Mascates, como foi evidenciado, encontra-se na parte sul da Avenida Dantas Barreto, iniciando-se no Pátio do Carmo e terminando na Praça Sérgio Loreto, isto é, sai de um pátio e vai até uma praça. Seria, portanto, simples supor que, sendo seus extremos áreas amplas que poderiam receber uma grande quantidade de pedestres, essas extremidades tivessem o mesmo desempenho enquanto locais atrativos à população.

No entanto, na realidade não aconteceu o esperado. A extremidade próxima ao Pátio do Carmo é muito mais adequada às necessidades dos comerciantes informais. A extremidade próxima à Praça Sérgio Loreto não apresenta atrativos capazes de estabelecer o movimento de pedestres necessário para se comercializar com uma frequência aceitável

de consumidores. Algo sobre isso já havia sido comentado, quando foram descritos os Pátios Abertos.

Talvez essa falta de consumidores, esse baixo fluxo de pedestres nesses setores mais próximos à Praça Sergio Loreto justifique tanta migração dos comerciantes informais dos outros Módulos para o primeiro Módulo ou para os primeiros Quiosques do Pátio do Carmo, e até mesmo para os espaços não-oficiais para a comercialização, como é o caso dos Arcos, dos Pátios Aberto próximo ao 1º Módulo, das paredes externas dos Banheiros ou das bases das escadas dos Módulos mais movimentados.

Uma outra forma de constatar essa valorização da área próxima ao Pátio do Carmo é perceber a atitude da própria Prefeitura do Recife que, em épocas de festas, período de grande movimento de compras, permite novas barracas nas proximidades do Pátio do Carmo. Algumas, localizadas entre os primeiros Quiosques e o Arco do 1º Módulo, correspondem às grandes tendas sobre as quais se comentou antes, quando se esclareceu sobre o Pátio Aberto, e apresentadas em fotos. Outras localizam-se na frente da Igreja do Carmo. Alguns entrevistados relataram que essa prática de permitir novas barracas nas épocas festivas torna mais fraco ainda o movimento nos últimos Módulos, pois os consumidores não adentram o corredor central do Calçadão dos Mascates no sentido da Praça Sérgio Loreto, porque encontram os produtos logo no início do Calçadão, nas imediações do Pátio do Carmo. Mas os comerciantes favorecidos com a situação alegam que, se eles não estivessem ali, os consumidores passariam direto para as ruas próximas ao Mercado de São José e não adentrariam o corredor central do Calçadão do mesmo jeito.

Também foi comentado que existe uma migração, oficializada pela Prefeitura, de alguns comerciantes dos Módulos mais afastados para essas novas barracas, não excluindo os novos comerciantes informais autorizados pela própria Prefeitura nessas épocas festivas. Segundo alguns entrevistados, às vezes é necessária a intervenção dos advogados do Sindicato dos Comerciantes Informais no sentido de garantir a vaga para os comerciantes do próprio Calçadão. Essa prática comprova a realidade dos comerciantes quanto às fracas vendas nos Módulos mais afastados do Pátio do Carmo, e ao mesmo tempo, revela a falta de respeito e consideração pelos comerciantes que passam o ano ali mingando e, quando chega a época das boas vendas, ainda têm que lutar para ser reconhecidos e respeitados.

Os comentários feitos por uma comerciante do terceiro Módulo sobre as épocas de festas e a prática da Prefeitura ilustram melhor essa situação:

Ah, minha filha se a gente não abrir os olhos nos tempos bons de vendas eles não deixam a gente ir para lá não. Colocam os afilhados deles nas novas bancas e querem fazer o que quiser e a gente que se atole aqui neste final de mundo, nesse local feio e abandonado. Agora mesmo a gente já está se mobilizando com a Associação para saber como será nas épocas de festas, pois a gente ouviu um boato que não vai ter as barracas lá na frente mais não. Se isso for verdade estamos perdidos, ai é que não vamos vender mesmo.

Alguns vendedores se deslocam tantas vezes no Calçadão, à procura de melhor localização, que a comunidade inventa apelidos engraçados para esses comerciantes. É o caso de Dona Carmelita, comerciante do segundo Módulo, que muitos conhecem pelo apelido de *Macaca do Camelódromo*, fazendo uma comparação com o animal que pula de galho em galho, explica ela. Essa vendedora diz que nem se incomoda, pois quer vender seus produtos e afirma: *Aqui eu me transformei muito para poder sobreviver, fiquei mais esperta, é diferente das ruas, aqui não se tem amizades. Hoje eu tenho o olho mais aberto e me sinto só.*

A peleja de Dona Carmelita não é só mérito seu. Existem várias histórias como essa no Calçadão. O mesmo sentimento de solidão e de falta de companheirismo transparece nas falas.

Observando o fluxo de pedestres no Calçadão, com a intenção de entender como se dava esse acesso aos Arcos e setores e quais as preferências de turnos para as compras, foram utilizados alguns procedimentos do *método dos portões*.¹ Uma contagem foi feita, em dias alternados no primeiro Arco do 1º Módulo do Calçadão (Pátio do Carmo), de quinze em quinze minutos até completar sessenta minutos. O mesmo foi feito no último Arco do 6º Módulo (Praça Sérgio Loreto). O resultado foi comprovador: comparando o

¹ Mais detalhes sobre o *Métodos dos Portões* podem ser encontrados no trabalho de graduação-1999 **Espaços de comércio informal: uma análise morfológica**, desenvolvido por Thyana Galvão, na UFPE, no curso de Arquitetura e Urbanismo.

mesmo período de uma hora, no período da manhã, nos dois Arcos, chega a ser quatro vezes e meio maior o acesso de pedestres pelo Arco próximo ao Pátio do Carmo que o acesso de pedestres pelo último Arco próximo à Praça S. Loreto, ou seja, o fluxo de pedestres no primeiro Arco e adjacências é bem maior que o fluxo de pedestres no último Arco e adjacências. Isso justifica a preferência pelos pontos de comércio dos primeiros setores do Calçadão: são mais movimentados. Justifica, também, os deslocamentos existentes entre os comerciantes, que tentam posicionar-se em locais por onde passe uma boa quantidade de possíveis compradores.

Aproveitando o material da contagem de pedestres que acessam o Calçadão pelo primeiro e último Arco, percebeu-se que o acesso ao primeiro Arco é menor pela manhã, se comparado com o movimento da tarde. Talvez as pessoas prefiram fazer suas compras no período da tarde, e isso deve justificar a prática de alguns comerciantes abrirem seus Boxes perto do meio-dia, ou até mesmo só no período da tarde.

Comparando-se a quantidade de pedestres nos dois turnos (manhã e tarde), que acessam o último Módulo, é praticamente igual, ou seja, poucos transeuntes, mas constantes. E isso caracteriza bem o deslocamento freqüente de pessoas que embarcam ou desembarcam de seus meios de transporte próximos ao Arco do sexto Módulo no seu uso corriqueiro da cidade – não são compradores.

Ainda nesse período de observação sobre o acessos de pedestres aos Arcos dos Módulos, foi possível perceber que existe um grande fluxo no sentido transversal ao Calçadão dos Mascates, exatamente nas Ruas Tobias Barreto, de São João e do Peixoto. Esses corredores, principalmente a Rua Tobias Barreto, têm sempre um grande fluxo de pedestres, sendo o Mercado de São José ou suas proximidades o destino desses transeuntes.

Observando foto antiga da Rua Tobias Barreto (ver foto a seguir) e comparando as contagem de pedestres no cruzamento da Tobias Barreto com o Calçadão, o fluxo é, ainda, muito intenso. Em artigo publicado no Diário de Pernambuco, em 21 de outubro de 2001, cogitou-se fazer essa rua parte do *Corredor dos Mascates*. Para criar esse Corredor, na época, a Prefeitura tinha a intenção de definir um plano urbanístico específico para os camelôs, delimitando um conjunto de ruas seqüenciadas no centro do Recife para os ambulantes ali comercializarem os seus produtos. Nesse mesmo artigo, o presidente da Companhia de Serviços Urbanos do Recife (Csurb), Roberto Leonardo, reconhece que as

sucessivas administrações municipais têm sua parcela de culpa diante da situação caótica dos ambulantes. *Alguns espaços reservados no Recife para o uso exclusivo do comércio informal não funcionam. Foram mal pensados dentro do contexto urbano da cidade*, disse ele, referindo-se ao Calçadão dos Mascates e ao Shopping Santa Rita. Essa argumentação só fortalece a observação feita, no início deste trabalho, *o camelô só fica em local onde passem pessoas*, ou seja, em corredores estabelecidos pelo uso cotidiano e não pela imposição.



Figura 66 Rua Tobias Barreto – Bairro de São José (1940)
Acervo do Museu da Cidade – Forte das Cinco Pontas

Enfim, a localização de alguns setores do Calçadão dos Mascates realmente fica a desejar. A necessidade de estimular o trânsito de pedestres no sentido longitudinal, isto é, no sentido da Praça Sérgio Loreto, é grande. Talvez recursos como lojas-âncoras¹ ou prestadores de serviços populares poderiam ser os atrativos desses setores. Talvez critérios para análises e sugestões utilizados por empreendedores de shoppings centers deveriam ser considerados. Muitas idéias foram expressas no período dessa investigação. Mais à frente, haverá um retorno a esse assunto. Antes disso, é oportuno conhecer as características dos comerciantes do Calçadão dos Mascates.

¹ Lojas-âncoras quer dizer grandes magazines, que atraem muitos compradores ou postos de serviços para a população.

4.1.3 As características dos comerciantes do Calçadão dos Mascates

A aparência física

A maioria dos comerciantes entrevistados no Calçadão trajavam roupas simples e bem cuidadas. Os homens, de meia idade, têm trajes mais sérios, alguns com camisas de mangas compridas, ensacadas nas calças, com cós arrematado por cintos também sociais. Os sapatos para acompanhar o conjunto são sociais, do tipo *vulcabraz*. Muitos desses senhores são evangélicos. Isso era fácil de perceber nas falas e na presença dos pequenos rádios de pilha sintonizados na faixa evangélica. As suas falas são mais pausadas, mais cautelosas, aparentam um olhar de tristeza, de preocupação com o futuro, talvez de decepção com o lugar. Sempre falam que acreditam em Deus e que Deus vai ajudar. Um desses comerciantes evangélicos contou um pouco de sua trajetória ali no Calçadão:

Quando eu vim para cá, quando inaugurou, eu não vendia nada, era muita dificuldade, aí eu dei para beber muito e raparigar, e gastar o pouco dinheiro que eu tinha no jogo de bicho. Entrei num mundo de perdição, não via mais nada, não vendia nada e a cada ano estava piorando. Até que encontrei a palavra de Deus e fui melhorando, deixei a bebida, as mulheres da vida e agora estou me equilibrando de novo, não vendo muito e às vezes preciso trabalhar em outros cantos para melhorar o bolso, mas é assim mesmo, isso aqui é assim parado, quando eu estava na rua eu vendia tudo e nem precisava trabalhar aos domingos, era tudo mais fácil.

Esse relato nos deixa claros a decepção, o desequilíbrio por não conseguir produzir, a falta de dinheiro certo, a resistência em aceitar a nova realidade que, agora, com a ajuda divina, parece tudo ser mais aceitável, mais conformado, parece que Deus quer assim.

Já os jovens vendedores se apresentam, na maioria das vezes, de camisetas e bermudões. Nos pés, sandálias de dedo de marcas variadas. Os tênis quase não são notados nesses pés. As falas são altas e atropeladas pela ansiedade de falar. Falam dos que faliram, falam dos parentes que deixaram de comercializar ali, parecem desesperados com aquele lugar e aquela situação de poucas vendas. Um desses rapazes citou passagens da história de vida do pai:

Meu pai, não sei se a senhora já ouviu falar em Pedro das Alpercatas, ele foi considerado o camelô mais antigo da Travessa do Mercado e da Rua Direita. Quando a Prefeitura fez o cadastramento para colocar eles para cá, tirou foto e tudo dele. Aí, no Pátio de São Pedro tem a foto dele, numa dessas casas. Mas hoje ele está falido, na distribuição dos Boxes daqui ele ficou no terceiro módulo e seu Boxe era muito pequeno, ele foi perdendo tudo, eu trabalhava com ele e depois já não dava mais. Eu tive que vir ser empregado aqui no primeiro módulo. Pai está muito doente. O Boxe dele está lá, abandonado, a mulher dele tenta alugar e não consegue; comprar, ninguém quer.

Já se ouvira falar em *Pedro das Alpercatas* e em tantos outros que tiveram semelhante fim. Mas ouvir e observar aqueles jovens tão sem esperanças, alguns cheirando a cachaça, outros com o olhar distante, assemelhando-se à depressão, era penoso.

As mulheres são também bem cuidadas, algumas com maquiagens marcantes, com lápis nas sobrancelhas e batom vermelho brilhoso. As mais jovens trajam roupas leves e com muitas partes à mostra. Eram blusas decotadas, miniblusas de listinhas, camisas sem mangas. A grande maioria vestia calças jeans ou de elanca. Já as senhoras tinham roupas de cor mais discreta, sempre no capricho, cabelos bem penteados. O batom era o toque em algumas. Uma delas confessou:

Temos que nos cuidar para agradar aos fregueses, se eles chegam aqui e encontram a gente triste, por que aqui é muito ruim e ainda mais de cara feia, descuidada, eles vão embora e não compram nada. Eu só ando assim: bem maquiada, de unhas pintadas, de cabelo arrumadinho, que é para cativar os fregueses e tem dias que eu não vendo nada, o vizinho é que me arruma um vale transporte para eu voltar para casa.

As comerciantes evangélicas também estão presentes e são notadas pela compostura nas roupas e pelos cabelos presos em coque, no topo da cabeça.

A maioria das entrevistadas tinha vergonha de falar, mas, quando o assunto ganhava força, contavam tudo. Muitas, com um bom vocabulário e boa educação na forma de se expressar, não apresentavam a ansiedade e o desespero de falar percebidos nos homens mais jovens. As histórias sempre esboçavam passagens tristes naquele local, eram histórias

de roubos, de promessas não cumpridas pela Prefeitura e muitas reclamavam dos tais *Emeelista*.

A aparência física, de modo geral, não chamava a atenção, por que não eram muito diferentes ou contrastantes com o comum nos transeuntes da cidade. Mas um detalhe entre os homens pôde ser observado, pois a incidência chamava a atenção. Eles quase sempre apresentavam problemas na dentição: ou era falta de dentes, ou falta de dentaduras, ou dentaduras folgadas. Isso prejudicava a fala e o sorriso. Muitos tinham vontade de sorrir quando contavam as histórias daquele lugar, mas prendiam a boca, num sorriso fechado, ou viravam o rosto para o lado e tapavam a boca com a mão.

Hábitos e costumes

No período da manhã, vendedores com carrinhos metálicos, assemelhando-se aos carrinhos de carregar feira (ver foto abaixo), aparecem oferecendo o café da manhã. Bananas cozidas, cuscus, macaxeira, inhame ou batata doce acompanhados com carne de charque ou queijo de calho fazem parte do cardápio. Esse cardápio pode ser alterado dependendo da combinação do freguês. Um comerciante explicou:



Figura 67 Vendedor de lanches às 7h no setor dos Quiosques parte interna

Fonte: Pesquisa direta, 2003

O café da manhã aqui é muito bom e se a senhora quiser pode pedir coisa diferente que no outro dia ela traz. Às vezes eu peço frutas: manga,

melancia ou laranja, ela traz tudo certinho e podemos combinar para só pagar no final do mês, ela vai anotando e no dia trinta a gente paga. É bom, prove, banana cozida ainda quentinha.

Esse café da manhã é servido ali mesmo, apoiado nas estruturas do Baú, em banquinhos improvisados como mesas, como se pode observar nas fotos abaixo.

A venda das refeições começa a partir das seis e meia e a vendedora já tem os clientes certos. O café, às vezes com leite, é servido em copos de vidro ou canecas de louça dos próprios comerciantes. Já os pratos de vidro e talheres de metal são oferecidos pelo vendedor dos alimentos que, no final, os recolhe junto com o carrinho. Essa prática é verificada em toda a extensão do Calçadão, o que se comprova pelas fotos abaixo.



Fig.68 Vendedora de lanches e pequenas refeições
Parte interna dos Módulos. Fonte: Pesquisa direta, 2003



Fig. 69 Vendedor de lanches e pequenas refeições – às 6h30 da manhã
Parte externa dos Quiosques. Fonte: Pesquisa direta, 2003

No horário do almoço, não foi presenciada essa prática de carrinhos oferecendo as marmitas. Alguns comerciantes comentaram que almoçavam ali mesmo nos Quiosques de refeições rápidas. Alguns desses Quiosques apresentam equipamentos semelhantes aos dos restaurantes – mesas metálicas com sistemas de aquecimento para os alimentos. Alguns

com o sistema de vender por peso. Tudo isso em áreas improvisadas, acrescidas aos Quiosques.

Os tipos de alimentos oferecidos eram comuns e com poucas ou quase nenhuma verduras. Observando os pratos preparados pelos usuários dos pequenos refeitórios, o feijão, o arroz, o macarrão e a carne estavam sempre presentes, o volume chamava a atenção. Normalmente, eram pratos muito cheios, aparentando 500 gramas ou mais. A bebida que acompanhava o almoço era, na maioria das vezes, o refrigerante. Pouco se via alguém tomando suco. Não se investigou se era a preferência ou o preço que ditava o gosto, pois o suco chegava a valer duas vezes o preço do refrigerante.

Alguns comerciantes do Calçadão têm o hábito de tomar um cafezinho no período da tarde: é o lanche das três horas. Comerciantes ambulantes empurram carrinhos de lanches por toda a extensão do Calçadão. O conteúdo desses carrinhos consta de algumas garrafas térmicas, sanduíches, pastéis variados, bolo de bacia e os descartáveis (copos, pratinhos, canudos, dentre outros). O lanche é rápido e barato. Não se percebeu o uso dos refrigerantes em litros, nem em latas. Um vendedor de lanche explicou: *Não dá para trazer refrigerantes, é difícil mantê-los gelados, aí a turma não toma, é prejuízo para nós. A preferência mesmo é pelo cafezinho.*

Em toda a extensão do Calçadão, desde os primeiros Quiosques ao último Arco, próximo à Praça Sérgio Loreto, após a hora do almoço muitos tiravam um cochilo. A cadeira de balanço ou similar aparece como facilitador da soneca. Alguns homens eram flagrados com a perna dobrada e o pé apoiado no assento da cadeira de balanço. Talvez essa forma assegure o não-deslizamento na hora do sono.

Como encontro social para comemorar alguma data festiva, um pequeno grupo com aproximadamente quinze pessoas tem o hábito de almoçar juntas no primeiro dia do ano, ou seja, uma confraternização no Ano Novo. Esse encontro é feito na área de Quiosques, entre o primeiro e o segundo Módulos, em um dos pontos de refeições. Normalmente o prato é uma feijoada e os participantes, na grande maioria, são comerciantes dos primeiros Quiosques e do primeiro e segundo Módulos. Essa prática acontece desde o primeiro Ano Novo no Calçadão, 1995, e o número de participantes já foi bem maior, comenta um participante: *Antes era mais animado, a empolgação dos comerciantes era outra, ficávamos aqui até anoitecer, agora é quase somente a família de dois ou três comerciantes*

que insistem em continuar. Mais uma vez, percebem-se a desaceleração do uso, o abandono das práticas por falta de motivos para ter o que comemorar. Nesse mesmo dia, os demais setores do Calçadão permanecem adormecidos. Esse é o único foco de animação que tenta resistir comemorando a entrada do Ano Novo, com muita esperança, principalmente, com relação àquele local.

4.1.4 O cotidiano no Calçadão dos Mascates

O Calçadão pela manhã

As seis da manhã começa o movimento dos comerciantes no Calçadão. Muitos chegam cedo porque têm que trazer e organizar as mercadorias que estão em depósitos distantes dali. Outros abrem cedo porque querem aventurar algum cliente. Mas a abertura da grande maioria dos Boxes, a agitação do comércio e a gritaria dos vendedores só começam realmente por volta das dez horas da manhã. Antes disso, apenas alguns carregadores e alguns comerciantes movimentam o espaço.

As equipes de limpeza costumam passar às sete da manhã. Varrem Módulo por Módulo. Mas apenas as suas extremidades, bem próximas aos meios-fios, são varridas. Encontra-se a descrição dessa prática na fala de um comerciante:

Antigamente eles varriam tudo, por baixo dos bancos, no corredor central, agora fazem de conta. Antes eles lavavam uma vez por mês, agora nunca mais eu vi ninguém lavando, faz mais de ano. Às vezes eles dizem que é por que não podem mais entrar com as mangueiras de água, outras vezes dizem que é para não molhar os Baús e as mercadorias.

O movimento no sexto Módulo bem cedo é bom, há ônibus chegando e indo para as praias mais distantes. A calçada lateral, onde estão as paradas de ônibus de bairros próximos, também fica cheia de pessoas. A grande maioria é de empregados fazendo conexões entre ônibus para chegar a seus trabalhos. Uma curiosidade causa surpresa quanto à existência de comerciantes informais fixados na calçada do casario paralelo ao 6º Módulo. Isso é intrigante, pois a quantidade de pontos desorganizados e na calçada é grande. Os artigos são de primeira necessidade para quem vai viajar: pequenos lanches,

lanches rápidos, produtos de higiene pessoal e filmes fotográficos. E o espaço do 6º Módulo, bem perto, feito para essa finalidade, vazio. Sem falar no detalhe de que essa calçada é poente; logo, as bancas de comércio passam a tarde ao sol.

A quantidade de pedestres é boa, isso no intervalo das sete às nove. A maioria das pessoas atravessa o Calçadão sem comprar nada, pois aparenta estar indo ao trabalho. Desloca-se, principalmente, no sentido transversal ao Calçadão, nos cruzamentos da rua Tobias Barretos, da Rua de São João e da Rua do Peixoto.

Por todo o período da manhã, o movimento de vendas é muito fraco no Calçadão. Os comerciantes abrem tranqüilamente seus pontos de venda e ainda têm tempo para um bate-papo, para ler um jornal, para resolver coisas na cidade, pagar contas ou dar entrevistas.

Os veículos que passam durante esse período nas laterais do Calçadão, na grande maioria, são ônibus. O barulho e a fuligem causados por eles parecem dissipar-se com mais facilidade que no período da tarde. A sensação é de que a cidade ainda está adormecida e de que aquele trecho, onde está implantado o Calçadão, pertence a uma pequena cidade de interior.

O Calçadão à tarde

O período da tarde é muito movimentado. Pessoas são vistas, em grande quantidade, entrando pelo corredor central do primeiro Módulo. As laterais dos primeiros Módulos e Quiosques também são bastante freqüentados. Alguns comerciantes só abrem seus pontos de comércio no período da tarde. Alegam que nesse horário do dia as vendas sempre são melhores. Normalmente, às três horas da tarde, verifica-se o maior pico de pessoas circulando na área. Esse grande movimento só chega até o início do terceiro Módulo. Os demais permanecem quase sem visitantes.

O fluxo de automóveis nas laterais do Calçadão parece aumentar nesse período. Além dos ônibus, que transitam regularmente na área, aparecem bastantes táxis e automóveis particulares estacionados nas zonas destinadas a esse uso na Avenida Dantas Barreto. Fuligem e barulho dos motores têm presença marcante. A sensação já não é mais da pequena cidade do interior sentida no período matinal. O movimento é intenso e vários tipos de pedestres circulam pela área, sem falar dos que transitam pelo local com motos e

bicicletas. Alguns desses adentram o Calçadão empurrando seus meios de transporte. A bicicleta é muito presente nesse horário.

Uma curiosidade vista no final da tarde foi o deslocamento, na contra-mão, de carroça puxada a cavalo, isso nas vias laterais do Calçadão. Normalmente, carregava materiais de construção e dirigia-se no sentido da Avenida Nossa Senhora do Carmo.

No final da tarde, alguns comerciantes já começam a fechar seus pontos de comércio, o movimento assemelha-se ao da manhã. Pessoas carregou grandes sacos e caixas, algumas bancas são desmontadas. Uma usuária do Calçadão fez um relato sobre a forma como o comerciante fechava seu comércio:

Ele arruma tudo em caixas de madeira e vai colocando aqui perto do meio-fio, depois fecha a banca com corrente e cadeados. Em seguida, chega um carroceiro, coloca todas as caixas em cima da carroça e a empurra até o final da Avenida Dantas Barreto, onde fica localizado um depósito de carroças. Ele paga um real por noite que a mercadoria dorme lá, veja se são trinta dias é um gasto danado.

O Calçadão à noite

Os comerciantes que vendem durante o dia, vão, no máximo, até às 20 horas com o seu estabelecimento aberto. A grande maioria fecha às 18 horas. Algumas luzes ficam acessas, tanto nos Quiosques quanto nos Módulos. Grupos de rapazes ficam jogando dominó, baralho ou dama até altas horas. Alguns deles são vigias particulares do Calçadão, outros são vendedores que moram em outras cidades e que dormem ali mesmo. O interessante é o improvisado na mobília para apoiar o jogo. São utilizados caixotes e até mesmo as bancas ou os Baús.

Do comércio de produtos que são vendidos de dia, nada funciona na alta noite. Mas existe no Pátio Aberto, entre os primeiros Quiosques e o primeiro Módulo, um verdadeiro comércio noturno. São bebidas, tira-gostos e comidas típicas da região que fazem parte da oferta, como já foi comentado quando foram apresentados os Pátios Abertos.

Na via lateral, próximo à esquina da Rua Tobias Barreto, um grande e variado comércio de frutas acontece ao entardecer até às 21 horas. Essa área fica nas proximidades do Calçadão.

No último Módulo, apenas os lampiões das pipoqueiras e a iluminação interna dos ônibus garantem a iluminação no setor, até a saída do último ônibus, em torno das 21 horas. A partir daí, não há nada no local, apenas a escuridão.

4.2 As idéias e práticas compartilhadas pelos comerciantes do Calçadão e pelos comerciantes que comercializam nas ruas

Os entrevistados apresentaram idéias bastante comuns, porém com uma grande variação. Muitos acreditam em melhorias para o Calçadão dos Mascates. Alguns acreditam em ações na área de propaganda e marketing, outros imaginam que, melhorando as condições físicas da edificação, os consumidores seriam atraídos. Já outros não acreditam que nada dê certo para esse empreendimento. Alegam que a escolha do local foi péssima e a maneira como os comerciantes foram distribuídos sem hierarquia por tempo de serviço nas ruas ou por setorização dos produtos tornou o ambiente desorganizado.

A forma e distribuição das edificações do Calçadão também foram bastante questionadas. Algumas sugestões foram arriscadas, até em pequenos esboços, como tenta explicar um comerciante:

Os Módulos deveriam ser de outro modo, digo, com relação ao corredor central. Veja, na verdade temos três corredores, um central e dois nas calçadas laterais. Se não tivesse esses das calçadas e sim mais dois corredores dentro do Módulo, as pessoas seriam obrigadas a entrar no Módulo e não dispersar pelas calçadas laterais e nós não teríamos lado levando sol, todos estariam voltados para dentro. Sim, os Boxes deveriam ser voltados para os corredores, não entraria tanta poeira e fuligem. As paradas dos ônibus seriam nas aberturas onde tem Quiosques.

Arriscando um esboço para o Módulo ideal, veja-se o esquema a seguir.

Via Local

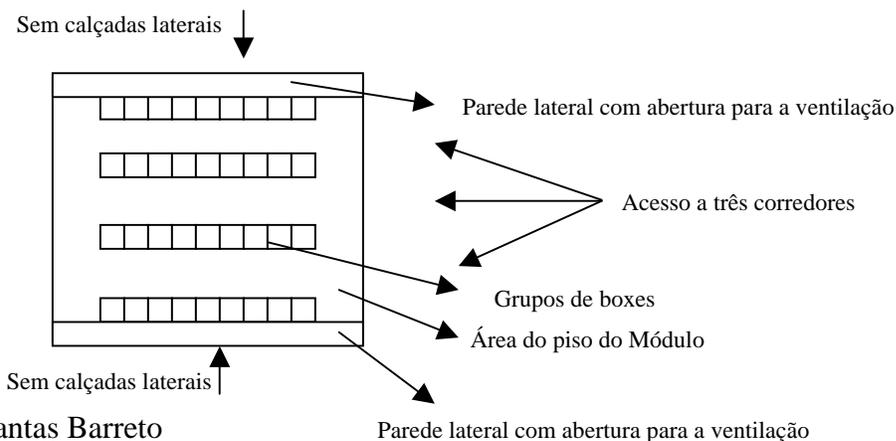


Figura 70 Esquema com idéias para a forma dos Módulos. Fonte: Pesquisa direta, 2003

Outra forma também apareceu como possivelmente mais interessante para solucionar o problema de localização. O empreendimento não teria necessidade de se estender até a Praça Sérgio Loreto e não teria a sua forma tão alongada, nem com primeiro andar, como esclarece o comerciante:

Eu não entendo muito não, mas acho que não havia necessidade de ir até a Praça Sérgio Loreto. Pode ver, ninguém fica por ali. O caminho mesmo dos consumidores é passando aqui pelo pátio do Carmo, pela rua Tobias Barreto. Então, os pontos para nós deveriam ser aqui nessa área. Serem fixos e redondos, como as barracas de côco lá na praia de Boa Viagem, não teriam fundos. Poderia dividir para quatro comerciantes. Aí sim, nós faríamos negócio.

Arriscando um esboço ter-se-ia:

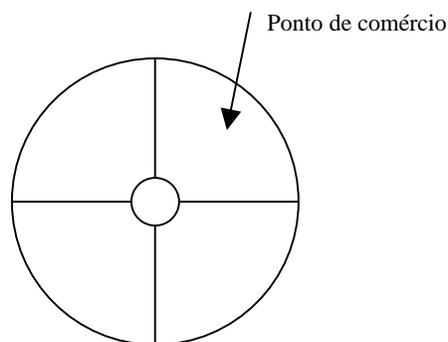


Figura 71 Esquema com idéia para Quiosques. Fonte: Pesquisa direta, 2003

Essa forma acima, explicada pelo comerciante, daria uma movimentação mais orgânica ao espaço destinado ao comércio, permitiria mais acessibilidade e mais alternativas de caminhos. Talvez essa idéia esteja ancorada no traçado irregular estabelecido no início da formação do bairro de São José, ou nas formas de arrumação das feiras livres, ou nas formas de organização encontradas nos agrupamentos de comerciantes informais nas diversas partes da cidade. Um bom exemplo haveria, evidentemente guardando-se as devidas proporções, observando-se a disposição dos tabuleiros de vendedores de relógios, próximos ao Diário de Pernambuco.

Na figura a seguir, encontra-se um agrupamento de pontos de comércio, idealizado pelos comerciantes, com várias possibilidades de deslocamento entre eles.

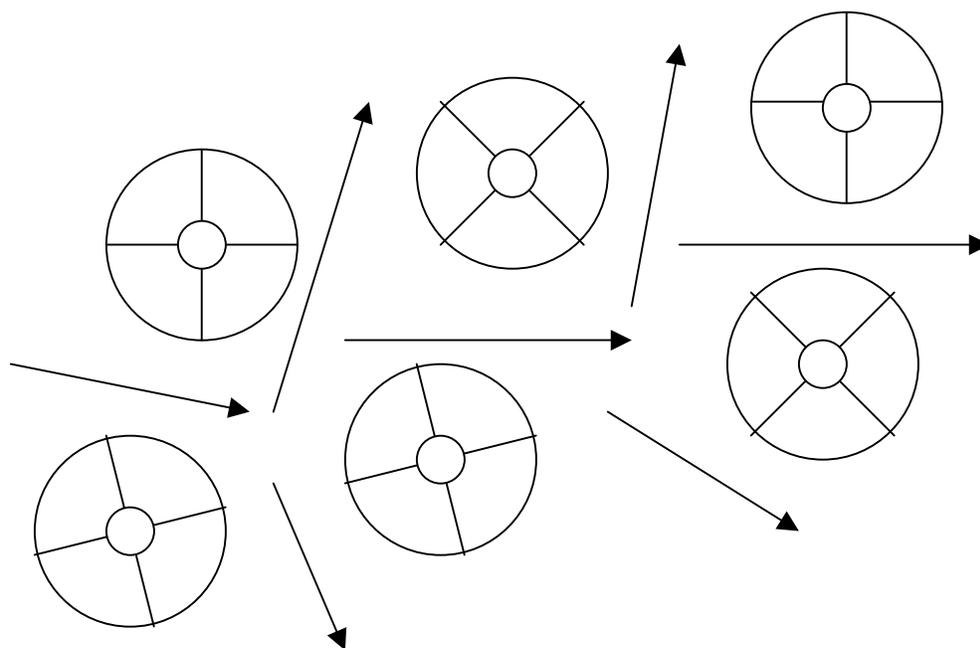


Figura 72 Idéias para a circulação de pedestres. Fonte: Pesquisa direta,2003.

Um outro comerciante arriscou uma nova distribuição para os pontos de comércio e explicou:

A grande maioria de clientes passam em direção ao Mercado de São José e ruas vizinhas, se a Prefeitura tivesse pensado direito teria feito corredores cruzando a Avenida, ligando o Pátio do Carmo ao casario do outro lado da

Avenida Dantas Barreto, pode observar que as pessoas passam fazendo esse percurso.

Numa tentativa de esboço, como ilustração da fala, o esquema a seguir explica melhor a idéia:

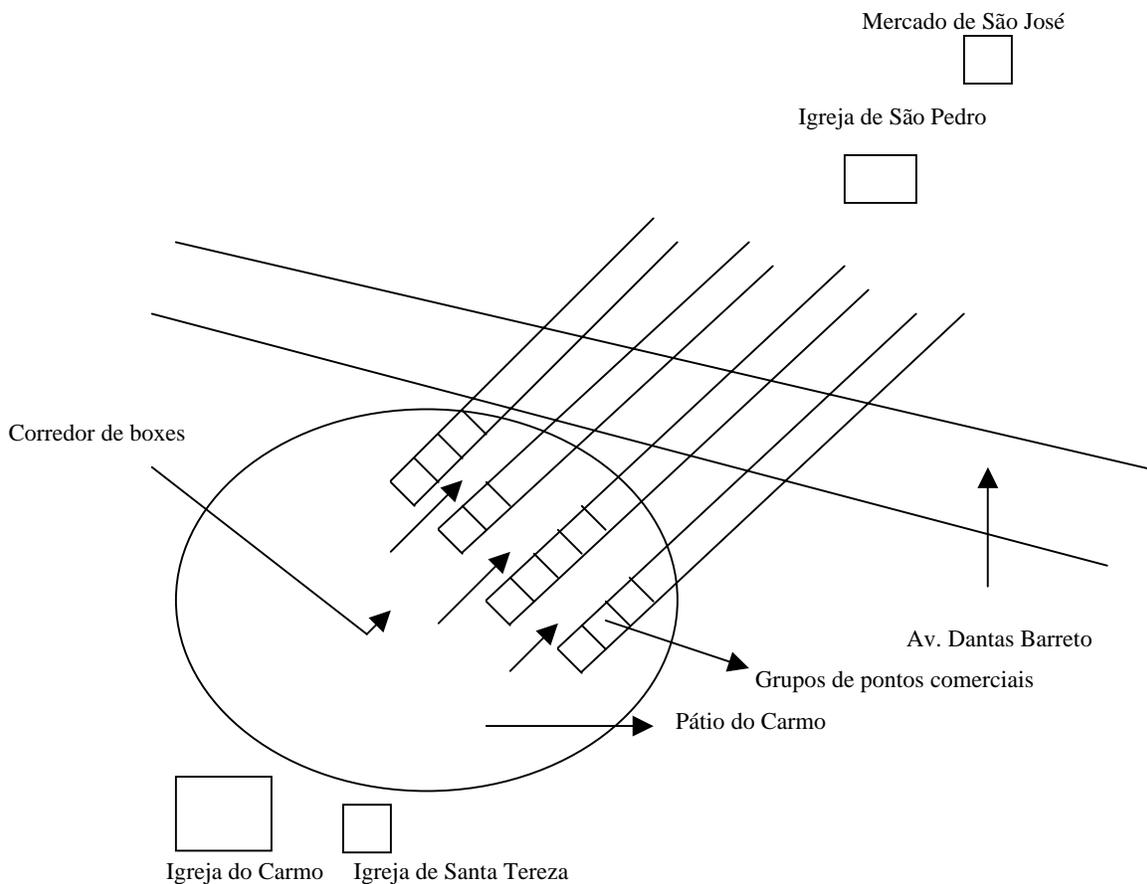


Figura 73 Idéias para a localização do empreendimento. Fonte: Pesquisa direta, 2003

Essa idéia remete ao uso do pátio como passagem para a ida às compras. Os corredores fazem lembrar as pequenas ruas demolidas para dar passagem à Avenida Dantas Barreto. Esses caminhos poderiam ser o abrigo de vários comerciantes informais, como assim ainda o são as Ruas Direita, Calçada e demais transversais.

Mas as idéias não se relacionavam apenas à forma. Enveredavam, também, pelo campo do marketing e da propaganda, com sugestões para reativar o comércio. Comparava-se o início da implantação do Calçadão com os dias atuais.

Logo no início a Prefeitura fazia propaganda, tinha sorteio, bingos, era muito animado. Os fregueses vinham, participavam, ganhavam ferro de engomar, bicicletas, era bom. Hoje, não tem mais nada, nem iluminação direito. Se tivesse alguma coisa lá no final do Calçadão que chamasse o freguês eles iam, e a gente vendia. Mas, não tem nada, só abandono. Deveria ter um restaurante bom, com preços populares ou um posto de serviços para o cidadão, desses que tira todos os documentos.

Essas idéias são compartilhadas por todos. Alguns sugerem até uma contribuição mensal para colaborar com a manutenção e as propagandas. Outros falaram da falta de união para exigir melhoras da Prefeitura, como percebido nas falas:

Aqui poderia dar certo, falta uma união entre os comerciantes, ter uma associação mais forte e mais atuante. Assim, pesquisas como essa perguntando o que eu acho, o que está faltando, quais as minhas idéias eu nunca ouvi por aqui. Mas, nós precisamos disso para melhorar e alguém tem que fazer, mas nós precisamos nos unir.

Os comerciantes que ainda estão nas ruas são unânimes em dizer que o empreendimento não deu certo. Além de criticar, não querem, em hipótese alguma, comercializar lá. Dão idéias para as melhorias, como se pode depreender dos depoimentos.

Nos primeiros pontos, próximos ao Pátio do Carmo, ainda se faz negócio, mas nunca comparado com o nosso movimento aqui na rua, aqui é bem melhor. O que poderia ser feito era divulgar mais, criar atrativos na outra extremidade, perto da Praça Sérgio Loreto, como área de lazer, local para parques de diversão, feirinhas típicas e grupos de profissionais trabalhado com educação para pessoas carentes. É, grupos de pintura, de capoeira, danças populares, essas coisas que chama o povo. Essas ONGs que trabalham com isso deveriam se instalar ali nos últimos Módulos.

Outros, mais politizados, explicam que, se a Prefeitura ajudasse a fortalecer a Associação dos Comerciantes do Calçadão dos Mascates com incentivos financeiros e orientações, as coisas poderiam melhorar. A própria presidente dessa Associação comenta sobre as dificuldades para se obterem melhorias e dá sugestões:

Aqui tem muita dificuldade, a começar pelas palavras Calçadão dos Mascates, Camelódromo, tudo lembra pobreza e o povo já está cansado de tanta pobreza e ainda vir fazer compras num local com o nome que lembra isso, não vem mesmo. Acho que deveríamos trocar esse nome, usar nomes mais modernos, fechar tudo e colocar ar condicionado central, fazer muita propaganda e manter tudo limpo e conservado. Aí sim , o povo vem, se tem conforto e tem preço bom, o povo vem.

E continua:

O maior problema é conciliar as idéias dos comerciantes mais velhos com as idéias dos comerciantes mais novos. É que os mais velhos já sofreram tanto que não acreditam em mais nada, e como para fazer alguma mudança envolve dinheiro, a turma não quer, tem medo.

As práticas mais compartilhadas relacionam-se com o armazenamento das mercadorias, pois essa problemática atinge a grande maioria (95% dos CIC). Procurar soluções para viabilizar seus depósitos tem sido uma constante. A questão da vigilância particular ajuda bastante, no sentido de que muito do estoque de mercadorias dos comerciantes permanece ali mesmo, no térreo do Calçadão. Mas, mesmo, assim a preocupação é grande, o medo de incêndios, das fortes chuvas ou do vandalismo, que os vigilantes não consigam conter, sem falar na apreensão constante em gerar quantidade de vendas capaz de cobrir os gastos com a vigilância, pois cada ponto de venda deve contribuir com R\$3,00 a R\$5,00 reais semanais para garantir a vigilância, coisa que deveria ser obrigação da Prefeitura, pois era uma das suas intenções: dar segurança e tranquilidade ao comerciante informal ali estabelecido.

4.2.1 Como o comerciante vê o Calçadão dos Mascates

O comerciante informal, seja ele estabelecido no Calçadão ou ainda nas ruas, tem uma leitura bastante negativa do espaço. 92% dos entrevistados não se identificam com o ambiente, apesar de manterem algumas práticas que, às vezes, se assemelham às práticas estabelecidas quando o espaço de convivência se transforma em *lugar*. E isso remonta a Augé(1994), quando afirma que o lugar é o *locus* no qual o espaço pode ser criado e ganhar

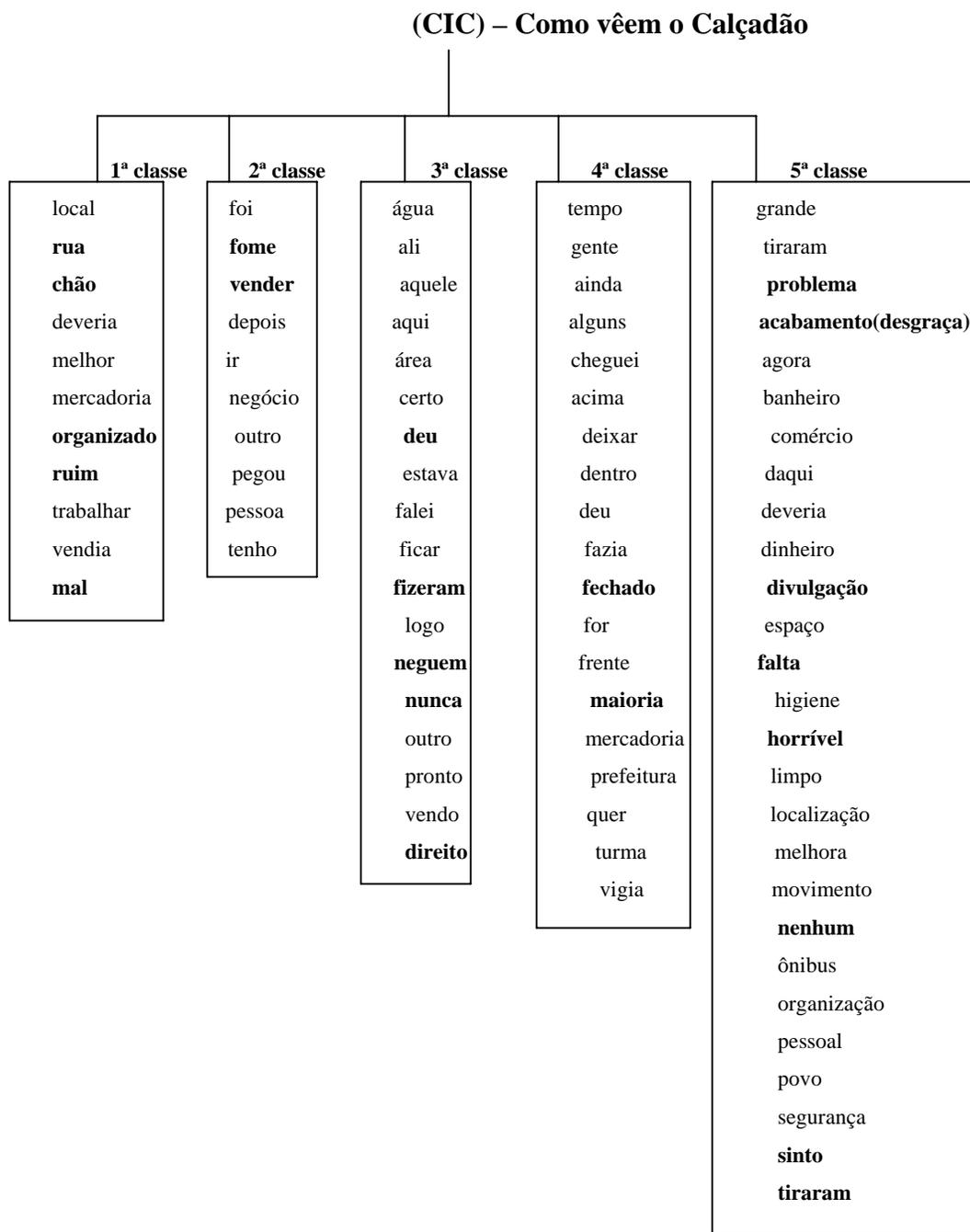
um *status* de corporeidade. É o que não está acontecendo com o Calçadão. Isso ficou bastante evidente nas falas e nas observações no uso cotidiano do Calçadão. O ALCESTE, software anunciado na metodologia como um colaborador para a análise dos dados, gerou classes de palavras que melhor sintetizam esse sentido. Essas classes de palavras estão organizadas, em ordem crescente, em forma de colunas, de acordo com a quantidade de sua aparição nos textos. Essa organização por classes indica sinalizadores para a construção de esquemas com palavras mais representativas. As classes nada mais são que as palavras em ordem crescente de seu aparecimento nos discursos.

Dois grupos participaram das comparações, sendo que um foi dividido em dois subgrupos: o grupo dos comerciantes informais do Calçadão(**CIC**), que foi dividido em **CIT** (comerciantes informais transferidos para o Calçadão) e **CIGC** (comerciantes informais geração Calçadão), e o grupo dos comerciantes de rua, denominado **CIR**.

A necessidade da subdivisão deveu-se ao fato de os entrevistados apresentarem uma distinção nas respostas, isto é, os que haviam sido transferidos(**CIT**) apresentavam um discurso com muita comparação com o passado nas ruas, ancorado na vivência passada, com muitas palavras negativas, não acalentavam a esperança de melhoras, verbalizavam descrédito quanto à Prefeitura. Desses entrevistados, 74% deixavam claro que comercializar nas ruas era bem melhor. Muitas vezes afirmavam que nem se comparava, não tinha comparação, ali era “*horrível*” - termo muito utilizado nas falas para representar aquele lugar. Já dos comerciantes informais que surgiram a partir do Calçadão(**CIGC**), ou seja, que não tinham um passado de comércio nas ruas, 81% reconheciam que ali se precisava de reformas, mas que estavam gostando do local, isso para os que estavam comercializando nos primeiros Quiosques ou Módulos. Esses entrevistados normalmente eram mais jovens e apresentavam uma maior quantidade de idéias para melhorar o Calçadão. Já os entrevistados do grupo **CIR** foram unânimes (100%) em afirmar que o empreendimento faliu e que não iriam para lá de jeito nenhum.

A leitura equacionada por meio do ALCESTE permitiu visualizar melhor esses sentimentos. As figuras a seguir mostram isso. Uma pequena observação se faz necessária sobre as palavras em negrito que vão aparecer nas colunas de classe. São os termos considerados, pela pesquisadora, mais representativos dos significados atribuídos ao Calçadão.

Figura 74 - Palavras que representam os comerciante do Calçadão(CIC) – Como vêem o Calçadão



Fonte: Pesquisa direta, 2004

Figura 75 - Palavras que representam os comerciantes de ruas(CIR) – Como vêem o Calçadão

CIR – Como vêem o Calçadão

1ª classe	2ª classe	3ª classe	4ª classe	5ª classe
rua	restante	bagunça	aquele	agora fazer
condições	servirá	barraca	conseguem	todos outros
ambulantes	aquilo	colocam	dívidas	amigos espaço
investir	zero	desorganizado	ficar	faliram organizar
reformatar	nota	dinheirinho	inferno	pessoas propaganda
colegas	abandonados	fiscalizado	irão	próprios saíram
colocava	apenas	gastar	maioria	vender vendi
começou	cheio	levam	menos	passa comércio
diferente	circulação	porcaria	passagem	presos crise
fome	circular	prefeito	preferia	precisa vende
locais	comercializar	ruim	prefiro	importante fracasso
localizado	diversão	segurança	dinheiro	água apoio
óbvio	indenizar	serviço	camelódromo	arrumar associação
optar	investimento	sobra	ia	cooperativa divulgar
piores	ladrão	lugar	oferecer	empréstimo falta
planejado	ligação	avenida	nunca	fechado fora
procuram	melhorasse	errado		freguês incentivo
raiz	modificassem	movimentado		mercadoria mexida
reclamam	museu	prefeitura		mudado mudou
trazer	péssimo	vendendo		nenhum organização
manter	povo	pagar		organizado padrão
movimento	prejudicou			parado promoção
passar	principalmente			quebraram querem
	sabiam			reclamar roubo
	tiraram			sair tivesse
	assalto			trabalho tranqüilo
	nada			verdade viável
	comerciante			arrumar devendo
				falido fim
				negação prisão

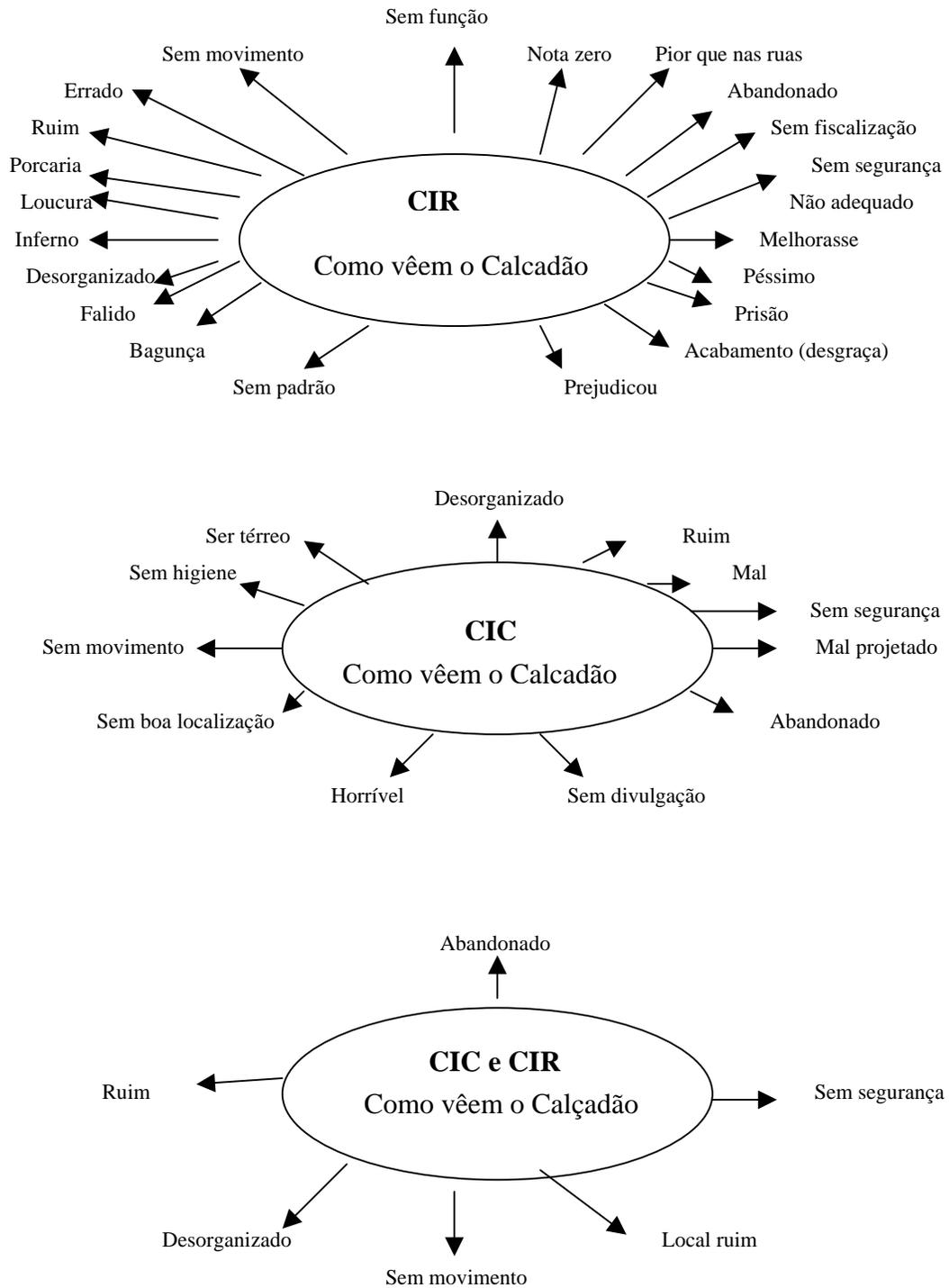
Fonte: Pesquisa direta, 2004

Figura 76 - Palavras que representam os dois grupos CIC e CIR – Como vêm o Calçado

1ª classe	2ª classe	3ª classe
local	daqui	tempo
rua	deixou	água
abandono	depois	botou
acabou	fizeram	dentro
apenas	ir, ia	depósito
bagunça	lugar	nunca
centro	negócio	pagam
comércio	outro	passar
deveria	pegou	ponto
direitinho	pegou	prefeitura
divulgação	teve	tirar
espaço		turma
ficou		veio
fraco		vez
limpinho		vigia
localização		
melhor		
movimento		
mudou		
nenhum		
organização		
organizado		
organizar		
peçoal		
pouco		
ruim		
segurança		
tiraram		
tivesse		
vendido		

Fonte: Pesquisa direta, 2004

Figura 77 - Esquemas com palavras mais representativas de cada grupo e dos dois grupos.



Fonte: Pesquisa direta, 2004

Analisando os resultados obtidos por meio dos esquemas que sintetizam as palavras mais representativas por grupos (CIC e CIR) e o que é comum entre eles, percebe-se que ambos apresentam termos negativos, como foi anunciando anteriormente. As expressões *ruim*, *abandonado*, *desorganizado*, *sem movimento* e de *localização ruim* para o desempenho da atividade de comércio são comuns aos dois grupos. A falta de identidade com o espaço enquanto estrutura, espaço geométrico, nos termos colocados por Merleau-Ponty(1971), não permite o desenvolvimento do espaço existencial, *o locus*, onde se processa a experiência da relação do ser com o meio. O que se percebe é uma relação pressionada pela necessidade de garantir a sobrevivência. Isso é bastante evidente quando se analisa que 100% dos comerciantes informais de rua preferem as ruas e não gostariam de ir comercializar no Calçadão, ou seja, não se identificam com o ambiente. Chegam a atribuir nota zero ao empreendimento.

Os **CIC**, muito embora alguns tenham se identificando com o ambiente, em sua maioria não se identificaram e demonstram, nas suas falas, palavras que se ancoram no seu passado. As expressões *rua* e *chão* remetem à forma de comercializar originária dos primeiros mascates e, assim, de todos os ambulantes ou comerciantes de rua. Essa base, o chão, a rua, é como se fosse o mínimo necessário para se estabelecer o comércio, a atividade. Havendo isso, o resto se molda rapidamente. Vender bem está atrelado à boa localização. Essa boa localização é suficiente para se permanecer no local, criar raízes, transformá-lo em lugar. Essa idéia é ancorada nas formas de apropriação feitas pelos comerciantes de rua que só permanecem em locais atrativos e de bom fluxo de pedestres. O espaço é, pois, o lugar praticado, um cruzamento de forças que dão movimento e animação ao lugar (Certeau,1990). O Calçadão não está, na sua plenitude, sendo capaz de oferecer atrativos aos seus ocupantes de modo a criar raízes, gerar vínculos, interpelar os sujeitos de forma variada (Guattari,1992). Os termos *ruim*, *mal* e *fome* encontram-se impregnados de objetivações ligadas ao abandono do local. Comparando-se com a realidade anterior dos comerciantes de rua, o Calçadão não atende às expectativas, o que um entrevistado consegue resumir numa frase: *Nós éramos felizes e não sabíamos*.

Os **CIR** também demonstram palavras que podemos ancorar nos primórdios da atividade de comércio de rua. Os termos *rua*, *diferente*, *raízes* expressam as comparações feitas com a nova realidade, que é entendida como *prisão*, *inferno*. Torná-los fixos, presos a

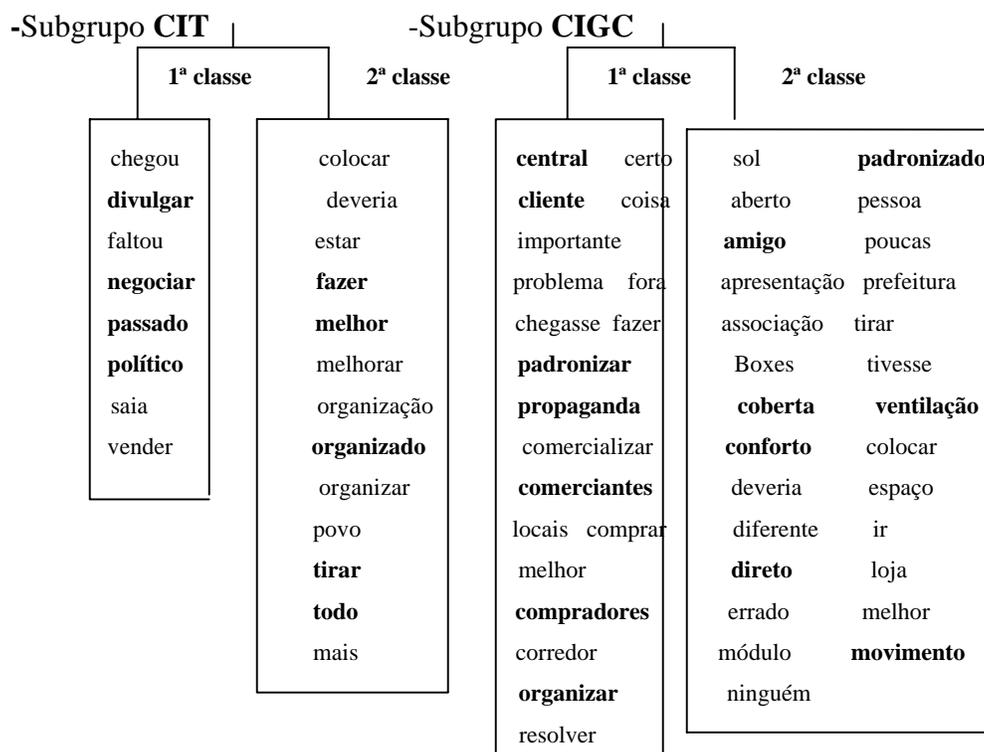
uma estrutura e sem movimento de compradores, é contrário a toda a filosofia de vida desses comerciantes. O direito de se deslocar no meio urbano, procurando bons fluxos de pedestres é uma prática muito antiga e sábia. Dessa maneira, o comerciante assegura o seu sustento com boas vendas. Tudo isso é reforçado com as expressões *circulação* e *passagem*, muito faladas nos discursos dos **CIR**, as quais fortalecem as idéias sobre a necessidade de uma boa localização, onde haja pessoas passando, os possíveis compradores.

4.2.2 Como deveria ser o Calçadão dos Mascates

Todas as informações acima, apresentadas nos fragmentos das entrevistas ou nas observações *in loco*, já apontam uma direção de como deveria ser o Calçadão para atender às necessidades dos comerciantes informais. O ALCESTE equacionou as repostas, novamente por classes de palavras, referentes e salientou dados mais precisos para uma melhor análise.

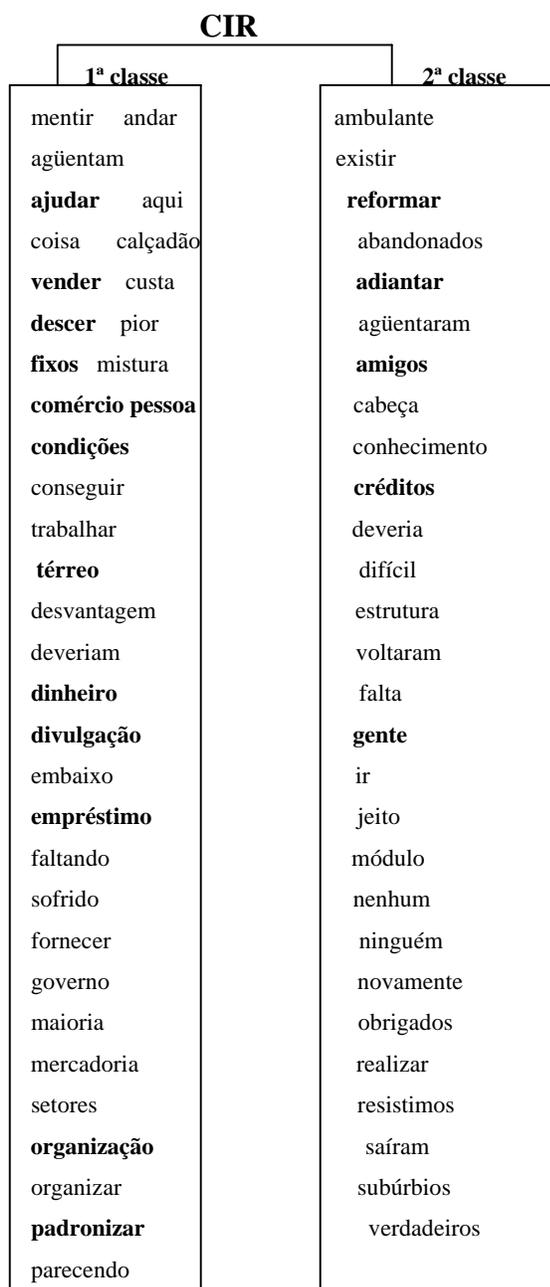
Perguntado sobre como deveria ser o Calçadão, foram obtidas as seguintes classes de palavras, conforme os esquemas a seguir.

Figura 78 - Esquema com palavras mais representativas dos CITs e CIGCs – Como deveria ser o Calçadão



. Fonte: Pesquisa direta, 2004

Figura79 - Palavras mais representativas do grupo CIR – Como deveria ser o Calçado



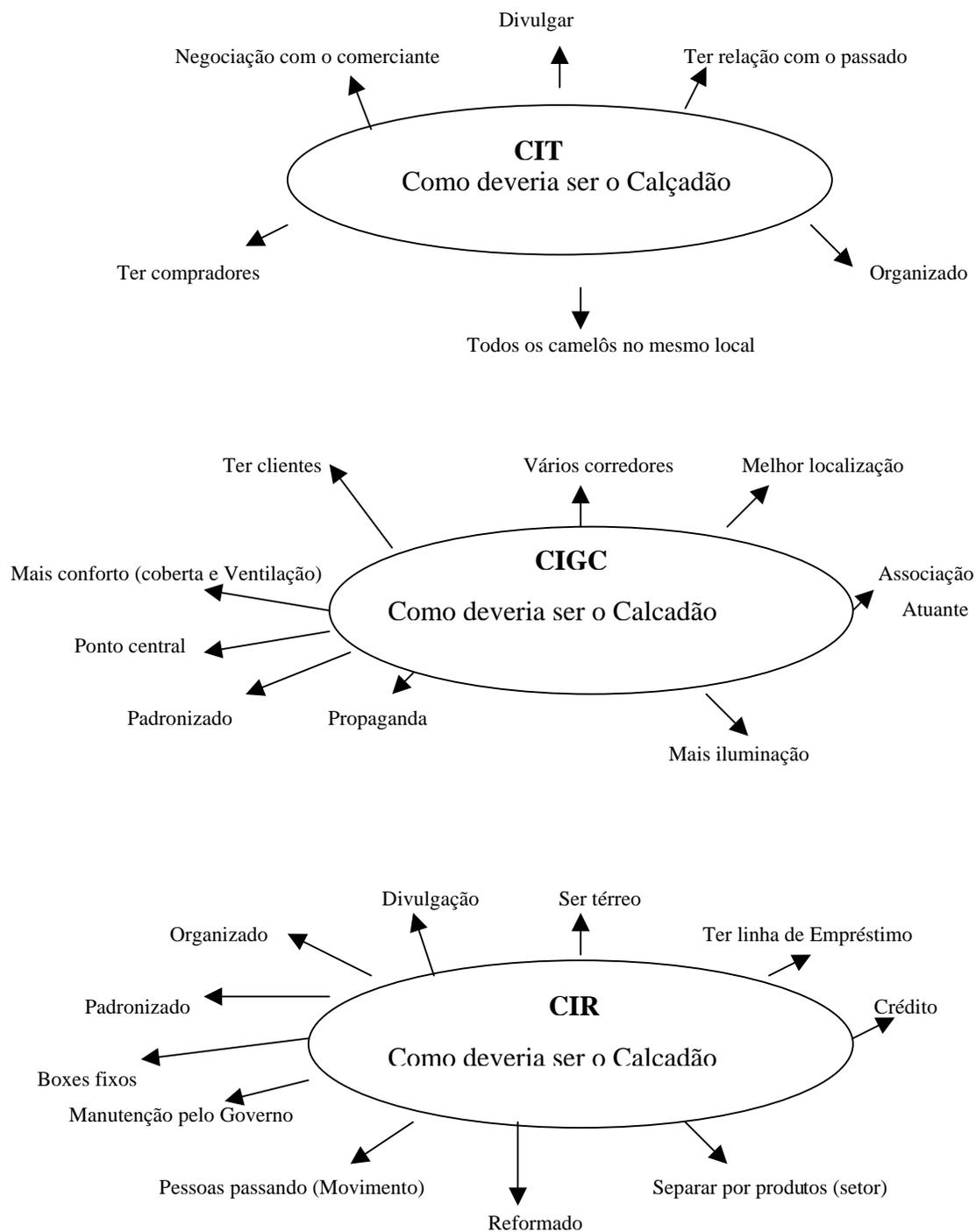
Fonte: Pesquisa direta, 2003

No caso do material colhido para a análise da pergunta sobre como deveria ser o Calçadão, foram obtidas apenas duas classes de palavras, pois, normalmente, os entrevistados eram muito sucintos nas repostas e isso gera uma quantidade pequena de palavras, com pouca variação. Mas as palavras são muito significativas. A partir dessas classes, organizou-se um esquema contendo blocos de palavras mais representativas das duas classes para cada grupo e, em seguida, um esquema com um bloco de palavras mais significativas comuns entre os grupos **CIC** (CIT; CIGC) e **CIR**.

Ainda observando as palavras das classes de cada grupo, percebe-se uma tendência a uma qualidade, ou, de outra maneira, ou são palavras negativas, ou remetem ao passado, ou à responsabilidade, ou ao local propriamente dito. O subgrupo **CIT** apresenta palavras da 1ª classe ligadas ao fato da transferência: *chegou; faltou; negociar; passado ; político; saia; vender*. Representam a imposição que foi o ato da transferência. Já as palavras da 1ª classe do subgrupo **CIGC** apresentam termos ligados às falhas do local: *central; cliente; importante; problemas; chegassem ; comerciantes; compradores; local; melhor; organizar; propaganda; resolver*. Representam a consciência do problema, mas que há soluções. No grupo **CIR**, as palavras da 1ª classe representam indignação: *mentir; agüentam; conseguir; custa; desvantagem; faltando; governo; misturado; organizar; parecendo; pior; separar; sofrido*.

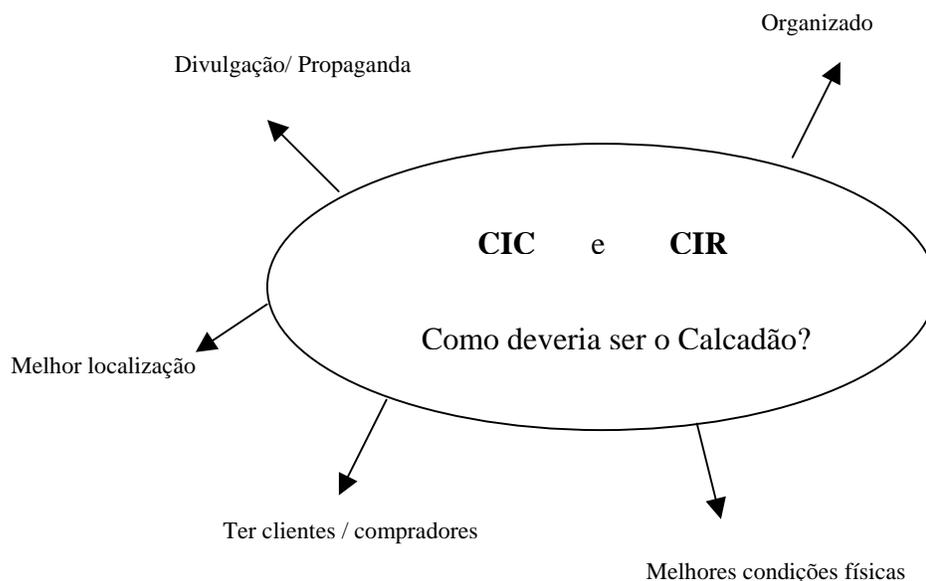
Após a análise, alguns esquemas foram feitos sintetizando as palavras mais representativas para cada grupo ou subgrupo e depois entre os dois grupos **CIC** e **CIR**, na esperança de se conseguir revelar a representação a partir das falas dos dois grupos.

Figura 80 - Esquema com as palavras mais representativas de cada grupo – Como deveria ser o Calçado



. Fonte: Pesquisa direta, 2004

Figura 81 Esquema com as palavras mais representativas entre os grupos CIC e CIR – Como deveria ser o Calçadão



Fonte: pesquisa direta, 2004

A partir da análise do ALCESTE, foi possível gerar esquemas gráficos que demonstram as palavras mais significativas para a análise, como foi demonstrado acima. É evidente que as palavras por si só, às vezes, parecem sem sentido e associações são feitas ao material capturado na observação *in loco* para que, em conjunto, possam dar ou clarear o sentido (Moscovici, 2003).

No caso em análise, as palavras são sempre negativas quando perguntados sobre como vêm o Calçadão (*abandonado, bagunça, fraco, ruim, horrível, loucura, inferno, porcaria, falido, prisão*). E quando perguntados como deveria ser o Calçadão, as palavras revelam semelhança com as palavras que representavam as intenções iniciais do projeto Calçadão dos Mascates, ou seja, ter *higiene*, ter *segurança* e ter *organização*. O termo desorganizado é compreendido por meio de várias outras expressões, como *bagunça, zona, favela*, ou embutido nos termos *horrível, loucura, inferno, ruim*.

Várias associações podem ser feitas com os resultados da análise: associações ligadas ao passado desse segmento social - os comerciantes informais -, ou ligadas ao momento político e econômico presente. No próximo capítulo, essa investigação será fechada com as conclusões elaboradas a partir de todo esse material.

5 CONCLUSÕES PLAUSÍVEIS: OBSERVANDO POR OUTRA ÓTICA

*Uma pintura de Paul Klee chamada **Angelus Novus** mostra um anjo olhando como que a ponto de distanciar-se de alguma coisa que está contemplando fixamente. Seus olhos estão arregalados, sua boca, aberta, suas asas, despregadas. É assim que se retrata o anjo da história. Seu rosto está virado para o passado . Onde percebemos um encadeamento de fatos, ele vê uma só catástrofe, que acumula ruínas sobre ruínas e as atira a seus pés. O anjo gostaria de ficar, de despertar os mortos e restaurar o que foi destruído. Mas uma tormenta está soprando do Paraíso; ela fustiga suas asas com tamanha violência que o anjo não consegue mais fechá-las. Essa tormenta impele-o irresistivelmente em direção ao futuro, para o qual suas costas estão voltadas, enquanto o monte de destroços diante dele cresce até o céu. Essa tormenta é o que chamamos de progresso.*

Walter Benjamin

(Teses sobre a filosofia da história, 1940)

Esta investigação procurou apresentar e refletir sobre a importância dos insumos captados a partir das Representações Sociais como conhecimentos coadjuvantes para a elaboração de intervenções urbanas, ou seja, sobre a inserção dos saberes subjetivos e dos sujeitos envolvidos no corpo informacional técnico-científico.

Procurou-se demonstrar as idéias, práticas e saberes compartilhados pelos comerciantes informais com referência ao Calçadão dos Mascates, no bairro de São José, fruto de uma intervenção urbana.

As informações foram analisadas tendo como orientação as convergências entre os grupos de comerciantes informais entrevistados sobre o Camelódromo.

Semelhanças foram evidenciadas, mas, muitas vezes, acompanhadas de conflitos e contradições nas falas ou nas histórias contadas, comportamento pertinente à própria natureza das representações (Santos, 1998). Os comerciantes entrevistados refletiram sobre

a sua realidade, alguns apoiados no passado, outros no presente e poucos no futuro, pois muitos verbalizavam que ali não havia futuro, apenas sofrimento. Mesmo assim, pensaram e descreveram aspectos negativos e positivos relacionados com os espaços (setores) do Calçadão. Esses espaços, mesmo após dez anos de uso, ainda não conseguiram transformar-se em lugares, nos termos colocados por Augé(1994) – uma realidade marcada historicamente com identidade própria, sempre em eterno acabamento, ou pelo menos, ter características de local agradável que se presta para o prometido. Os entrevistados, com suas idéias, medos, aspirações e sonhos, revelaram um conjunto informacional, por meio do qual procurou-se entender os aspectos essenciais da relação sujeito/espaço e refletir sobre a possível contribuição desses conhecimentos nos processos de concepção de projetos de intervenção urbana.

A análise mostrou que é possível considerar que se aproximar das Representações Sociais dos sujeitos em relação a um determinado espaço é um dos caminhos a ser percorrido. Um valioso instrumento de pesquisa, que permite um maior conhecimento sobre a realidade, principalmente sobre a realidade socioespacial. Afinal, o espaço tanto fornece o contexto em que as representações se desenvolvem como é constituído por elas(Moscovici, 1978). Assim, analisar o Calçadão dos Mascates por meio das representações que os comerciantes informais lhe atribuem significou captar e compreender como é visto ou entendido o Calçadão, espaço edificado com pretensões de atender às suas necessidades básicas (organização, higiene, segurança) para o desempenho da atividade de comércio.

Nessa perspectiva, alguns pontos concernentes ao entendimento das idéias e práticas compartilhadas desses sujeitos, bem como das identidades atribuídas a esse espaço, são importantes para uma reflexão.

O primeiro ponto a considerar é que, no Calçadão dos Mascates, a história passada e a presente estão de fato contribuindo para uma dupla leitura do que pode ser o espaço de trabalho Camelódromo. Para os mais antigos, respaldados por anos de bons lucros quando comercializavam nas ruas, o Camelódromo apresenta-se como um empreendimento que não deu certo, fadado, desde o início, ao fracasso por conta da escolha do local. Essa afirmação percorre os discursos, do início ao fim, dos comerciantes informais transferidos para o Calçadão. Eles definem o Calçadão como uma prisão, um local desorganizado, sem

segurança e higiene. Admitem que os primeiros Quiosques e o primeiro Módulo dão bons retornos financeiros, mas alertam que os comerciantes lotados ali, desde o processo de transferência, não foram os mais antigos das ruas, mas sim os “afilhados de políticos”. Sentem muita saudade dos pontos que ocupavam nas ruas. Esclarecem que eram tão bons que, hoje, estão novamente ocupados por “*outros donos*”. Essa expressão, nas falas, aparece acompanhada de um sentimento de traição, como se a Prefeitura tivesse maquinado um grande engodo para tomar seus pontos e distribuí-los a “afilhados”. Sentem falta dos amigos, da vizinhança, externam até uma mudança de caráter, ou pelo menos de atitude, como esclarece Dona Carmelita nas suas falas: *Eu aqui fiquei mais esperta, fiquei ruim.*

Os que iniciaram sua atividade de comerciante informal no Calçadão definem o local como desorganizado, abandonado, sem segurança e sem higiene, mas não apresentam tristeza nas falas, e sim, esperança em melhoras. Ainda acreditam nos projetos que a Prefeitura apresenta como revitalizador para área. Tentam identificar-se com o ambiente. Transformam os setores de modo a atender às suas necessidades. Investem em propagandas e, portanto, em sonhos. Como exemplo disso, pode ser citado a Presidenta da Associação dos Comerciantes do Calçadão dos Mascates, que luta para mudar o nome do Camelódromo, bem como o próprio nome da Associação. A proposta é que seja chamado *Associação dos empreendedores do Shopping São José*, numa negação forte do passado, alegando que ninguém gosta de pobreza e que as expressões camelô, comerciante informal, ambulante, mascates, lembram pobreza, produtos sem qualidade. Seu entrave maior tem sido convencer os antigos comerciantes a respeito dessa nova leitura. Mas, mesmo nesse grupo, os comerciantes da geração Calçadão, as idéias de reforma e adequação mexem na forma do Calçadão, evidenciam a inadequação da forma à função. Sonham com Módulos fechados e com central de ar refrigerado. Acreditam que, se houvesse uma ou duas lojas-âncoras¹ próximas ao sexto Módulo, esse ganharia movimento. São falas de pessoas que não têm compromisso nem referência com o passado e que sonham revitalizar aquele ambiente, torná-lo produtivo.

O segundo ponto é que as comparações feitas pelos comerciantes de rua, entre o Calçadão dos Mascates e as ruas, evidenciam o pouco conhecimento que se tem desse tipo de profissional, das características básicas desse tipo de atividade. Esses entrevistados das ruas, resistentes à transferência, acham que *aquilo ali* não serve para camelô. Comparam a

flexibilidade que se tem para acompanhar o fluxo dos pedestres ali nas ruas com a rigidez dos pontos de comércio do Camelódromo. Um comerciante que sempre se movimenta no espaço urbano, de acordo com a trajetória dos consumidores, não pode ficar tão fixo, dizem alguns. E comparam: *Hoje já nem é tão bom comercializar nas ruas do centro, bom mesmo está lá na rua da Soledade e na rua que liga a Domingos Ferreira ao Shopping Recife, lá em Boa Viagem.*

Além de comparar, comentam que a falta de compradores levou muitos do Camelódromo ao empobrecimento, às dívidas. Acusam a Prefeitura de aniquilar uma boa parte de comerciantes que tinham tradição no serviço. Explicam que esse exemplo serviu apenas para conscientizar os outros ambulantes sobre a importância da resistência, do direito de ficar nas ruas:

Vejam se os 'relojeiros do Diário' aceitaram ir para lá, não vão mesmo. Já ofereceram Boxe, ali no início do primeiro Módulo, onde ainda se vende alguma coisa e ninguém quer, não vai mesmo. É briga e mais brigas com a Prefeitura e ela respeita porque tem consciência que já fez mal aos que estão lá no Calçadão.

Então, para esse grupo, o Calçadão é visto como inadequado para a atividade, lugar de sofrimento, desorganizado.

O terceiro ponto é que a forma de apropriação dos setores do Calçadão deixa clara a falta de identidade da forma do espaço projetado, não reflete a apropriação nos moldes estabelecidos por Rooseman Silva (2003), ou seja, acréscimos à estrutura, aos Boxes e novas formas de pontos de comércio foram verificados nas observações *in loco*. Na verdade, essa desorganização, em parte, deve-se à inadequação das formas propostas e, em parte, ao local mais atrativo onde foram implantados os primeiros Quiosques e os primeiros Módulos.

A implantação do Calçadão dos Mascates não é um sucesso. A leitura dos capítulos anteriores assinala aspectos reveladores da questão, muito mais esclarecedores do que as conclusões aqui apresentadas.

Convém registrar que os autores do projeto conceberam o Camelódromo a partir de uma visão de contornos "modernos". Isso porque:

- a) Basearam-se numa moderna (renovadora) crítica ao racionalismo inerente ao modernismo (corrente filosófica/estética/urbanística), que passa a ser considerado como equívoco *ultrapassado*;
- b) Apresentaram-se uma nova interpretação do problema socioeconômico do ambulante nas grandes cidades do Brasil, daí brotando a *novidade* de tratar o camelô como agente vitalizador, ao invés da "velha" abordagem que se preocupava, principalmente, com a rua e acreditava que a expulsão do ambulante seria suficiente para revitalizá-la.

De fato, esse aspecto não passa despercebido aos olhos críticos mais categorizados. O Conselho Internacional de Crítica de Arquitetura, reunido na segunda Bienal Internacional de Arquitetura no Brasil, referindo-se ao Calçadão dos Mascates do Recife, registra: *Uma construção formal para um comércio informal. O legal para o 'ilegal'. Projeto bem resolvido e bem estruturado é original e inusitado* (in DP de 21/10/2001).

Portanto, no sentido de algo novo, haveria um projeto moderno. Todavia, as novidades implementadas não são uma ruptura absoluta com os padrões vigentes anteriormente. Embora se tenha, teoricamente, focado o camelô como agente da revitalização do espaço degradado, quando da elaboração da proposta esse agente é tratado como objeto e não como sujeito. Houve a mudança do elemento enfocado, mas não houve a transposição do lugar que esse elemento ocupa na sintaxe do procedimento projetual. Essa atitude reflete o paradigma do racionalismo modernista apregoado na Carta de Atenas, que impregnou os urbanistas e arquitetos com o sentimento de que suas capacidades de análise e discernimento dispensam as opiniões dos usuários, contrariando assim as idéias apresentadas por Souza (2002), quando afirma a necessidades do aprendizado mútuo entre os cientistas sociais e os arquitetos. Desse modo, a nova postura teórica diante do problema sociourbanístico não teve como resultado um produto que lhe desse seqüência plenamente coerente. A idéia inovadora de mudar o foco, que se deu no momento da análise do problema, parece que não foi completamente assimilada, a ponto de trazer esse foco para a posição, igualmente nova, de agente/sujeito. Como bem advertiu De La Mora (2002) para garantir o sucesso do empreendimento é necessário o envolvimento de todos, principalmente dos sujeitos sociais para quem o projeto está sendo elaborado. Essa afirmação fica clara quando se analisam a obra e as diversas opiniões sobre ela. A locação

não levou devidamente em conta o fluxo de clientes, fator fundamental para o sucesso ou o fracasso do empreendimento. Por certo, não foram atendidos os então considerados "agentes". Nem mesmo foi observado um dos sinais que poderia falar por eles: o comércio ambulante nunca se estendeu até àquele sítio onde se implantou o último terço do Calçadão. E mais, os espaços destinados aos estoques são muito menores do que aqueles que seriam necessários. Tal deficiência denuncia que não se conheciam muito bem as reais condições pré-existentes no funcionamento do comércio de rua. O camelô, embora chamado de *agente* vitalizador, é tratado como *objeto*, quando da concretização do projeto que deu forma à solução apresentada.

Os Módulos sustentados por pilotis trazem bem forte a proposta do modernismo de liberar o solo integrando ruas, deixando-as livres para a circulação do ar e para a visão dos pedestres. Esse compromisso é tão forte que chega a obscurecer a outra premissa teórica, que se refere à alusão ao bairro de São José, na sua pretensão de sugerir ruas estreitas. Não seriam mais compatíveis fachadas apoiadas diretamente no solo? Corredores apenas transversais? Essas respostas são bem e detalhadamente respondidas nas falas e idéias compartilhadas dos comerciantes informais. Foram construídas a partir de uma experiência de uso do espaço urbano, a partir de uma vivência cotidiana. Estão enraizadas no seu passado, na sua prática.

É de se notar que foram criados pórticos para se estabelecer a marcação de "*cabeças de quadra*". Isso parece indicar que os autores do projeto perceberam que o conjunto solto do solo diluía a percepção de qualquer alusão às antigas quadras, percepção essa que levou à criação desses novos elementos, mas não ao abandono da forma modernista dos pilotis.

Outro aspecto a ser considerado: Os Arcos soltos (pórticos), como elementos simbólicos de marcação, são, certamente, linguagem estranha ao vocabulário modernista. Seriam, talvez, pós-modernos? Os Arcos do Calçadão têm uma função para além do puro ornamento. Haveria, então, um elemento de *modernidade* no sentido que lhe confere Henri Lefèbvre:¹ "*Um impulso para a criação, ruptura declarada com todas as ideologias e teorias da imitação, cuja base é a referência ao antigo e a tendência para o academismo.*"

1 –Citado por LeGroff em *História e Memória*, São Paulo, 4ª ed. p.190.

No entanto, a proposta, a despeito da forma, caracteriza uma postura intelectualizada, característica do racionalismo modernista. Na falas dos comerciantes, ficou claro que a intenção não foi decodificada. A mensagem de resgate da imagem do bairro antigo, ou pelo menos, do principal monumento demolido – a Igreja do Bom Jesus dos Martírios, não foi interpretada. Muito menos se percebeu que as torres das caixas d'água faziam alusão às torres das igrejas do bairro.

As respostas encontradas nas falas e nas observações *in loco* sequer lembraram monumento algum, muito menos relacionam a existência dos Arcos com uma homenagem. Na verdade, o que os comerciantes informais deixaram claro é que os locais onde há movimento de comparadores não deveriam ser utilizados com elementos arquitetônicos que só enfeitam. Para eles, tais elementos significam um desperdício de uma boa área para comercializar. Daí, as chocantes imagens de apropriação indevida, de 'mau uso' da estrutura do Calçadão. E, pior ainda, o reconhecimento e autorização, por parte dos responsáveis pelo empreendimento, para a locação de pontos de comércio nos lugares não estabelecidos para tal finalidade – fomentação da desorganização.

Deixando de lado as elucubrações de ordem semântica, resta a evidência de que, a despeito dos prêmios e elogios dados pela intelectualidade do mundo do urbanismo e da arquitetura, o Calçadão dos Mascates não é um empreendimento bem sucedido. Não que tenha sido bombardeado por críticas de intelectuais opositores, movidos por interesses filosóficos ou políticos contrários, mas não funciona, simplesmente, por falta de adequação às condições e às necessidades do organismo urbano – dos atores envolvidos com a sua ocupação.

Desse modo, eis um caso que caracteriza a imprecisão do fazer urbanístico: apropria-se de novas percepções com relação à participação dos atores no cenário urbano, sem, no entanto, dar indícios de que carece de técnicas e métodos que viabilizem o efetivo aproveitamento dessa nova visão – a consideração da leitura subjetiva.

Tudo indica que se está repetindo a crise do anjo de Klee, citado por Benjamin: impelidos ao futuro, olha-se para o passado que se deseja restaurar. Se isso, por um lado, é bom pelo que significa de preocupação com relação ao despertar dos mortos, por outro, é ruim porque põe os projetistas de costas para o caminho que, fatalmente, terá de trilhar, arrastado pela ventania inexorável do progresso.

Não seria tempo de criar condições técnicas para a aplicação das teorias que apontam para o usuário como o sujeito da ação urbanística e assim tratá-lo, levando efetivamente em consideração os seus anseios e validando as suas expectativas funcionais e formais?

Não seria tempo, então, de recorrer às Representações Sociais para conhecer verdadeiramente a cidade - já que são as pessoas o que há de mais importante nelas – e, assim, evitar equívocos no tratamento das questões urbanísticas?

Para haver algo novo no campo do Planejamento Urbano, especificamente no campo do Desenho Urbano, não se deveria romper com os paradigmas existentes e ir ao encontro do ser humano/social e mantê-lo como centro em todas as fases do processo da ação técnica, isso implicando ouvi-lo, respeitá-lo e atendê-lo?

De outra maneira, parece, o projetista estará sempre colhendo fracassos ou sucessos muito parciais.

REFERÊNCIAS

- Arantes, Otília B. Fiori.(1998). **Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica**. São Paulo ed. Universidade de São Paulo
- Almeida, M^a Oliveira.(2003). **A pesquisa em representações sociais: fundamentos teóricos-metodológicos** – LAPES/PED/Instituto de Psicologia/UnB.
- Almeida, Santos, Trindade.(2000). **Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas**. Temas em psicologia da SBP – vol. 8, n^o 3,257 – 267.
- Araújo,Bezerra, Coucero.(1995). **O comércio de rua e a Calçada dos Mascates – relatório executivo**, n^o 48, Fundação Joaquim Nabuco.
- Augé, Mark.(1988). **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade** Campinas, Papyrus (1994); São Paulo Martins Fontes, 1988.
- Baptista, L. A. S.(1997). **As cidades da falta**. Revista Saúde Loucura, n^o 6. São Paulo, Hucitec.
- Bardet, Gaston.(1990) **O Urbanismo** – Tradução Flávia Nascimento, São Paulo: ed. Papyrus / 2^a edição .
- Benjamin, Walter (1940). **Teses sobre a filosofia da história**, Sorbone,França.
- Bachelard, Gaston.(1993) **A poética dos espaços** – São Paulo: Martins Fontes.
- Bourdieu, Pierre.(1998) **Poder simbólico** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Carracas, Luciana Bugarin.(2002) **Viver e Sentir: investigando os significados atribuídos aos espaços livres públicos da Rua da Estrela (São Luis-Maranhão)**, Recife, tese de mestrado MDU/UFPE.
- Carlos, Ana Fani.(2001) **Espaço e tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto.
- Carlos, Ana Fani Alessandri.(1996) **O lugar no/ do mundo** - São Paulo: Hucitec.
- Castells, Manuel (1942). **A questão urbana**. RJ. Ed.Paz e Terra 1983 – coleção pensamento críticoV48 – Tradução Arlene Caetano
- Castro, Josué.(1954) **A cidade do Recife: ensaio de geografia urbana** - RJ Casa do Estudante Brasil.
- Certeau, M. (1990). **L'invention du quotidien**. Paris, Gallimard.

- Ciampa, Antonio da Costa.(1998) **A Estória do Severino e a historia da Severina**. São Paulo: Brasiliense.
- De La Mora, Luis.(2002) **Curso de Gerenciamento de cidades** – em apostila, UFPE
- Del Rio, Vicente,(1955) **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento** – São Paulo, Pini 1990
- Eco, Umberto.(1985) **Como se faz uma tese**. São Pulo: Perspectiva.
- Freyre, Gilberto.(1961) **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Ferrara, Lucrecia D. Alesio.(1988) **Ver a Cidade: cidade, imagem, leitura**. – São Paulo: Nobel.
- Farr, Robert M.(1995) **Representações sociais: a teoria e sua historia**. In: GUARESCHI, Pedrinho A; Jovchelovitch, Sandra (orgs). **Textos em representações sociais**. 7 ed. Petrópolis RJ: Vozes.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda.(1986) **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. Ver. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Foucault, M.(1979). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal.
- Gomes, Edvânia T. A.(1997) *Recortes de paisagens na Cidade do Recife: uma abordagem geográfica*, Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia / USP.
- Holanda, Nilson.(1987) **Planejamento e Projeto** G.E.S.A. Fortaleza – CE 13ª edição.
- Guattari, F. (1992). **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro, Ed.34.
- Jornal do Comércio, artigo: **O Camelôdromo**, responsabilidade do editorial do jornal; 05 de novembro de 1998
- Josephson, S.C. (1997). **Espaços urbanos e estratégias de hierarquização**. Revista Saúde Loucura, nº 6 . São Paulo, Hucitec.
- Jovchelovitch, Sandra.(2000) **Representações sociais e a esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis – RJ: Vozes.
- Kohlsdorf, Maria Elaine.(1996) **A Apreensão da forma da cidade**. Brasília: UNB.
- Laville, Christian; Dionne, Jean.(1999) **A construção do saber**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: UFMG.
- Lamas, José R.G.(1994) **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: JNICT/ Colouste Gulbekian.

- Lapa, Tomás.(1987) **O Recife de Frente e de Perfil: estudo de uma paisagem urbana.** Recife-PE, inojosa Editores – 1ª edição.
- Lamas, José. (1990) – **História do Desenho Urbano**
- Le Goff, Jacques.(1987) **História e memória**, 4ª ed.
- Leitão, Lúcia. (1998) **Os Movimentos desejanter da cidade.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife.
- Lobosque, A. M. (1997). **O sujeito e a cidade: população de rua, espaço e lugar** . In: Princípios para uma Clínica Antimanicomial e Outros Escritos. São Paulo, Hucitec
- Matus, Carlos.(1989) **Adeus senhor presidente: planejamento, antiplanejamento e governo.** Editora Litteris. 1ª edição
- Merleau-Ponty, M. (1971). **Fenomenologia da Percepção.** Rio de Janeiro, Freitas Bastos.
- Minayo, Maria Cecília de Souza.(1993) **O Desafio do conhecimento.** 2 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- _____ (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.
- Moreira, Antonio Silva Paredes e Oliveira, Diniz Cristina(org.) 1998 **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**, Goiás. AB
- Texto: Santos, Mª de Fátima de Souza **Representação social e identidade**, p.151.
- Moscovici, Serge (1978) **A Representação social da Psicanálise.** Rj: Zahar Editores
- Moscovici, Serge (2003) **Representação Sócios: investigações em psicologia social.** Tradução Pedrinho A. Guareschi – Petrópolis, RJ: Editora Vozes
- Monteiro, Circe Maria G.(1996) **Representações sociais da cidade: do imaginário ao real.** In: Farret, Ricardo L. (org). Encontro Nacional – ANPUR, 6, 1995,Brasília. Anais... Recife: UFPE, MDU.
- Pedrinho A; Jovchelovitch, Sandra (orgs).(1995) **Textos em representações sociais.** 7 ed. Petrópolis RJ: Vozes.
- Pereira, Luz Valente.(1996) **A Leitura da imagem de uma área urbana como preparação para o planejamento/ação da sua reabilitação.**Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Ribeiro,Marcelo Afonso.(2003) **Espaço urbano: O silêncio ruidoso das ruas.**
- Santos, Milton.(1992) **Espaço e método**-3ª edição São Paulo : Nobel, (coleção espaço)

- Santos, Milton. (1999) **A Natureza do espaço**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec.
- Silva, Rooseman de Oliveira.(2003) **Formas de uso e apropriação do espaço urbano coletivo: o caso do bairro Jardins em Aracaju – SE**, Dissertação de mestrado, MDU /UFPE.
- Santos, M^a de Fátima de Souza.(1998) **Estudos Interdisciplinares de Representações Sociais**. Goiás, HB, – Org.Moreira, Antonio Silva Paredes e Oliveira, Denize Cristina. Texto: Representação social e Identidade, pág. 151
- Spink, Mary Jane (org).(1995) **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense.
- _____ (org.) **Prática discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.
- Sitte,Camillo.(1992) **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática.
- Tuan,yi-fu.(1983) **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel.
- _____ **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1984.
- **O Calçadão dos Mascates** (1993/94). Revista Projeto e Design 190.
- **Recife está recuperando seu centro histórico**, Revista Projeto e Design 243.

APÊNDICE

ROTEIRO TEMÁTICO – ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Entrevistas do Calçadão – Grupo **CIC** (CIT + CIGC) – Com gravador

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Mestrado em Desenvolvimento Urbano – MDU

Mestranda e entrevistadora Ana Maria da Costa, turma 23

Data: / /

Horário:

Entrevista número: _____

Dados sobre o entrevistado:

Nome:

Onde comercializava:

Tempo como comerciante informal:

Idade:

01 O que significa o Calçadão dos Mascates ou Camelódromo para você?

02 O que você acha da localização?

03 O que você acha da higiene?

04 O que você acha da segurança?

05 O que não lhe agrada no Calçadão?

06 Como esse espaço deveria ser?

07 Diga palavra que vem a mente quando eu falo a palavra Calçadão?

08 Fale um pouco sobre a sua vida no Calçadão.

09 Comparando comercializar nas ruas e aqui?

10 Quais as sugestões para o Calçadão

Entrevistas das ruas – Grupo CIR

- com gravador

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Mestrado em Desenvolvimento Urbano – MDU

Mestranda e entrevistadora Ana Maria da Costa, turma 23

Data: / /

Horário:

Entrevista número: _____

Dados sobre o entrevistado:

Nome:

Onde comercializava:

Tempo como comerciante informal:

Idade:

01 Você gostaria de comercializar no Calçadão?

02 O que você acha da localização?

03 O que você acha da higiene?

04 O que você acha da segurança?

05 O que você acha dos comerciantes que estão lá?

06 Comparado o seu pontos e os pontos do Calçadão, o que você acha?

07 Diga palavra que vem a mente quando eu falo a palavra Calçadão?

08 Fale um pouco sobre a sua vida no Calçadão?

09 Tem sugestões para o Calçadão?

Entrevistas das ruas – Grupo CIR

- sem gravador

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Mestrado em Desenvolvimento Urbano – MDU

Mestranda e entrevistadora Ana Maria da Costa, turma 23

Data: / /

Horário:

Entrevista número: _____

Dados sobre o entrevistado:

Nome:

Onde comercializava:

Tempo como comerciante informal:

Idade:

01 Você gostaria de ir comercializar no Calçadão dos Mascates?

02 O que acha da localização?

03 O que você dos que estão comercializando lá?

04 Tem alguma sugestão (idéia) para aquele espaço